convergência

OUTUBRO ▪ 1997 ▪ ANO XXXII Nº 306

- EVANGELIZAÇÃO E FAMÍLIA NESTE FINAL DE MILÊNIO
- A FECUNDIDADE DA SOLIDÃO OU QUE PROVEITO TEM O HOMEM EM GANHAR O MUNDO INTEIRO SE ELE SE PERDER OU ARRUINAR-SE A SI MESMO?
- MARIA NA "FALA" DO POVO
- O SEGUIMENTO DE JESUS NA INSERÇÃO. ESPIRITUALIDADE
- CONFEDERAÇÃO LATINO-AMERICANA DE RELIGIOSOS – CLAR

SUMÁRIO

EDITORIAL 453
Ir. Carmelita de Freitas, FJ

PALAVRA DO PAPA 455

INFORME CRB 458

EVANGELIZAÇÃO E FAMÍLIA NESTE FINAL DE MILÊNIO 462
Fr. Bernardino Leers, OFM

A FECUNDIDADE DA SOLIDÃO OU QUE PROVEITO TEM O HOMEM EM GANHAR O MUNDO INTEIRO SE ELE SE PERDER OU ARRUINAR-SE A SI MESMO? 475
Frei Prudente Nery – OFMCap.

MARIA NA "FALA" DO POVO 485
Ir. Rosa Adela Osorio Sierra, FMM

O SEGUIMENTO DE JESUS NA INSERÇÃO ESPIRITUALIDADE 496
Fr. Moacir Casagrande, OFM Cap.

CONFEDERAÇÃO LATINO-AMERICANA DE RELIGIOSOS – CLAR 512

NOSSA CAPA

A ilustração para os próximos anos chama a atenção para a participação e o envolvimento da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) no projeto de evangelização "Rumo ao novo milênio". Trata-se de uma fotografia tomada do mural artístico confeccionado em pedras de variadas cores numa parede interna, junto à capela da sede da CRB Nacional. Inspirado no logotipo escolhido pela Comissão Central da Santa Sé para o Jubileu, presidida pelo Cardeal Roger Etchegarray, a partir de um concurso vencido pela estudante de arte italiana Emanuela Rocchi, o artista plástico José Antonio Abreu, de Igarapé, MG, compôs o mosaico com grande expressão e beleza. Nele se destacam o globo terrestre, os cinco continentes representados pelas pombas, a cruz estilizada e as palavras: CRISTO, ONTEM, HOJE, SEMPRE, sinalizando o anúncio principal do projeto **(Pe. João Roque Rohr, SJ)**.

ASSINATURA PARA 1997:

BRASIL: taxa única
Terrestre ou aérea ..... R$ 55,00

EXTERIOR: taxa única
Terrestre ou aérea ..... R$ 85,00
Número avulso (Brasil) ..... R$ 5,50

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

convergência
Revista Mensal da
Conferência dos Religiosos
do Brasil: CRB

DIRETOR-RESPONSÁVEL:
Pe. João Roque Rohr, SJ

REDATOR-RESPONSÁVEL:
Pe. Marcos de Lima, SDB (Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:
Coordenadora:
Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho editorial:
Ir. Afonso Tadeu Murad, FMS
Pe. Francisco Taborda, SJ
Pe. Jaldemir Vitório, SJ
Frei Prudente Nery, OFM Cap.

DIREÇÃO, REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO:
Rua Alcindo Guanabara, 24 • 4º andar
Cinelândia • Tel.: (021) 240-7299
20038-900 • Rio de Janeiro • RJ

DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:
Edições Loyola
Rua 1822 n. 347 • Ipiranga
04216-000 • São Paulo • SP • Tel.: (011) 6914-1922

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do DPF sob o n. P.209/73

EDITORIAL

C.R.B.
- BIBLIOTECA -
R. Alcindo Guanabara 24 - 1º
Tr. Carmelita de Freitas, FJ
Rio - RJ

IDE E CRIAI COMUNHÃO!

A importância teológica da comunhão na vida e na missão da Igreja é uma verdade inquestionável. É unicamente na perspectiva da comunhão, como projeto primordial de Deus para a humanidade, que as estruturas e organismos eclesiais alcançam seu sentido mais profundo e são de fato instrumentos da graça salvífico-libertadora. A comunhão eclesial mergulha suas raízes no próprio mistério do Deus Trindade e busca ser no tempo e na história sinal e mediação visíveis da plenitude comunional intratrinitária.

Por isso a Igreja é, antes de tudo, comunidade, a assembléia que Deus convocou, o povo de irmãos que Ele reuniu pelo Filho, no dom do Espírito Santo, para uma missão comum: a missão de anunciar, com a palavra e o testemunho, que o Reino de Deus já está no meio de nós; a missão de ser sinal e instrumento da plena comunhão de vida, num mundo fragmentado e dividido por tantos fatores de desagregação.

Por isso também, a comunhão eclesial tem, necessariamente, duas vertentes numa indissociável unidade: é comunhão com o Deus Trindade e é comunhão entre os filhos e filhas desse Deus amor revelado na mensagem e práticas de Jesus. A metáfora da videira e seus sarmentos, a insistente oração de Jesus pela unidade, bem como as iniludíveis exigências do "amai-vos uns aos outros" são eloqüentes apelos à comunhão que o Evangelho vai fazendo ecoar com vigor sempre renovado durante os séculos.

Nessa comunidade de irmãos e irmãs que seguem Jesus – a Igreja – há multiplicidade de raças e nações, há diversidade de dons e carismas, há pluralidade de ministérios e funções, mas a meta é uma só: a edificação do Reino de Deus, que se visibiliza na história em gestos e testemunhos de comunhão. Entre os ministérios e funções que o Espírito suscita na Igreja em bem de toda a comunidade, o ministério do Bispo de Roma destaca-se como princípio de unidade e serviço da caridade: "apascenta os meus cordeiros... apascenta as minhas ovelhas". Nos vinte séculos de sua história, a comunidade eclesial manteve sempre viva a *memória* deste mandato de Cristo e o alcance da sua palavra: "Tu és Pedro e sobre esta pedra assentarei a minha Igreja".

A visita do Papa ao Brasil este mês é, portanto, motivo de particular alegria e de alento espiritual para o povo de Deus que peregrina neste país, entre angústias e esperanças. Peregrino do Evangelho, artífice da paz, construtor da comunhão, num mundo perplexo e ameaçado por tantas contradições e divisões, o Papa veio congregar, na grande metrópole brasileira, famílias do mundo inteiro, para repetir-lhes uma vez mais: Ide e evangelizai! Ide e criai comunhão!

Em sintonia com o objetivo prioritário da viagem do Santo Padre ao Brasil,

CONVERGÊNCIA, com a publicação do artigo do Fr. Bernardino Leers – "Evangelização e Família neste final de milênio" –, oferece aos leitores e leitoras uma reflexão questionadora e estimulante sobre questões fundamentais para se pensar, nas atuais circunstâncias históricas, a evangelização na família e a partir da família. O autor aborda a problemática com grande clarividência e abre perspectivas desafiadoras para a missão de religiosos e religiosas junto às famílias.

Fr. Prudente Nery, num texto de extraordinária atualidade – "A Fecundidade da Solidão" – aborda um tema de particular relevância para a Vida Religiosa. "O homem não é apenas extroversão, comunicação e relação. Ele é também silêncio, incomunicabilidade, mistério e solidão". Numa inspirada reflexão sobre esta verdade básica do ser humano, o autor projeta luz também sobre o sentido do celibato pelo Reino, que "só será verdadeiro e humano, se for conseqüência de largueza e não da estreiteza do coração, da prodigalidade e não da renúncia, da liberdade e não de imperativos intransigentes".

O artigo de Ir. Rosa Adela Osório – "Maria na fala do povo" – apresenta, a partir da experiência e do contato com o povo, pontos de reflexão sobre a Mulher Maria de Nazaré. O texto é interessante e oportuno, como expressão do imaginário religioso do povo em relação com Maria e a devoção mariana.

O texto de Fr. Moacir Casagrande – "O seguimento de Jesus na inserção. Espiritualidade" – aborda um tema de particular interesse hoje, quando as mudadas situações históricas colocam desafios novos e urgentes para a Vida Religiosa, particularmente na inserção. A partir da sua experiência, o autor afirma que "está claro que não faltam vocações e vocações autênticas para o nosso tempo. O que falta é coragem para fazer barris novos, coragem para tirar de vez os velhos barris que teimam em descaracterizar o vinho".

CONVERGÊNCIA publica este mês o Plano Global da CLAR para o triênio 1997-2000, no intuito de suscitar nas comunidades reflexões e colaboração em torno aos grandes eixos do Projeto, constituídos pelas cinco linhas inspiradoras.

PALAVRA DO PAPA

A ESCOLA, LUGAR DE MISSÃO

João Paulo II enviou uma Carta ao Prepósito-Geral dos Clérigos Regulares Pobres da Mãe de Deus das Escolas Pias, Rev.do Padre José Maria Balcells Xuriach, por ocasião da comemoração do IV centenário da abertura em Roma da "primeira escola pública popular gratuita da Europa", por obra de São José de Calasanz

Publicamos aqui o texto da missiva pontifícia:

1. No IV centenário da abertura em Roma da "primeira escola pública popular gratuita da Europa", por obra de São José de Calasanz, desejo unir-me à alegria deste Instituto e de quantos, graças ao ministério educativo e evangelizador dos Padres das Escolas Pias, receberam uma sólida formação humana e cristã.

O encontro, na Primavera de 1597, entre José de Calasanz e Antonio Brendani, pároco de Santa Dorotéia, constitui para o vosso Fundador a ocasião de uma conversão mais total ao Evangelho, que o levou a abandonar legítimas aspirações pessoais para encontrar na pequena escola de "Trastevere" um "melhor modo de servir a Deus, ajudando esses pobres filhinhos" (Vicenzo Berro, *Annotazioni della Fondatione della Congregatione e Religione delle Scuole Pie* [1663], tomo 1°, pág. 73).

Desta primeira experiência educativa, convenientemente transformada e qualificada por José de Calasanz, no outono sucessivo nasceu o primeiro núcleo das Escolas Pias, exemplo de educação cristã aberta a todos, que daria origem às escolas populares em sentido moderno.

Como recordava o meu venerado Predecessor Bento XV, por ocasião do terceiro centenário da aprovação da obra de José de Calasanz, "ele (Calasanz) foi o primeiro entre todos a inventar também este caminho para a caridade cristã: quando aos jovens se oferecia com dificuldade a educação elementar, ele assumiu a tarefa de ensinar gratuitamente aos filhos dos pobres, para que devido à pobreza não fossem totalmente privados da educação" (*AAS* [1917] 9, pág. 105).

2. José de Calasanz, sábio intérprete dos sinais do seu tempo, considerou a educação, oferecida de modo "breve, simples e eficaz" (cf. *Constitutiones* [1622] n. 216), garantia de bom êxito na vida dos alunos e fermento de renovação social e eclesial. Além disso, viu na escola uma maneira nova de evangelizar e, por isso, quis que fossem os religiosos e preferivelmente os sacerdotes a assumirem a tarefa de educadores, empenhando-os em oferecer aos jovens uma cultural global em que a dimensão religiosa fosse considerada e vivida de modo profundo. Conseqüentemente,

José de Calasanz traçava a figura do sacerdote educador dos pequeninos e dos pobres, elevando ao mesmo tempo à dignidade ministerial um múnus que os contemporâneos consideravam humilde e de escasso prestígio.

Seguindo as suas pegadas, os Irmãos das Escolas Pias, os inumeráveis "Irmãos desconhecidos das Escolas Pias", elogiados por Pio XII (cf. *Audiência* de 22 de Novembro de 1948), deram ao longo dos séculos testemunho de fidelidade a Cristo na dedicação quotidiana à missão educativa em prol dos jovens e ao anúncio do Evangelho. Estes foram e continuam a ser semeadores de esperança. Antes, o educador torna-se ele mesmo semente capaz de produzir frutos para um mundo melhor.

3. Com a sua intuição genial, José de Calasanz abriu um fértil sulco na sociedade, que depois muitos outros fundadores e fundadoras continuaram e aprofundaram, e assim hoje a escola é um dos campos em que a Igreja pode realizar com maior eficácia a sua missão evangelizadora. Justamente, portanto, o meu venerado Predecessor Pio XII, em 1948, proclamou-o "Padroeiro celeste de todas as Escolas populares cristãs do mundo" (Breve *Providentissimus Deus*, em AAS [1984] 11, pp. 454-455).

Os contemporâneos de José de Calasanz viram na sua obra de "evangelização dos pobres" (cf. *Lc 7,22*) um sinal da proximidade do Reino dos Céus e favoreceram a sua rápida expansão em numerosos países da Europa. Hoje, quatro séculos mais tarde, as iniciativas de José de Calasanz estão presentes em cerca de trinta nações do mundo. O empenho hodierno no campo da educação, considerado como um dos deveres fundamentais do Estado moderno, não só não inutiliza a tarefa das Escolas católicas, mas torna-a ainda mais urgente. Com efeito, por um lado estas consentem corresponder ao direito das famílias de assegurar aos próprios filhos uma educação fundada sobre os valores perenes do Evangelho e, por outro, oferecem à inteira sociedade centros educativos em que à qualidade da educação se une a de um sério trabalho formativo. Portanto, renovo com vigor os bons votos por que em todos os países democráticos finalmente se atue de modo concreto uma verdadeira paridade para as escolas não estatais que seja, ao mesmo tempo, respeitadora do seu projeto educativo: com efeito, tais escolas oferecem um serviço de interesse público, apreciado e procurado por inúmeras famílias.

O ambiente escolar em que, infelizmente, se encontram a viver as novas gerações exige de fato que a Escola cristãmente inspirada continue a ser oferecida a quantos buscam nela um lugar ideal de formação e de evangelização. Os modelos negativos que com freqüência são propostos aos jovens do nosso tempo exigem que os religiosos empenhados no âmbito educativo continuem "com fidelidade criativa" (cf. *Vita consecrata*, 37) a sua própria missão, tendo em vista realizar o mandato de Jesus: "Ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa Nova a toda a criatura" (*Mc* 16, 15).

Com efeito, a educação constitui um moderno areópago em que a Igreja, hoje mais do que nunca, é chamada a desempenhar a sua missão de evangelização e de caridade cultural (cf. *Vita consecrata*, 96).

4. José de Calasanz não se limitou a promover a "escola para todos", ideal que sucessivamente foi reconhecido com um dos direitos fundamentais do homem; ele quis que a sua escola, animada por mestres especialmente empenhados na evangelização, se destinasse "principalmente aos jovens pobres" (*Constitutiones* [1622] n. 4, 198). Tal delineamento, que no século XVI parecia deveras inovador, revela-se hoje mais do que nunca atual. De tato, nas áreas marginalizadas dos países abastados e sobretudo nas nações em vias de desen-

volvimento, muitas crianças ainda são insuficientemente escolarizadas ou encontram-se totalmente abandonadas à própria sorte, de tal forma que a evangelização dos pobres continua a ser um sinal profético da presença do Reino de Deus no meio dos homens (cf. *Vita consecrata, 89-90*). Se José de Calasanz soube ver no rosto, daquelas crianças romanas, abandonadas a si mesmas, o reflexo da face de Cristo, agora compete a vós, em um mundo onde os povos e as pessoas só são valorizados e tidos em consideração em função da sua relevância econômica, mostrar ao mundo que os pequeninos e os pobres continuam a ser os preferidos do coração de Cristo.

Se a Escola católica é um lugar preferencial de evangelização, hoje a escola popular de José de Calasanz é em muitos casos um lugar de missão. Como recordei na Exortação pós-sinodal *Vita consecrata*, os religiosos educadores devem sentir-se particularmente comprometidos "a serem fiéis ao seu carisma originário e às suas tradições, cientes de que o amor preferencial pelos pobres encontra uma das suas aplicações particulares na escolha dos meios mais aptos para libertar os homens daquela grave forma de miséria que é a falta de formação cultural e religiosa" (n. 97).

5. Nas vossas obras educativas são cada vez mais numerosos os leigos que compartilham convosco o ministério de José de Calasanz, de diferentes maneiras e a vários níveis. Segundo o exemplo do vosso Fundador que, desde o princípio, associou sacerdotes e leigos ao seu apostolado educativo, exorto-vos a juntos interpretar vias de qualificada e fraterna colaboração no âmbito da elaboração e da transmissão da cultura, para que a riqueza do carisma peculiar do vosso Instituto possa continuar a dar frutos na Igreja e na sociedade (cf. *Ibid., 54*). Em vista desta finalidade, será necessário intensificar a formação espiritual, teológica e cultural, a fim de que religiosos e leigos possam realizar o ideal do educador cristão na tríplice fidelidade "ao espírito do vosso Fundador, à Igreja e à causa da Escola católica" (Paulo VI, *Alocução* de 26 de Agosto de 1967).

A Maria, a primeira mestra e discípula de Jesus, sob cuja proteção se colocou o vosso Fundador, chamando-vos "Pobres da Mãe de Deus" (*Constitutiones* [1622] n. 4), confio Vossa Reverência, bem como toda a Ordem de José de Calasanz. O exemplo da Virgem vos encoraje a seguir Cristo em tudo, com o espírito das crianças, destinatárias privilegiadas do Reino de Deus (cf. *Lc* 18, 16-17).

Com estes bons votos, concedo a todos de coração uma especial Bênção apostólica.

Vaticano 24 de Junho de 1997.

Joannes Paulus PP. II

1. A FAMÍLIA VICENTINA

Uma proposta de articulação em vista do compromisso de serviço aos pobres no Terceiro Milênio

É importante que os membros de uma família se conheçam bem, se amem profundamente e desenvolvam formas de união e colaboração, em vista da realização dos ideais comuns.

Com este espírito, a Congregação da Missão (Padres e Irmãs vicentinos ou lazaristas) realizará, em julho de 1998, em Roma, sua Assembléia Geral, cujo tema será **A Família Vicentina no Mundo e os Desafios da Missão para o Terceiro Milênio.** No caminho da renovação começado pelo Concílio Vaticano II, deseja-se, dentro da diversidade dos carismas e das características próprias de cada grupo de inspiração vicentina, aprofundar os laços comuns e desenvolver uma maior cooperação de serviço e evangelização dos pobres, na perspectiva do terceiro milênio.

1. A Família Vicentina – alguns dados

a) Um estudo recente identificou o surgimento de 268 institutos de inspiração vicentina, dos quais 70% (165) ainda hoje existem[1]. Os critérios utilizados para determinar o grau de afinidade de um instituto com São Vicente de Paulo foram:

- Ser fundado por São Vicente de Paulo.
- Ter adotado as *Regras Comuns* de São Vicente de Paulo.
- Ter escolhido São Vicente como mestre espiritual ou conselheiro.
- Ter sido estabelecido pela Congregação da Missão (CM), pelas Filhas da Caridade (FdC) ou pelos leigos vicentinos.
- Ter a CM ou as FdC por mestres espirituais.
- Ter recebido uma influência contínua da CM ou das FdC.
- Ter São Vicente por um dos seus patronos.
- Professar o mesmo espírito da CM ou das FdC.
- Ter adaptado ou retocado os aspectos do carisma vicentino.
- Ser Associação leiga que corresponde a um dos critérios supramencionados.
- Para Institutos não-católicos, corresponder a um dos critérios supramencionados.

b) Trata-se de institutos de vida consagrada, congregações religiosas, sociedades de vida apostólica e associações leigas, sendo a maioria fundada na Europa e ao longo do século XIX. Em sua ligação com São Vicente de Paulo e dentro da especificidade própria de cada um, estes grupos têm como herança comum:

- o reconhecimento de São Vicente de Paulo ou como fundador ou como fonte principal de inspiração;

1 Cf. Betty Ann McNeil, *Monograph 1: The Vincentian Family Tree*, publicado pelo Vincentian Studies Institute.

- uma acentuada orientação para o serviço dos pobres;
- uma espiritualidade baseada na de São Vicente, com um acento especial na caridade concreta e prática, vivida na simplicidade e na humildade.

c) No Brasil, falta-nos ainda um conhecimento mais pormenorizado acerca da existência, vida e trabalho das entidades de inspiração vicentina.

No entanto, a presença vicentina no Brasil é muito grande, com muitas instituições envolvendo um expressivo número de pessoas consagradas e leigas. Entre tantos grupos, podemos lembrar a Congregação da Missão (vicentinos ou lazaristas), a Companhia das Filhas da Caridade (irmãs vicentinas), a Sociedade de São Vicente de Paulo (mais de 200.000 vicentinos leigos, em mais de 9.000 conferências), a Congregação dos Religiosos de São Vicente de Paulo, a Associação Internacional da Caridade (AIC; Voluntárias da Caridade), a Companhia das Filhas de Maria Servas dos Pobres, a Congregação das Irmãs de São Vicente de Paulo de Gysegem, a Congregação dos Fráteres de N. Sra. Mãe da Misericórdia, a Congregação dos Missionários Servos dos Pobres, o Instituto dos Filhos da Caridade, a Congregação das Irmãs Servas dos Pobres, etc... Ainda, sem uma vinculação específica com algum instituto, há seguramente uma grande legião de pessoas que vivem e trabalham inspirados e animados pelo testemunho de serviço ao pobre dado por São Vicente de Paulo.

2. Na escuta do clamor dos pobres

No limiar do terceiro milênio, os desafios do mundo moderno referentes ao serviço e evangelização dos pobres nos fazem perceber, com maior intensidade, o apelo de São Vicente: *"Amemos a Deus, meus irmãos, amemos a Deus; mas que seja com o esforço de nossos braços e o suor de nossos rostos"*. O lema das FdC, dado por São Vicente, se aplica e desafia hoje toda Família Vicentina: *"A Caridade de Jesus crucificado nos impele"*.

A perspectiva do Terceiro Milênio nos convida a comprometer-nos sempre mais com Cristo, o centro da história. E para todos os membros da Família Vicentina, a regra de nossa vida e orientação do nosso agir é **Jesus Evangelizador dos Pobres.** Somos chamados a aprofundar e viver a inesgotável riqueza de Cristo que se fez pobre e nos associa a sua obra de anúncio e serviço da Boa Nova aos pobres. Em atitude de humildade e simplicidade, somos desafiados a descobrir Cristo na pessoa dos pobres e comprometer-nos com eles, tendo-os como *"nossos senhores e mestres"*.

Na experiência profunda de Jesus Evangelizador dos pobres, a Família Vicentina precisa aprofundar sua inspiração vicentina à luz das interpelações da realidade e da Igreja, que o Pe. R. Maloney, Superior Geral da Congregação da Missão, assim sintetiza:

– Os "novos areópagos", isto é, os setores onde o Evangelho precisa ser proclamados, tais como o mundo da comunicação, da ciência e das relações internacionais.

– As novas formas de pobreza, diferentes das de outras épocas.

– A Nova Evangelização, nova em seu ardor, em seus métodos e em sua expressão: nova espiritualidade, nova relação da Igreja com o mundo e a inculturação.

– Os novos meios de comunicação, disponíveis para o apostolado, mas que também fazem parte de uma nova cultura da informação, que carece ser evangelizada[2].

2 Cf. A Missão, em *Vincentiana* (1996) 221.

Diante do alcance e complexidade desta missão, os vários grupos de inspiração vicentina são hoje mais desafiados a viver sua vocação e missão na Igreja e como Igreja, indo além das fronteiras do próprio grupo e, dentro de uma espírito mais eclesial, descobrindo-se como força dinâmica e articulada no interior da Igreja, comprometida especialmente como serviço e evangelização dos pobres.

De grande senso eclesial e profundamente sensível aos apelos históricos dos pobres, São Vicente estava convencido da dimensão comunitária do serviço do Evangelho, por isso promoveu, em suas fundações e iniciativas, uma estreita colaboração entre padres, leigos e irmãs. No mesmo espírito e impelidos pela caridade que é inventiva ao infinito, no dizer de São Vicente, os grupos de inspiração vicentina certamente muito podem crescer e fazer no compromisso com os pobres, na medida em que caminharem juntos, em espírito de união e entre-ajuda e em sintonia com os atuais apelos da realidade e da Igreja.

3. A cooperação vicentina – um caminho a percorrer

Em nível nacional e mundial, a Família Vicentina tem realizado algumas iniciativas, ainda limitadas e embrionárias, no sentido de maior conhecimento, aproximação e cooperação. Salvaguardando a identidade e autonomia de cada grupo, emerge a consciência de que é importante e possível uma maior comunhão e vida e trabalho entre todos.

Algumas possibilidades se descortinam e podem se constituir num caminho bastante fecundo e promissor:

a) Maior cooperação a nível de formação, aprofundando o rico patrimônio espiritual vicentino e vendo como este se articula com os diferentes objetivos de cada grupo.

b) Promoção de estudo sobre a realidade dos pobres e sua evangelização, detectando suas necessidades mais urgentes e perspectivas e critérios comuns que possibilitem melhor conhecer sua realidade e melhor servi-los.

c) Esforço conjunto na divulgação do carisma vicentino, despertando e envolvendo mais pessoas, sobretudo os jovens, no trabalho de serviço e evangelização dos pobres.

d) Conhecimento melhor de cada grupo da Família Vicentina, percebendo a riqueza da pluralidade de respostas dadas diante das diversas circunstâncias históricas e, nisto, ampliando o horizonte de vivência e realização da missão vicentina.

e) Promoção conjunta de momentos de celebração, por ocasião das festas e acontecimentos significativos da caminhada vicentina, cultivando e celebrando o ideal comum.

f) Empreendimento de projetos caritativos e apostólicos com a colaboração cada vez maior dos membros da Família Vicentina. Realização de missões populares, colaboração nas missões estrangeiras, serviços de atendimento pastoral, de solidariedade e apoio a setores sociais mais carentes, etc., são alguns exemplos do muito que se pode nesta área realizar.

Na experiência histórica de São Vicente de Paulo, existiu uma estreita colaboração entre os Padres da Missão, as Senhoras da Caridade e as Filhas da Caridade. Mediante a cooperação e união da Família Vicentina, hoje mais numerosa e diversificada, é importante resgatar essa dimensão comunitária de serviço e compromisso com a causa do pobre. E mais ainda, rumo ao novo milênio, que a Família Vicentina possa, de forma unida e articulada, criativa e corajosa, ser testemunho de fraternidade e solidariedade efetivas, num mundo que cada vez mais se encaminha e se organiza a partir da busca do interesse próprio.

Pe. Eli Chaves dos Santos, CM
Rio de Janeiro, RJ

2. II RETIRO NACIONAL A PARTIR DA EXPERIÊNCIA FEMININA DE DEUS

De 26 de maio a 02 de junho p.p. estiveram reunidas 22 Irmãs de várias Congregações Religiosas Femininas, em Igarapé, MG., na casa de Retiro Vicente de Paulo para o 2º Retiro – na ótica feminina – da CRB Nacional, coordenado pelas Irs. Rita Maria Vieira e Rosa Adela Osorio.

As expectativas eram muitas e algumas irmãs já estavam fazendo esse mesmo retiro, pela 2ª vez, tamanha fora a repercussão em suas vidas de descobrir que a força da mulher as leva a uma coragem nova, a ser ousada, a ser capaz de romper estruturas, de fecundar o novo. De encontrar o "eu" mulher com o feminino de Deus. De descobrir outros grupos de mulheres que caminham nessa mesma direção, construindo o novo, buscando o equilíbrio entre as relações mulher e homem. Sem dominadores, nem dominadas. Mas, tenaz e gratuitamente, como aquela mulher do evangelho que perde uma moeda e usa de todos os recursos para encontrá-la. Encontrando-a se alegra, se regozija, chama amigas e vizinhas e gasta tudo para festejar, para celebrar. Deus é comparado a essa mulher. Essa é a grande metáfora do Reino: Deus se manifestando de modo escandaloso em todas as parábolas do Reino. Há um excesso de extravagância e de gratuidade de Deus que se doa sem medidas.

É preciso abrir espaço dentro do meu ser de mulher para me doar totalmente. Reencontrar o meu corpo de mulher. Abrir a porta do meu ser para celebrar a festa por ter nascido mulher. Deixar-me tocar: "Alguém me tocou". Esse toque transformou a perspectiva missionária de Jesus e curou a mulher.

Na trajetória que Jesus faz ao longo da história, desenvolve um relacionamento profundo com as mulheres de sua época e de hoje, também.

Elas encarnam os diversos modos de fidelidade a Ele e oferecem o primeiro testemunho da fé. Jesus, por sua vez, devolve às mulheres a sua dignidade feminina tão comprometida, tira-as do isolamento que o costume patriarcal lhes impunha, reforça sua crítica do mundo farisaico, duplamente masculinizado tanto pelo sexo quanto pelo poder. Conclama o "discipulado de iguais" evidenciado na ressurreição. Desfaz o mito da Eva que introduz o pecado no mundo. Eva – MÃE DOS VIVENTES –, conquista, pelo discernimento, a sabedoria para enfrentar a estrutura do sistema – A SERPENTE – e consegue arrancar de Deus uma roupagem nova e bela para ser a grande protagonista da história.

Jesus precisou de um corpo de mulher – MARIA – para se tornar carne, verbo, palavra no seu ventre; e insere esta mulher no plano da salvação. "Bem-aventurado é o ventre que te carregou e os seios que te amamentaram". "Feliz é a pessoa que ouve a Palavra de Deus e a põe em prática".

As mulheres são as primeiras testemunhas da ressurreição:

"MARIA" – "RABOUNI".

"Digam onde o colocaram e eu vou buscá-Lo".

Na sociedade daquela época isto era uma "injúria", uma "audácia".

Que nós mulheres tenhamos essa audácia de Madalena para testemunharmos, com a nossa fé e coragem, o caminho que nossas companheiras fizeram, seguindo Jesus desde a Galiléia até Jerusalém.

Foi muito trabalhado em nosso retiro, a questão do nosso corpo de mulher: nossos valores, desejos, sentimentos e emoções.

Tivemos yoga em alguns momentos, o que ajudou na concentração para a oração.

Ir. Ana Maria Rocha Bastos

EVANGELIZAÇÃO E FAMÍLIA NESTE FINAL DE MILÊNIO

Fr. Bernardino Leers, OFM

A Igreja Doméstica é incompleta e não é auto-suficiente. Precisa das organizações e movimentos de famílias que aprofundam juntas a sua práxis evangélica e assumem e conquistam com mais eficiência sua cidadania na "grande" Igreja.

Gilbert K. Chesterton, filósofo humorista inglês, cunhou uma vez esta sabedoria: Quem quer ensinar inglês a João, precisa em primeiro lugar conhecer o João. Meio século depois, a tese continua válida e orientadora das práticas humanas. Se o assunto é família, a tentação que sempre volta é decretar o dever-ser sem olhar o ser e cair num tipo de moralismo que voa distante por cima das cabeças dos não-ouvintes, apesar da sonoridade do sermão. Para evangelizar as famílias não basta conhecer a Bíblia e a tradição moral. Os agentes morais, produtores da verdadeira justiça, amor e paz, são as pessoas reais desta época movimentada, cujo convívio chamado família se desenrola sob o mesmo teto na sociedade moderna em mudança. Entre estas pessoas humanas concretas e esta sociedade humana costumam estar as famílias em que as primeiras nascem e vivem e de que a segunda se compõe.

1. DA EVANGELIZAÇÃO DA FAMÍLIA

A missão que Jesus confiou à sua Igreja foi (com certa liberdade): Ide e fazei que todas as famílias se tornem discípulas, ensinando-as a praticar tudo quanto eu vos ordenei. E eu estou com elas até o fim dos tempos[1]. Muitos textos do Magistério eclesiástico, dos Papas, do CELAM, da CNBB e de outras conferências episcopais assumem esta missão e tratam em extenso do assunto família. Neles encontra-se uma abundância de análises, motivações filosóficas e teológicas e orientações práticas para evangelizar a vida em família. Magistério, clero, religiosos e religiosas têm prestado e prestam muitos serviços às famílias, ajudando-as na vivência da fé e orientando-as em sua conduta cristã, na forma da catequese, do ensino escolar, na área da saúde e obras sociais. No entanto, os limites e desafios que se escondem nestes serviços são vários e não fáceis de ultrapassar ou responder.

Por causa do ritmo variado de mudanças funcionais e estruturais que envolvem as famílias atuais, profundamente condi-

1 Cf. Mt 28,19.

cionadas pela política econômica e cultural nacional e os meios populares de comunicação, é evidente que um simples acompanhamento de "casos" ou mesmo movimentos organizados de pastoral familiar não são capazes de criar um clima favorável ao desenvolvimento humano equilibrado da vida em família, sem que uma política eficiente em favor desta realidade tão diversificada seja projetada e realizada na sociedade brasileira. Enquanto no passado ainda se podia falar de uma relativa autonomia das famílias, ao menos daquelas que possuíam propriedades e capacidade produtiva, hoje em dia o bem-estar das famílias depende em suas necessidades de trabalho, renda, consumo, lazer, escola, saúde e moradia, de fatores sociais e políticos cujos dinamismos praticamente escapam ao seu controle[2].

Na Idade Média todos os caminhos levavam à Roma. Neste século cantava-se ainda: quem não tem fé (católica), brasileiro não é. Esta situação de domínio tranqüilo mudou nos tempos atuais. O poder e a influência da hierarquia e clero da Igreja católica enfraqueceram bastante no quadro nacional. Quantas são as famílias nas cidades e regiões rurais que têm um contato mais freqüente com a Igreja católica e seguem em suas práticas as normas e orientações que o Magistério continua repetindo e confirmando? Se em muitas questões morais nem para todos os teólogos a ligação entre norma decretada, fé, Magistério, Deus é sempre tão clara, o que dizer de famílias que estão "com a mão na massa", sabem das condições humanas e querem colocar de boa fé o evangelho em sua caminhada? Que também o novo Vademecum para os confessores sobre alguns temas de moral relacionados com a vida conjugal lembra os velhos manuais de seminário sobre a ignorância subjetivamente invencível, dá para pensar[3].

Da parte dos evangelizadores oficiais da Igreja nem tudo o que brilha é ouro, porque a palavra pregada não é prática garantida. Para eles, a advertência do papa Paulo VI de que a própria Igreja é a primeira destinatária da evangelização não perdeu nada de sua atualidade[4]. A sombra que acompanha os seres humanos já foi diagnosticada bem antes. Várias vezes, Jesus mesmo põe o dedo na ferida, chamando seus discípulos "homens de pouca fé"[5]. Tanto a profunda experiência religiosa de Pedro: "Senhor, afasta-te de mim, pois sou um homem pecador", quanto a confissão humilde do pai do menino possesso: "Eu creio! Ajude minha falta de fé", são expressões da real condição humana dos filhos de Adão e Eva que assumem a missão de evangelizar e sentem os limites na própria carne[6]. Diante do apelo, para não dizer, a provocação do evangelho de Jesus, toda boa vontade, todo bom esforço e todo bom projeto de ação levam a marca do pecador mísero que Francisco de Assis em sua sinceridade se sabia.

Fonte da verdadeira sabedoria, a Bíblia está sendo divulgada amplamente pela pastoral da Igreja entre as famílias católicas. Entretanto as fontes bíblicas demonstram épocas mui passadas e contextos bem diferentes e suas leituras variam do fundamentalismo eclético ao liberalismo secularizado. Em geral, no mercado das idéias e atitudes, os contrastes e contradições entre os vários – ismos são óbvios e

2 B. Leers, Sagrada Família ou Política? REB, 55 (1995) 345-354.
3 Oss. Rom. 15/03/97, p.7; J. Fuchs, Wie können Christen glauben? St. d. Z., 122,1 (1997) 43-50; N. Mette, Como Jesus é difícil! Concilium, n. 269 (1997) 24-36.
4 EN 15.
5 Mt 6,30; 8,26; 14,31; 16,8 etc.
6 Lc 5,8; Mc 9,24.

não param diante da porta da Igreja. Sua unidade em redor do mesmo altar não impede diversidade nas maneiras de trocar os valores evangélicos em práticas situadas de cada dia. Igualmente diversas são as interpretações e as atitudes para com os problemas sociais da distribuição da renda, da exclusão, da miséria, da usurpação do poder, das discriminações, da divisão religiosa mundial, da confusão moral-imoral. Passou a época em que a linguagem popular estava permeada da palavra Deus. Nietzsche declarou a morte de deus. Hoje em dia, Deus venceu tal morte e volta a ser falado. Mas qual Deus? De qual Jesus? As livrarias atuais misturam todas as religiões tradicionais e novas. "A decisão é sua" e o indiferentismo é a próxima tentação.

Com a aproximação do mundo, começada por Leão XIII na área ocidental e aberta em tese à humanidade toda por João XXIII e seus sucessores, o espírito missionário inspirado no evangelho ganhou novo espaço e novo vigor. Mas a abertura também revelou uma situação mundial de tantas divisões, contrastes e conflitos que a observação comovida de Jesus em seu tempo e em seu mundo: "A messe é abundante" não passa facilmente pela garganta[7]. Há realmente tanta fome de Deus? Na literatura, vinte séculos de história eclesiástica fornecem interpretações diversas entre triunfalismo, lutas, progressos e frustrações da evangelização, feita pelo clero e os membros da vida consagrada, como se diz hoje em dia. Porque os operários ficam poucos, o apelo de Jesus também ficou mais do que nunca: "Pedi, pois, ao dono da messe que mande operários para a sua messe". Em Mateus 10, Jesus continua seu evangelho com a missão dos doze. Pastoral vocacional é a conseqüência contemporânea.

Entre o povo, necessidade ou aperto faz rezar, mas também inventar, improvisar, dar um jeito, encontrar novos caminhos. Diante da missão evangelizadora a Igreja há de aumentar seu potencial de evangelizadores(as). Séculos de clericalização da Igreja de Deus foram contornados pelo Concílio Vaticano II que colocou em primeiro plano o Povo de Deus. Sendo a Igreja o Corpo de Cristo em construção, cada membro peregrino contribui ao crescimento do todo pela atividade que desenvolve no amor segundo sua vocação e medida singular[8]. Batizados na água e no Espírito Santo, todos os discípulos de Cristo têm a missão de atraírem também os outros à Igreja, observando a regra áurea e praticando o mandamento do amor e do serviço de Jesus.

Neste quadro cabe a distribuição atual de tarefas, tradicionalmente assumidas pelo clero, entre ministros leigos que, tirados de seu ambiente familiar, servem à edificação da Igreja conforme o beneplácito do pároco ou bispo. Igualmente entram aqui as iniciativas pastorais de enviar cristãos leigos casados ou solteiros temporariamente a outras regiões para pregar o evangelho e fomentar comunidades eclesiais de base ou católicas.

Contudo, em vista dos desafios atuais e o rico potencial de tantas famílias de boa vontade, não é oportuno o tempo de mudar o acento, passando mais da pastoral da família para a pastoral na família e pela família? No passado, alimentada pelo espírito da diaconia de Cristo, a Igreja hierárquica sempre procurou cuidar da vida familiar, dirigir sua evolução histórica à luz da fé e por normas morais e ajudá-la em suas necessidades. Atualmente um processo pastoral está em curso de ultrapassar o paradigma do objeto dos serviços para o

7 Mt 9, 38.
8 Cf. Ef 4; LG 9-17.

que Rogers chamava uma terapia centrada no cliente e que merece a amplitude da concentração no outro, tipo Lévinas.

Assim a diaconia ou pastoral familiar toma as famílias, especialmente as famílias necessitadas, como sujeitos a agentes principais, responsáveis de sua própria caminhada, em seu próprio contexto, conforme suas próprias condições[9]. Conforme o testemunho da práxis de Jesus, o ponto de saída não é o servidor ou ministro, mas o sujeito, as famílias que precisam se libertar e crescer para a estatura da plenitude de Cristo[10]. Da evangelização de fora da família, a práxis pastoral passa para a evangelização interna das famílias em suas muitas formas concretas.

2. PARA A EVANGELIZAÇÃO PELA FAMÍLIA

Enquanto a hierarquia católica e o clero continuarem com um discurso universal sobre a família e suas obrigações, será difícil alcançar as famílias reais que se chamam católicas, porque a estratificação classista da sociedade, a distribuição tão injusta da renda e a exclusão de milhões de famílias no país criam obstáculos demasiadamente sérios à comunicação eficiente. As condições humanas e recursos disponíveis mostram uma escala tão extensa e diferenciada, que exigem contar muito mais com a situação concreta e as possibilidades de levar a sério o evangelho de cada família ou convivência familiar.

A inculturação da doutrina da Igreja, evoluída em séculos de culturas passadas, supõe uma mudança de focalização na relação evangelizador: evangelizado "in spe", de modo que as famílias mesmas, colaboradoras na construção do Reino de Deus, convergem para o centro da atenção. O próprio público dos ouvintes participará ativamente, conforme o Espírito faz entender e a consciência moral ditar, do processo histórico da práxis evangélica.

Para a evangelização se tornar práxis, o processo educativo e formador da vida cristã há de entrar e evoluir dentro do lar, no intercâmbio contínuo entre os membros da mesma família, sejam quais forem seus componentes, suas condições particulares e sua posição na Igreja. Um dos serviços que o Concílio Vaticano II prestou ao Povo de Deus foi sua focalização na consciência moral, o núcleo secretíssimo e o sacrário dos seres humanos, em cuja intimidade ressoa a voz de Deus[11]. É o lugar em que as pessoas são chamadas a amar, fazer o bem e evitar o mal, mas também podem seguir o exemplo de Adão e Eva diante da árvore da experiência do que seja bom ou mal. Esta memória de Adão e Eva faz lembrar que a Igreja entrou na história evolutiva das formações familiares muito tarde, que sua influência sobre as famílias é mui variável e que seu atual sistema jurídico é produto de um desenvolvimento secular ocidental.

Ninguém, porém, nasce com a consciência reta perfeita. Ao contrário, ela se desenvolve como uma semente no ambiente, geralmente familiar, em que a criança nasce e cresce idealmente em companhia de seus pais e de número variável, hoje em dia pequeno, de irmãos e irmãs. No pleno mundo da lar, como ponto de saída, uma rede de relações humanas básicas vai se evoluindo e as trocas se multiplicam de serviços e práticas que vão formando e deformando as pessoas participantes, suas consciências e atitudes morais. As cons-

9 H. Spee, Diaconie, Practische Theologie, 24 (1997) 81-101.
10 Ef 4,13.
11 GS 16.

ciências das pessoas reais mesmo batizadas conhecem seus limites e sombras, mal conscientizadas, e nunca são cópias fiéis de um manual de moral católica.

Como centro de conhecimento ético e decisão responsável, a consciência moral é individual, embora às vezes mui manipulada, mas pela socialização das pessoas não somente se integrará mais ou menos no sistema de vida da família e seu ambiente sociocultural, mas também contribui ao bem- ou mal-estar do grupo familiar e da coletividade com que cada um vive. Individuação e socialização começam normalmente na convivência familiar e se condicionam mutuamente.

Ao contrário do discurso formal e universalizante sobre a família, na realidade e como campo de ação evangelizadora, cada família é concreta, encarnada neste mundo, feita de barro, escreve sua própria história, forma suas características convivenciais no decorrer dos anos e tem oportunidades e limites próprios de realização. O ideal seria pai, mãe e filhos(as); casal validamente casado na Igreja e com os filhos, frutos da paternidade responsável, como o magistério a concebe. A realidade é bem mais diversificada: homem e mulher apenas se juntaram, até por convicção ou crença popular; somente se casaram no civil; por morte ou separação, os filhos vivem só com a mãe ou só com o pai; sem anulação do primeiro casamento celebrado pelo ritual da Igreja, os pais são recasados, no civil ou por consenso; os filhos talvez sejam em parte de casamento anterior fracassado; modos diferentes de construir o convívio familiar, realizando valores humanos de amor, compreensão, solidariedade, apoio mútuo, perdão em comum ou originando conflitos e tudo quanto há de demasiadamente humano. Cada casa reúne um grupo convivencial específico, sempre dinâmico em direção a melhor engrenagem ou passando por crises, fechado ou aberto, mas sempre realidade humana terrestre e mui dependente da sociedade e sua cultura, seu sistema de produção, consumo, organização escolar, etc.

O fato de que muitas famílias católicas (± 80%) não têm mais contato regular com a Igreja institucional não quer dizer que não vivem entre si ou que os casais não sabem o que é amor, fidelidade, honra, senso de dever e não educam seus filhos em valores humanos. Documentos oficiais costumam falar de situações irregulares de casais cristãos[12]. Num jogo preto-branco, esta distinção poderia levar à separação perversa entre "famílias boas" e "famílias más", sugerindo que esta segunda categoria seria a-religiosa e amoral. Da parte da doutrina oficial da Igreja formada em longa história ocidental, esta linguagem objetiva se entende no contexto da preocupação com o rebanho do Senhor.

Diante da auto-imagem que uma família se forma em relação a Deus, Jesus, evangelho, estar casado, educação, a teoria eclesiástica nem sempre funciona. Até hoje o povo fala: quem ama com fé, casado é. Apesar da onda moderna de mudanças que os analistas apresentam, há uma tradição humanista com sementes evangélicas na maneira de viver em família que pode sofrer sob o impacto do conflito de gerações, a transformação ideológica e o processo neoliberal de exclusão, mas não sumiu. Também ainda hoje, o fruto não cai em geral longe da árvore.

Como realidade terrestre mundial, a família não é monopólio de exigências da Igreja católica, sem perder por isso sua dignidade humana e seu papel de célula básica da sociedade. As famílias católicas sejam de muito ou pouco contato com a

12 P.e. FC 79-84.

Igreja, não são simples objetos de evangelização ou ouvintes da palavra de Deus, mas sujeitos da práxis cristã. Elas juntam os atores humanos e protagonistas da vivência evangélica apesar de suas limitações. São os pais que marcam os filhos já antes de nascerem, oferecem-nos para se tornarem membros da Igreja pelo batismo, semeiam neles as primeiras sementes de valores e virtudes, acompanham e fomentam o crescimento humano do conjunto.

No convívio de cada dia, os pais educam os filhos e os filhos educam os pais. Que a vizinhança, a televisão, o jardim de infância e o grupo escolar já entram cedo como condicionantes e complicadores externos, não impede o serviço fundamental desde a origem desta educação mútua na família com todas as suas sombras, desvios, negligências, até quase impossibilidades. O que se pode esperar de mulher pobre, sozinha com cinco filhos pequenos, obrigada a ganhar o pão trabalhando fora ao outro lado da cidade? Qual é o padrão realista de expectativas que cada família pode ter em vista da perfeição à qual Jesus convida a todos[13]?

Posto o processo dinâmico da evangelização dentro das famílias reais, completas ou incompletas, em condições favoráveis ou adversas, algumas pinceladas servem para concretizar certos estímulos e obstáculos que se apresentam nas histórias familiares. Mais do que sugestões gerais não serão, pois nem filmes, romances, teatro ou novelas chegam a comunicar uma história exaustiva de uma família em sua caminhada.

2.1. A vida dos casais[14]

A modernização dinâmica e contraditória da sociedade atinge a convivência dos casais em cheio. Diante dos "Códigos Familiares" do Novo Testamento, de origem helenística, a formação de sua identidade cristã encontra obstáculos que a antigüidade não conhecia. A passagem longa do primeiro encontro até à maturidade do amor e amizade conjugais não costuma ser simples, porque a mobilidade geográfica e social e as diferenças entre as famílias de origem tornam a engrenagem entre o homem e a mulher um processo mais complicado e arriscado. Pela emancipação da mulher e a estrutura do mercado de trabalho, a esposa-mãe enfrenta muitas vezes a dupla exigência do emprego e do papel tradicional de dona de casa e educadora dos filhos pequenos, de que o marido geralmente pouco participa. Neste contexto o próprio homem tem dificuldade de se situar e encontrar novo equilíbrio.

Tradicionalmente a dupla moral levava a mulher à submissão resignada, mas perdeu muito de seu vigor. No entanto, a maior freqüência feminina na Igreja e na religião continua dominando e cria distância, às vezes conflitiva, entre as práticas da fé da esposa e o indiferentismo relativo do marido. O princípio de ação de uma só carne e um só espírito que não extingue nem dilui as individualidades exige muito mais criatividade e coragem e implica maiores riscos de fracasso do que no passado. Que hoje em dia casais católicos se interrogam seriamente, com o evangelho na mão, a respeito da interpretação tradicional da indissolubilidade do matrimônio e suas conseqüências, cabe dentro do contexto histórico presente. Apesar da luta admirável de tantos casais pobres para pôr as coisas em casa e criar bem os filhos no espírito de Jesus, a inércia do Estado na área da distribuição da renda, educação e

13 Cf. Mt 5,48.

14 Bibliografia, veja: CNBB, Pastoral familiar, Aparecida: Santuário, 1990; B. Leers, família, casamento, sexo, Petrópolis: Vozes, 1992; I. Ribeiro e A. C. Torres Ribeiro, Família e desafios na sociedade brasileira, Rio de Janeiro: Centro João XXIII, 1994.

saúde, mais a resistência da classe dominante, impõem uma carga mui pesada àquelas pessoas que, em sua vida casada, querem salvar e desenvolver sua identificação com o evangelho.

Porque a norma objetiva da Igreja é intransigente e historicamente a tese se fixou de que não há matéria parva no sexto e nono mandamento[15], a vida casada e familiar dos católicos condiciona facilmente, no mundo moderno, complexos de culpa e auto-exclusão da Igreja, que não correspondem à real responsabilidade dos participantes da vida a dois. Fracassos do próprio casal ou dos filhos são emocionalmente assumidos, como se fossem provocados intencional e injustamente por ação ou omissão subjetivamente culpável. Tais conseqüências, porém, de um discurso moral autoritário, rigorista e de uma consciência moral de traços infantis vão desaparecendo na medida em que os fiéis adultos formam seu senso de responsabilidade participativa diante de Deus com maior autonomia, conforme as condições e situações em que, de fato, se encontram. Isso não significa abençoar indiscriminadamente o jeitinho tradicional, mas trocar a obediência cega de "ordem é ordem" pelo discernimento crítico na interpretação situada das normas dadas e sua aplicação prudente na práxis cristã.

Em sua infância, a geração de pais de filhos grandes teve uma vida mais tranqüila dentro de um mundo mais estável, geralmente rural; vida dura e pobre na grande maioria, mas sem muito choque ou sobressalto, senão na hora da emigração para a cidade desconhecida de pouco controle social. Já experimentou o problema da limitação de filhos com certas soluções que o mercado oferecia, mas não conhecia a esterilização em massa e suas conseqüências para os casais, nem as drogas, nem AIDS, nem trabalho remunerado da mãe de classe média fora de casa, nem televisão, nem filmes de vídeo ou revistas ilustradas. Como os pais de hoje podem orientar seus adolescentes em desafios modernos de que nunca tiveram experiência? Em casa, pela intimidade da convivência contínua há comunicação informal, talvez dialogada, de valores religiosos e morais, mas entender seus filhos nos problemas que estes encontram no vasto mundo caótico deles e orientá-los com segurança não é história simples. Que muito jovem acha seus pais antiquados e atrasados é fato, mas onde está a escola dos pais para desenvolver uma paternidade responsável no sentido mais amplo possível[16]?

Com seus seis, sete anos de filosofia e teologia, o clero ainda mantém um quase monopólio da teoria religiosa e moral dentro de uma sociedade de geralmente baixa escolaridade e pouco conhecimento do catecismo. Doutro lado, pais católicos têm a experiência familiar de cada dia e acompanham, enquanto possível, o desenvolvimento humano de seus filhos. Se ao clero falta a experiência vivida em família, aos pais não costuma faltar a consciência moral, senso de responsabilidade, bastante "savoir vivre" e a iluminação do Espírito Santo nas horas de aperto. Os pais podem errar e falhar em seus deveres para com os filhos, como o clero para com os fiéis, pois todos são humanos, demasiadamente humanos. Densificado na área tão comum da vida familiar, o conflito entre teoria e práxis não se pacificará por decreto, mas pelo processo lento, mas frutífero, das trocas entre os construtores do sistema normativo e os criadores da práxis cristã, ambos conscientes de seus limites, humildes e mansos

15 P. J. Boyle, Parvitas materiae in sexto in contemporary Catholic thought, Lanham: Univers. Press of America, 1987.

16 Catéchèse, n.138, 1995, Dossier, 13-101, também n. 133, 1993.

de coração, conforme a atitude de Jesus, cujo jugo é suave e fardo leve[17].

Na sociedade urbana moderna, o controle social sobre homens e mulheres é bem mais fraco do que nas aldeias rurais de outrora. Em casa, porém, também hoje o convívio cotidiano expõe os membros, marido, esposa, filhos, em seu agir, suas boas qualidades e suas sombras, de modo que a engrenagem afetiva exige tolerância e capacidade de apaziguar conflitos e evitar colisões. Muitas vezes, tensões emocionais, provocadas fora de casa, são levadas para dentro e aumentam o potencial da agressividade mútua, exigindo muito tato e calma dos demais membros da casa. Se os filhos entram, é clichê dizer, que crianças pequenas têm olhos e orelhas grandes. Com os adolescentes é outra coisa, pois são capazes de aprontar uma briga em que acusam os pais de farisaísmo e jogo duplo, porque exigem, mas não fazem ou dão preferência a um e isolam a outro. Na medida em que as tensões na família nuclear crescem, a fidelidade ao evangelho, a confiança na palavra de Jesus e o amor para com os filhos, vítimas comuns de qualquer separação, formam a barreira mais forte contra a tentação crescente de se divorciar[18].

2.2. O convívio entre pais e filhos

Filho pequeno pisa no chão, filho grande no coração. Filho criado, trabalho dobrado. Estas sabedorias antigas valem hoje em dia, em pé de igualdade (ou mais) também para filha. Pela rapidez das mudanças socioculturais e a complexidade crescente do mundo vivencial, a comunicação entre pais e filhos se tornou mais exigente, a fim de evitar o risco de conflitos contínuos em casa. No contexto brasileiro é difícil falar de um retorno de Deus e do religioso, porque nunca desapareceram entre o povo. Certamente houve uma transformação importante nesta área. De um lado, a hegemonia histórica da Igreja católica vai diminuindo progressivamente, doutro, o mercado ideológico oferece, com todo o refinamento da propaganda, uma variedade de cada vez maior de propostas existenciais e formas de vida que quebram o esquema cultural bastante uniforme do passado. Assim o quase automatismo da transmissão de valores e atitudes religiosas e morais entre as gerações desapareceu em boa parte e as opções dos jovens ficam mais complicadas e instáveis[19].

Desde cedo, os filhos recebem muita influência de fora de casa em sua educação, freqüentando desde o berçário e maternal até a universidade e ambiente de trabalho. Seu processo de socialização passa por programas da TV, da cultura de massa, da música popular, de shows e filmes, de praças de esporte e bares próprios, e é submetido à propaganda intensa e tecnicamente bem feita de um mercado de consumo, especialmente dirigido ao público jovem, com uma moda e estilo de vida próprios à disposição de quem tem pais de recursos. Por causa do estímulo constante dos desejos pelas ofertas mil das vitrinas e dos prazeres fáceis, muita frustração se gera e se descarrega no convívio dos lares. Esta esfera negativa é fortificada pelo futuro incerto que o mercado de trabalho "neoliberal" apresenta aos jovens de hoje. Além disso, álcool e drogas são uma tentação constante, causando dependência, doenças e muito conflito e sofrimento nas

17 Mt 11,29s.

18 18. Mt 5,31s; 19,1-9; 28,20; Jo 14,12-17 etc.

19 M. Loewy, Religion et politique en Amérique Latine, Arch. de Sc. Soc. des Rel, 41 (1996) 51-58; M. de França Miranda S.J., O pluralismo religioso como desafio e como chance, REB, 55 (1995) 323-337; o mesmo, Inculturação da experiência salvífica cristã, Communio, 11 (1996) 190-205.

casas de família. Jovens costumam se isolar em grupos mistos de ambos os sexos, com linguagem própria, comportamento e liberdades que os pais não conheciam em sua juventude e têm dificuldades de entender, embora sejam de sua geração aqueles que criam o consumismo, exploram os motéis e produzem filmes e revistas de "sexo explícito". Entre si, eles se sentem "numa boa", mas o relacionamento com os pais é, muitas vezes, explosivo.

Crianças já são sujeitos e têm sua vida. Mas o processo de seu amadurecimento até ser pessoa adulta é evolutivo, lento e condicionado pela sociedade e ambiente cultural em que é criada. Enquanto a doutrina religiosa e moral supõe geralmente um público maduro, a evolução da criatura humana é gradativa e não tem bom êxito garantido. Crianças, meninos(as), adolescentes não se deixam vestir com roupas de adultos. Jesus abençoou crianças e falava ao povo em parábolas que explicava somente aos discípulos mais chegados[20]. Talvez fisicamente mais altos do que os pais, os filhos estão ainda formando sua identidade e senso de responsabilidade. Para a família moderna é difícil encontrar o equilíbrio entre a continuação de certa tradição de valores e normas que os pais têm recebido e a criatividade solidária diante do clima de injustiça, discriminação e desigualdade sociais que não param diante da porta da casa. Este equilíbrio crescerá devagar, não por imposição autoritária, mas por coragem paciente e diálogo aberto em uma esfera de confiança mútua. Aqui a sabedoria de Gamaliel tem seu valor[21].

Os próprios discípulos de Jesus, homens feitos, mostraram, como era difícil entender sua palavra e seguir seu exemplo naquele tempo. O tempo se complicou na sociedade moderna. Muitos pais cristãos de raízes rurais encontram dificuldades de viverem na cidade e ficarem fiéis praticantes. O problema dos jovens, já nascidos em ambiente urbano, parece ser mais complexo pelas muitas atrações e distrações da sociedade e o lento desenvolvimento da maturidade. Esta lentidão não é questão de inteligência maior ou menor, mas é condicionada pela complexidade móvel da sociedade em que se estão integrando. Conforme sua escolaridade podem saber e tem maior capacidade profissional do que seus pais. No entanto o mundo instável em que procuram caminho é composto de tantas facetas, redes de relações e dependências, sistemas e organizações intricados, ideologias e estilos de vida para cada gosto, que a visibilidade embaça e engana constantemente. Pouco espaço resta para as perguntas mais profundas sobre a vida e morte, o sentido e o absurdo de tanto que se vê e vive[22]. O fracasso de tanto casamento novo indica, como o amadurecimento para firmeza e perseverança custa, se atrapalha e tarda na sociedade moderna em que a manipulação da massa se veste com a bandeira da liberdade.

A casa moderna dá certa segurança para quem a tem contra chuvas e tempestades. Entretanto, querendo ou não, o convívio familiar não se deixa fechar, pois todos os membros tem contatos múltiplos com o grande mundo de fora e estão abertos às muitas influências e condicionamentos até contraditórios que, muitas vezes, nem são conscientizados. A velha "separação" entre Igreja e mundo em que a avaliação deste geralmente era feita em cores negativas pode atrapalhar a evangelização para dentro e para fora da casa. Para dentro, enquanto os pais tentam preservar e isolar seus filhos da convivência com outros de

20 Mc 10,16; Mt 13; Concilium, n. 264, 1996, especialmente p. 55-107.
21 At 5, 38s.
22 Thuis raken in geloof, Praktische Theologie, 1996, n. 4.

sua idade. Para fora, como se fosse possível irradiar a vida cristã sem contato com o "auditório" e sem uma base comum de linguagem, cultura, valores e ideais que canalizam o entendimento e a troca. A novidade Jesus não se entende sem o quadro do Antigo Testamento, a história e vivência da fé do povo judaico, o povo eleito. Mas em uma sociedade de "todo mundo faz assim" é tarefa difícil caminhar entre "tudo é permitido" e o "não me deixarei escravizar por nada"[23].

Os livros sapienciais sabem da ociosidade. Na vida dos jovens de hoje, o problema que volta é o tempo. Como "solução", crianças são colocadas facilmente em frente à TV, mas adolescentes que não trabalham, apenas estudam, ficam com tempo de sobra, porque a escola não ocupa seu tempo nem tem seu interesse. Certas escolas estimulam trabalhos criativos fora das aulas, mas quem apenas assiste aulas com pouco dever de casa, cai na passividade ociosa em que a galera do estádio, o fã-clube nos shows, a bebida ou o namoro de consumo imediato se tornam a recompensa. Apartamentos convidam a sair, para não cair na solidão ou na briga com os pais. Com seu vasto mundo de sonhos e desejos, estimulados pela propaganda que não fornece o dinheiro para comprar o prazer, os jovens arriscam o vácuo em que o sentido da vida evapora no escuro.

2.3. A pequena igreja doméstica

Sem idealização lírica, romântica da vida familiar, o conceito de "Igreja doméstica" (ou: pequena Igreja, miniigreja) foi reassumido pelo Vaticano II para descrever a família cristã, seja qual for sua forma[24]. Desta maneira a fé confirmou, que pelo sacramento do matrimônio os cônjuges cristãos significam e participam do mistério de unidade e fecundo amor entre Cristo e a Igreja[25]. E as famílias completas e incompletas de católicos que, não correspondendo às exigências canônicas atuais, fazem o que podem para criarem em comum um bom clima de amor, serviço mutuo e perdão? Também delas vale, que com boa vontade colaboram pela sua evangelização interna e ajudam a construção do Reino de Deus em sua vinda, dentro dos limites de sua realidade terrestre.

Muitas vezes ainda, a palavra Igreja está ligada à imagem de clero, de altar, de lugar de culto eucarístico, enquanto na casa há ao máximo um oratório herdado, crucifixo ou imagem de santo, talvez uma Bíblia que é lida. Não obstante, em dependência da boa vontade e das condições humanas, a casa se torna uma pequena Igreja, porque espaço de evangelização comum pelo seguimento de Cristo Jesus, praticando-se a oração e as virtudes humanas e cristãs e prestando-se serviço aos outros, especialmente aos mais necessitados[26]. O Sínodo dos Bispos de 1980 e João Paulo II ampliaram este tema e insistem na formação do eixo central da convivência doméstica, que é o amor conjugal e familiar, alimentado pelo diálogo com Deus, pela Eucaristia, pela hospitalidade e cooperação com a vinda do Reino que o Senhor deseja dilatar também por meio do convívio familiar[27].

Na realidade a concretização deste projeto pelas diversas famílias não é tão simples, por causa dos muitos contrastes que há entre a "casa" e o "mundo" e que im-

23 Cf. 1Cr 6,12.
24 LG 11; M. A. Fahey, A família cristã como Igreja doméstica no Vaticano II, Concilium, n. 260 (1995) 108-116.
25 Cf. Ef 5,32.
26 AA 11 longamente.
27 FC 49-64.

pedem uma execução uniforme codificada. Diante da injustiça institucionalizada na sociedade atual, muita família rica dispõe de todas as vantagens da sociedade de afluência e tem medo apenas das massas de pobres, se ao menos as enxergam; muita família pobre se confronta diariamente com luxo, esbanjamento, abusos de poder, abundância nas vitrinas, mas vive, às vezes, de lixo e em baixo de um viaduto. Em casa, os jovens talvez aprendam um estilo de vida de sinceridade, paciência, mútuo adjutório, perdão, senso de honra, confiança; no mundo fora são a competição dura, a violência, a lei de Gerson, a corrupção, a falsidade, o "tudo é permitido" de certas propagandas comerciais e programas de TV para aumentar o ibope, que parecem ser a norma. Na sociedade política econômica as regras do jogo costumam ser bem diferentes do "ethos" que uma família cristã remediada, equilibrada e em condições favoráveis sabe realizar.

Se a "dupla moral" tem várias faces, a confusão religiosa não faz por menos. Nas famílias católicas, a práxis religiosa pode estar misturada com superstições, espiritismo, macumba em caso de necessidade. Fora de casa, talvez haja crucifixos no Fórum, em repartições públicas e lojas, mas se tais símbolos possuem ainda um sentido ou apelo religioso para praticar a justiça e o espírito de cidadania não está garantido. O "marketing" agressivo de certas seitas alicia muitas pessoas, criando até conflitos sérios dentro da mesma casa de tradição católica. Em conseqüência das contradições entre "casa' e "mundo", até certa forma de esquizofrenia "mansa" pode surgir. Em seu papel de pai o homem trata bem seus filhos, é amoroso e compreensível; como empresário é dureza sem dó de ninguém e explorador de operários e operárias. Nas revistas ilustradas mais populares um verdadeiro coquetel de religiões e ideologias está em cores à disposição do público. O dilema fica claro: ou focalizar a própria identidade católica específica e se isolar e distanciar dos outros que pensam e agem de outro jeito, ou acentuar o que há de comum e arriscar, que a própria identidade entra em crise e fica nebulosa.

A convivência e troca entre casa e sociedade não são tarefa evangelizadora isolada de uma só família no Brasil. A Igreja doméstica é incompleta e não é auto-suficiente; precisa das organizações e movimentos de famílias que, de um lado, aprofundam juntas sua práxis evangélica em casa e, doutro, assumem e conquistam com mais eficiência sua cidadania à qual tem direito, pela ação política e se conscientizam melhor de seus direitos e responsabilidades na "grande" Igreja. Infelizmente a voz ativa dos leigos, pais e mães, sacerdócio comum, não tem muita influência sistematizada sobre a solução dos problemas de fé e moral da sua área, embora sejam eles os protagonistas praticantes e realizadores dos projetos cristãos da família, matrimônio e sexualidade. Não é de admirar, que eles estranhem tantas vezes a linguagem, os argumentos e as decisões doutrinárias das autoridades eclesiásticas.

As famílias precisam do sacerdote para participar da Eucaristia e da Comunhão. Mais um dilema para número crescente de famílias que, seja como for, querem por o evangelho de Jesus, seu rigor e sua compaixão, em seus lares. A disciplina eclesiástica oficial se limita a proibir a recepção da Comunhão a todos os casais de católicos que não estão validamente unidos pelo sacramento do matrimônio. Vários bispos e teólogos moralistas têm colocado um ponto de interrogação atrás deste absolutismo e propõem uma práxis pastoral mais nuançada. A prática dos fiéis é incontrolável e fica por agora no "eu acho". Mas o tema tem urgência pastoral, mesmo se fosse apenas pelo fato de que exatamente os casais que mais precisam do "sustento e remédio" da Eucaristia em sua luta de pôr o evangelho em sua vida são excluí-

dos e frustrados em seus esforços. Serve à vida eclesial este tipo de subnutrição crônica católica? E a tolerância dos "bons"?

3. O APOIO DOS(AS) RELIGIOSOS(AS)

O que religiosos e religiosas têm com esta história? Pelo seu exemplo de vida evangélica, sua dedicação pastoral, sua palavra e sua modéstia, eles podem ajudar e estimular, que as famílias se evangelizem, vivam e pratiquem melhor o que Jesus deixou de exemplo. A opção preferencial pelos pobres não é tarefa fácil para religiosos(as), porque o voto de pobreza não impede uma vida confortável e segura em termos de comida, roupa, casa, saúde, férias, viagens. Não é sem razão que o povo pobre identifica a Igreja e os religiosos(as) com os ricos ou classe média. A vida consagrada real é exemplo de evangelização bem sucedida?

Religiosos e religiosas não vivem em família, no sentido comum da palavra. Nasceram e foram criados em ambiente familiar e mantêm contato com seus pais, irmãos e parentes. Falta-lhes, porém, a experiência vivida, presente e contínua de vida familiar de cada dia. O que de fora parece tão claro e simples em termos de normas e orientações, para dentro da convivência de uma família pode parecer algo de um satélite em órbita ou de um projeto de que não se sabe como realizá-lo por falta de condições e meios. Ensinar teoria abstrata é uma coisa; pô-la em prática depende do entendimento, das circunstâncias e capacidades das pessoas-agentes. Dar conselho é bem mais fácil do que aplicá-los em situações concretas da parte das pessoas de carne e osso. Modéstia e respeito profundo por quem vive em família todos os dias e sabe das limitações são condições e virtudes de quem vem de fora.

Pais católicos partilham a evolução de seu convívio familiar e a sua missão educadora com a Igreja-clero-instituição[28]. Nesta partilha, entra o princípio da subsidiaridade no que diz respeito aos serviços do magistério e auxílios pastorais de preparação da 1ª comunhão, catequese paroquial ou movimentos especiais. Também vale para a maneira metódica de formar diretivas morais? Porque fontes científicas e consultores ficam atrás dos bastidores nos documentos do Vaticano, o público leigo moderno facilmente ganha a impressão de imposição autoritária de normas na base de argumentos de lei natural e dignidade humana de que nem todos os católicos se convencem na prática da vida. Tanto as famílias que correspondem publicamente ao padrão oficial da Igreja, quanto os casais fracassados, sem casamento eclesiástico, recasados acumulam práticas e experiências morais na área do convívio de casais e da paternidade responsável também diante de Deus, que analisadas, tornariam mais compreensíveis e transparentes a formação das orientações pastorais.

Durante séculos, a virtude principal do público leigo era a obediência ao clero e seus ensinamentos. Mas a autoconsciência dos fiéis leigos na Igreja e sua vontade de participar na formação da fé e da moral cresceram de tal maneira, que sua autonomia decisória na luz do Espírito Santo se projeta mais, superando a obediência passiva e silenciosa de apenas executar ordens ou escapar pela tangente. A velha distinção (separação) entre Igreja docente e Igreja discente se torna aos poucos um campo comum de trocas e um intercâmbio aberto entre batizados na área da vida casada e familiar com que a vida celibatária

28 Carta às famílias, 16.

consagrada está ligada pelo evangelho, mas de que não tem experiência direta. Por este circuito de comunicação, o teórico se tornará mais um bom samaritano e pastor diante de quem qualquer um se sente livre e se liberta mais.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

Depois de uma atenta reflexão sobre o texto, procure responder em comunidade às seguintes questões:

1. Quais são os aspectos mais desafiadores de uma renovada evangelização da família hoje?
2. No seu contexto e a partir da sua experiência, quais são os principais obstáculos à ação evangelizadora da Igreja no âmbito da família? Que fatores favorecem mais essa missão?
3. Como podem as comunidades religiosas (de modo particular a sua) contribuir para a evangelização da e na família hoje?

A FECUNDIDADE DA SOLIDÃO OU QUE PROVEITO TEM O HOMEM EM GANHAR O MUNDO INTEIRO SE ELE SE PERDER OU ARRUINAR-SE A SI MESMO?[1]

Frei Prudente Nery – OFMCap.

Nos labirintos obscuros da própria alma habitam certamente anjos mas inegavelmente também feras e demônios.

1. INTRODUÇÃO OU: QUE AQUELE QUE BUSCA JAMAIS CESSE DE BUSCAR...[2]

Que o homem é um ser social é uma das mais bem asseguradas verdades antropológicas. Todas as ciências que se ocupam do humano, das mais antigas às mais recentes, comprovam-nos com sólidos argumentos que o homem só pode constituir-se como tal em relações. E estas são as mais variadas. Conscientes nos são as mais óbvias: já o fato bruto de nosso ser é fruto de uma relação. É numa rede de complexas interdependências que crescemos e toma corpo a nossa identidade. Tudo isto tem sido pensado e tematizado com freqüência e profundidade. Menos refletida tem sido, porém, uma outra verdade antropológica, aparentemente contraposta à relacionalidade, a solidão. Numa época em que nos vemos quase magneticamente seduzidos por palavras como comunicação, intersubjetividade, internotícias, pode parecer inoportuna uma tal recordação. Mas exatamente por isso – para que a comunicação não se degenere em vaniloqüência nem as relações interpessoais se transformem em cadeias que ligam o nada ao vazio – é que não podemos permitir que caia no esquecimento esta outra verdade de nosso ser. De resto: a tarefa central do pensar não é repetir o já sabido, mas debruçar-se sobre o ainda desconhecido ou simplesmente esquecido, desocultando sua verdade ou recordando sua realidade.

2. DISTINÇÃO E QUESTÃO OU: QUANDO FIZERDES O INTERIOR COMO O EXTERIOR E O EXTERIOR COMO O INTERIOR, A PARTE SUPERIOR COMO A PARTE INFERIOR, PARA FAZERDES DO MASCULINO E DO FEMININO UM SÓ, ENTÃO ENTRAREIS NO REINO[3]

O homem não é apenas extroversão, comunicação e relação. Ele é também si-

1 Lc 9,25.
2 Jesus de Nazaré: Evangelium Thomae Copticum - 2a.
3 Jesus de Nazaré: ibidem - 22.

lêncio, incomunicabilidade, mistério e solidão. E isto não como deficiência ou conseqüência de desequilíbrios internos ou de situações externas desfavoráveis. É claro: as pessoas podem silenciar por temor de, em falando, expor-se a uma possível incompreensão ou a uma rejeição. Outras podem enclausurar-se no isolamento por resignação, por complexos de insuficiência ou por estratégia. Outras ainda podem recolher-se na solidão por soberba ou por aversão ao mundo e aos seus circunstantes[4]. Tudo isto seria não só possível, mas é, com freqüência, constatável. As solidões que emergem desses desacertos, porém, nada produzem senão ressentimentos, tristeza e angústia.

a) A solidão dos que não amam ou: *há eunucos que nasceram assim do seio materno...*[5]

Dentre elas, destaca-se a solidão dos que não amam. Perguntando-se, certa vez, sobre a pior das solidões, Vinícius de Moraes considera se seria a perda da mulher amada, ou a solidão de Jesus Cristo no Horto, ou a dor dos últimos dias do pintor Toulouse-Lautrec, no seu leito de morte, ou do poeta Hart Crane, nos seus derradeiros instantes, perdido na noite de seu desespero e no escuro do mar, onde, querendo sair desta vida, se lançara. E conclui: *Não, a maior solidão é a do ser que não ama. A maior solidão é a do ser que se ausenta, que se defende, que se fecha, que se recusa a participar da vida humana. A maior solidão é a do homem encerrado em si mesmo, no absoluto de si mesmo, e que não dá a quem pede o que ele pode dar de amor, de amizade, de socorro. O maior solitário é o que tem medo de amar, o que tem medo de ferir e de ferir-se, o ser casto da mulher, do amigo, do povo, do mundo. Esse queima como uma lâmpada triste, cujo reflexo entristece também tudo em torno. Ele é a angústia do mundo que o reflete. Ele é o que se recusa às verdadeiras fontes da emoção, as que são o patrimônio de todos, e, encerrado em seu duro privilégio, semeia pedras do alto da sua fria e desolada torre.* Tem razão o poeta: são os solitários mais sozinhos, porque, na sua indiferença glacial, se isolaram de todos. Eles se bastam. Reclusos em sua suficiência, eles desconhecem a dor dos desejos, a tribulação das nostalgias, o vazio das ausências, as noites de insônia; mas também: a alegria das conquistas, os sorrisos de um reencontro e o contentamento de sonhos realizados. Eles até se voltam para os outros, mas o outro aqui nunca é uma beleza admirável, jamais uma liberdade a ser acolhida e uma grandeza a ser respeitada, mas apenas um objeto útil e aproveitável para algum ganho. Sua personalidade se assemelha à daquele pavão que, certa feita, decidiu casar-se com uma desprezível galinha. Perguntado sobre tal decisão e porque ele, de tão extraordinária majestade, resolvera ter como companheira uma galinha, um ser tão ordinariamente insignificante, o pavão respondeu: *é que eu e ela gostamos muito de mim* ... Tristemente trágica, porém, é a história de todos esses egocêntricos. As estações de seu biodrama são, quase sempre, estas: a tentativa de submeter tudo e todos ao próprio eu, o recusar-se das outras liberdades, o distanciamento gradativo de todos para longe desse egocentro, o isolamento daquele que se queria o centro do mundo e,

4 Em sua Summa Theologica, Tomás de Aquino escreve: *O homem pode viver solitário de dois modos. Primeiro, quase não suportando a sociedade humana, por fereza de alma. E isto é bestial. Segundo, por dedicar-se totalmente às coisas divinas. E isto é superior ao homem. E por isso o Filósofo diz: aquele que não se comunica aos outros ou é uma fera ou é um deus, isto é, um varão divino* (2/2, quaestio 188, ad 5).

5 Mt 19, 12a - O semitismo *desde o seio ou ventre materno* significa: essencialmente. No caso específico, o que está sendo dito por Jesus é que existem eunucos que são tais radicalmente.

por fim, a solidão. É o destino paradoxal (embora perfeitamente coerente com seu princípio interno) dos que, em tudo que buscam, nada mais buscam do que seu próprio eu. Eles sempre alcançam o que buscaram: seu eu e nada mais. É mesmo verdade: *quem procurar reter a sua vida, perdê-la-á*[6].

b) A solidão dos que não são amados ou: *há eunucos que foram feitos pelos homens...*[7]

É a solidão dos deserdados, dos que, aos olhos de tantos, pouco ou nada valem. Eles bem gostariam de se relacionar, mas ninguém lhes digna proximidade. Muitos deles, já na largada de sua vida, se comparados a outros, parecem dotados com tão pouco. Um talento ou menos, foi o que as circunstâncias lhes teriam conferido. O que têm e são é demasiadamente pouco para merecer a atenção dos que, por sua afeição, requerem algum retorno. Ou os muitos que nunca conseguem expressar o que, no íntimo, são e por isso passam pela vida desconhecidos por todos. Com dramática precisão, a carta de despedida de um suicida anônimo assim descreve este sentimento: *A idade e a necessidade esgotaram-me as forças e já não há, dentre os homens, ninguém que me dê um presente, por insignificante que seja. Por isso desço agora, com pernas trêmulas, para a minha tumba. Ainda que com dificuldade, aqui encontrarei o fim dos sofrimentos de minha vida... diferentemente, porém, do que com os outros mortos: ordinariamente os homens morrem e são, depois, sepultados; eu não... eu fui primeiro sepultado e agora morro!*[8] É tremendo: sentir-se, ainda em vida, como numa tumba, sem cores, sem amores, ou mendigando, à margem do mundo, migalhas de atenção e resíduos de misericórdia. Somente a pura gratuidade poderia ainda abraçá-los e acolhê-los. Mas tal abnegada generosidade é, entre os homens, cada vez mais rara. Talvez reste a eles um discreto conforto: *o que pouco vale diante dos homens é grande e dileto aos olhos de Deus*[9] e *são bem-aventurados os pobres e os que choram...*[10] sua indigência e suas lágrimas – esta indefesa forma de protesto do coração humano – serão, um dia, recolhidas pelas mãos daquele que a todos conhece porque a todos ama e transformadas em riquezas e sorrisos.

Estas e outras muitas experiências de solidão, umas: provocadas pelos homens, outras: manifestações do enigma de iniqüidade que, inerradicavelmente, também compõe a nossa vida, aviltam o homem, fazem-no sofrer, roubam-lhe algo essencial.

c) A solidão dos que amam ou: *há os que se tornaram eunucos por causa do Reino dos Céus...*[11]

Há, porém, um silêncio que não é apenas intervalo de palavras ou mutismo, mas reverência diante do inominável e há uma solidão que não é amarga privação do convívio humano nem isolamento arrogante, mas um recolhimento ao mistério do instante e de todas as coisas. Vejamos isto melhor. Aí está o mundo, no qual vivemos e sua impressionante multiplicidade de seres que nos cercam e com os quais nos relacionamos. Há aí pessoas, cuja proximidade encanta-nos a alma e enriquece a nossa vida. E, no entanto, por mais que nos sintamos bem no mundo e entre os homens, restará em nós uma inaudita saudade, um desejo

6 Lc 17,33.
7 Mt 19,12b.
8 Cf. Willemsen, R. (ed.) - Der Selbstmord - DTV, München, 1989 - p. 412.
9 cf. Lc 16,15.
10 Mt 5,3-5.
11 Mt 19,12c.

inexprimível, uma interminável busca de um misterioso desconhecido. O mundo, então, já não nos basta, não porque nos recusasse algo. As pessoas já não nos plenificam, não porque se negassem a nós ou nós a elas. Em nosso ser já não nos sentimos em casa, não porque estivéssemos enojados de nossos limites[12]. Esta é a solidão essencial: o encontro intransferível com aquilo que já não é mais nem o mundo nem as pessoas nem nós mesmos. Nós e o silente mistério de nossa vida. No recolhimento desta solidão essencial, *é a alma que fala? fala o mundo? ou fala Deus?* [13]. Aqui, no interior deste recolhimento, o que importa já não é mais a palavra que expressa o que se sabe, mas o ouvir que acolhe o desconhecido; não mais a comunicação do que somos e temos, mas o recolhimento do que nos é dado e inspirado. Tais instantes nada têm a ver com a desventura do abandono e as amarguras do isolamento. Eles são, antes, prenhes de sentido e de incomum fecundidade.

No outono de 1933, Martin Heidegger, então já mundialmente conhecido por sua brilhante obra *Ser e Tempo*, recusou pela segunda vez uma convocação para assumir a cátedra de filosofia da Universidade de Berlim, preferindo permanecer na região de sua origem, oscilando entre a Universidade de Freiburg e sua cabana nas montanhas de Todtnauberg. Num texto explicativo dessa sua decisão, pode-se ler: *Os citadinos admiram-se freqüentemente do longo, monótono estar só, junto aos camponeses, entre as montanhas. Isso, porém, não é um estar só, mas solidão. Nas grandes cidades o homem pode, com facilidade, estar tão só como em nenhum outro lugar. Mas ele não consegue nunca estar solitário. Pois a solidão possui o originário poder que não nos isola, mas lança toda a existência na ampla proximidade da essência das coisas*[14] .

Aliás, quase todos, senão mesmo todos os grandes luminares de nossa história

12 É deste instante que fala a poesia: *Te amo, sim, mas não é bem a ti que eu amo. Amo uma outra coisa misteriosa que não conheço, mas que me parece ver aflorar no teu rosto. Eu te amo porque no teu corpo um outro objeto se revela. Teu corpo é lagoa encantada, onde reflexos nadam com peixes fugidios... no fundo de tua luz marinha nadam meus olhos, à procura...* (Cecília Meireles)

13 Heidegger, M.- O caminho do campo - Livraria Duas Cidades - Rio de Janeiro, 1969, p. 72. Numa iluminada alocução de Pentecostes, pronunciada na Audiência Geral de 17 de maio de 1972, dizia Paulo VI: *[...] mas existe uma regra, impõe-se uma exigência ordinária a quem quiser captar as vibrações sobrenaturais do Espírito Santo; e é esta: a interioridade. O lugar estabelecido para o encontro com o inefável hóspede é o interior da alma. Dulcis hospes animae, diz o admirável hino litúrgico de Pentecostes [...]. Embora o homem moderno, às vezes até o cristão, até mesmo o consagrado, sinta a tentação de se secularizar, não poderá, nem nunca deverá esquecer a interioridade [...]. É necessário o silêncio interior para ouvir a Palavra de Deus, para experimentar a presença e para sentir o chamamento de Deus. Hoje, a nossa psicologia é demasiado extrovertida; o cenário externo é tão arrebatador, que a nossa atenção, em prevalência, está fora de nós; estamos quase sempre fora de nossa casa pessoal; não sabemos meditar, não sabemos rezar; não sabemos fazer calar o ruído interior dos interesses exteriores, das imagens, das paixões. No coração não existe espaço tranqüilo e sagrado para a chama de Pentecostes [...]. A conclusão nasce por si: [...] devemos encontrar-nos a nós próprios, para estarmos em condições de ter em nós o Espírito vivificante e santificante; doutro modo, como poderemos ouvir o seu testemunho? Haveria outros pontos para considerar em relação a este grande fenômeno da recepção do Espírito Santo dentro de nós. Que relação, por exemplo, pode existir entre esta voz do Espírito, a voz do coração habitado pelo Paráclito, o nosso defensor, o nosso advogado, o nosso mestre interior, e a voz natural da consciência humana, também ela tão delicada e tão nobre? Sócrates tinha um 'gênio', que o inspirava no fundo da consciência, como se fosse uma voz divina (cf. Platão, Apol., 29-30); Gandhi obedecia a uma 'still small voice' que, em certos momentos, se fazia ouvir dentro dele (cf. C. Fusero, Gandhi, p. 511). Sem recorrer, porém, aos exemplos extraordinários, cada homem verdadeiro tem, dentro de si, uma fonte própria, intuitiva e normativa; apresenta-se a pergunta: esta voz seria contrária, distinta ou coincidente com a da inspiração sobrenatural do divino Paráclito?* (Sedoc 5, agosto de 1972, col. 152-153).

14 Heidegger, M.- Denkerfahrungen - Vittorio Klostermann, Frankfurt am Main, 1983, p. 11.

foram homens de uma misteriosa solidão[15]. O próprio Jesus Cristo, narram-nos os evangelhos, antes de dirigir-se aos homens, teria se recolhido num deserto, esta zona do silêncio e do recolhimento, longe de todos os possíveis distúrbios, para, bem junto de si, colocar-se na busca das mais banais e mais evitadas de todas as perguntas: *quem sou eu, quem é o outro, o que é o mundo*? Pois esta é uma das elementares leis do espírito: jamais encontrará o outro quem nunca encontrou a si mesmo. O que levar aos outros, quando nada temos? E o que ser para os outros, quando nada somos, ou nem sabemos distinguir quem é o outro e o que é apenas a projeção de nossa desfocada perspectiva ou de nossos desacertos interiores? Ou como compreender e amar os outros, em suas misérias e grandezas, quem nunca ousou descer pelos labirintos obscuros de sua própria alma, lá onde habitam certamente anjos, mas inegavelmente também feras e demônios?[16]

Aqui, exatamente, seria o lugar de, ao menos, tangenciarmos a questão do celibato e da castidade[17]. Coube a João XXIII pronunciar, em tempos mais recentes, com manifesta clareza, o que, dogmaticamente, sempre foi a doutrina da Igreja. Numa conversa com o filósofo Etienne Gilson, ele teria dito que o ministério sacerdotal não exige intrinsecamente o celibato. Isto foi repetido pelo Concílio Vaticano II, com as palavras: *A perfeita e perpétua continência por amor ao Reino do céu* (isto é: o celibato), *aceita com gosto e louvavelmente praticada por não poucos cristãos, no decurso dos tempos e também em nosso, foi sempre tida em alto apreço pela Igreja, de modo especial em favor da vida sacerdotal (...). Não que por natureza seja exigida do sacerdócio, como se evidencia pela praxe da Igreja primitiva e pela tradição das Igrejas Orientais, onde existem igualmente os presbíteros casados, de altíssimo mérito* (PO 16). A doutrina é clara: a obrigatoriedade do celibato para todos os presbíteros da Igreja Latina é uma norma disciplinar e não uma decorrência da essência desse ministério. É certo que a Igreja pode legislar e fixar normas funcionais, disciplinares e morais para seus membros. Mas leis, para que vinculem as consciências, têm que ser éticas. Não basta que sejam, em processos juridicamente corretos, sancionadas pelas autoridades legalmente constituídas. Já aqui começam as questões: seria permitido à Igreja manter, tão rigidamente, uma lei inderivável quer da essência do objeto tratado, quer do Evangelho, de seus próprios dogmas e da totalidade de sua tradição? Pois, sabemos: o celibato só foi imposto como obrigatório para toda a Igreja Latina em 1.139, por Inocêncio II, durante o II Concílio de Latrão. Por mais de mil anos, os presbíteros podiam se casar... e com certeza, o cristianismo que esteve sob os cuidados dos clérigos esposados não foi o pior cristianismo da história da Igreja.

A Igreja insiste em manter tal disciplina e assegura: *Pelo celibato... os presbíteros se consagram a Cristo de maneira nova e privilegiada, a ele mais facilmente aderem de coração indiviso, dedicam-se mais livremente... ao serviço de Deus e dos homens, servem com mais disponibilidade a Seu Reino...*[18]. Como se vê, só

15 Deixando aqui de lado figuras juridicamente religiosas, são muitas as pessoas solitárias que marcaram decisivamente a história humana; dentre elas: Descartes, Newton, Locke, Pascal, Spinoza, Kant, Leibniz, Nietzsche, Kierkegaard, Wittgenstein, Rilke, Hölderlin, Exupéry, Brahms, Gandhi...

16 Ou como perguntava Carlos Drummond de Andrade: *Como decifrar pictogramas de há dez mil anos, se nem sei decifrar minha escrita interior?* (Corpo - Ed. Record, Rio de Janeiro, 1984, p. 29). Cf. Mc 1,12-13.

17 Não desconhecemos que castidade e celibato são categorias distintas que vocalizam realidades diversas; há, entretanto, entre elas uma vasta área de mútua interseção; é em vista disto que empregamos aqui promiscuamente os dois termos.

18 PO 16.

mesmo argumentos de funcionalidade podem ser arrolados para justificar a lei do celibato, isto é: fica mais fácil, sobra mais tempo, há mais disponibilidade e liberdade para o exercício das funções presbiterais. E isto é significativo, pois fundamentos de teor antropológico e de caráter teológico que legitimem a lei do celibato realmente não existem. O motivo do *coração indiviso*, não por acaso alicerçado no obscuro capítulo 7 da primeira carta de Paulo aos Coríntios, segundo o qual o ministro não se casaria para amar a Deus e dedicar-se à sua causa de todo o coração, é uma imprecisão antropológica e uma inverdade teológica. Pois o coração humano, quando verdadeiramente tal, nunca é divisível: ou ele ama a todos, homens e Deus, ou não ama ninguém[19]. Além disso, Deus e homem – assim crê e confessa o cristianismo! – não são grandezas antagônicas e concorrenciais, de tal sorte que, para amar a Deus de todo o coração, precisássemos deixar de fora do âmbito de nossa cordialidade os homens; ou quanto mais amássemos uma pessoa em concreto, menos espaço restaria em nós para o amor de Deus.

As questões acerca desta disciplina eclesiástica são inúmeras e de diversas ordens. Por isso, fica para um estudo específico tratá-las adequadamente. Por ora basta recordar: o celibato só será verdadeiro e humano se for conseqüência da largueza e não da estreiteza do coração, da prodigalidade e não da renúncia, da liberdade e não de imperativos intransigentes. Caso contrário, ele não passará daquilo que, hoje, lamentavelmente, temos que constatar: em pouquíssimos casos, uma vivência serena. Para incontáveis pessoas, apenas um fardo intolerável, só suportado por força de draconiana autodisciplina e seus conseqüentes desastres pessoais ou por duplicidades mal-dissimuladas. Em outros casos ainda, apenas uma vantagem (como no dizer de um intelectual: *uma noite de amor é um livro não escrito... e isto é deplorável!*), quando não expressão de soberba e auto-suficiência. Realmente: o celibato, como veremos a seguir, é uma possibilidade humana de vida, cheia de belíssimas chances e severos riscos, exatamente assim como o matrimônio. Mas a lei do celibato é iníqua e, conseqüentemente, em sua argumentação, insustentável.

Ao contrário de tudo isto: O que estreita o coração é o voltar-se sobre si mesmo, a mediocridade e o legalismo. O amor, nunca. Pois quanto mais amamos, mais se alarga o nosso coração, em todas as direções. E quanto mais amável nos é qualquer coisa deste mundo, mais translúcidos nos tornamos para Deus, nós e toda a realidade, e mais junto d'Ele nos sentimos. Quando amamos uma pessoa e com ela partilhamos nossa vida, de corpo e alma, nunca ela nos será um entrave no caminho para Deus. Antes, sua presença em nossa vida é como uma janela aberta, pela qual podemos, do recolhimento de nossa morada, contemplar o céu. Os que, um dia, amaram alguém, ou ainda amam, sabem disso: quando, em paz, estamos nos braços do amor, tudo é, então, como se os céus, suavemente, descessem à terra e nos envolvessem com suas bênçãos, ou como se a terra, alada de leveza, se transfigurasse numa parcela do céu e fôssemos beijados pelo infinito. É justamente por isso que a Igreja Católica, em sua sabedoria, contra outras confissões cristãs, assegura que o matrimônio é mais que apenas um ato jurídico ou um pacto social. Ele é um sacramento. E isto significa: quando duas pessoas se amam, este amor é, em si mesmo, um arrebatamento para junto de Deus. E de fato: não há nada nem ninguém deste mundo – nem as famílias nem o estado

19 cf. 1Jo 4,20.

nem a religião nem ideologias nem a moral nem a miséria nem a morte – que consiga desfazer os laços de amor entre duas pessoas, quando este amor se transforma em sacramento, isto é: o lugar da graciosa experiência da felicidade, do paraíso, de Deus[20]. O matrimônio é verdadeiramente um sacramento, porque o amor entre os homens é uma hierotopia, uma clareira neste mundo em que luzes celestiais derramam-se sobre os homens, inundando todas as coisas de transparência para Deus.

E, no entanto, todo amor humano permanecerá, para sempre, apenas um aceno e uma promessa, não porque o amor seja provisório, mas exatamente porque ele e somente ele é eterno e um sinônimo de Deus mesmo. Por isso, ele é sempre mais e maior e mais terno e mais serviçal e mais alegre e mais humilde e mais paciente e mais profundo[21] do que, entre os homens, haveremos de encontrar e, uns aos outros, podemos nos dar, todos e cada um. Eis aí, talvez, a raiz da indecifrável nostalgia de um Totalmente Outro que irrompe sempre de novo do recesso da alegria como do íntimo da tristeza, da quietude do celibato como do júbilo do matrimônio, da experiência da felicidade como da penúria da aflição.

Se o celibato e a castidade têm algum sentido (humano e não apenas funcional e institucional), então aqui e este: todo homem, por necessidade essencial, é também solidão, recolhimento ao espaço de uma última imediatez e intimidade entre ele apenas e seu Mistério[22]. Sem esta solidão e seu *originário poder* que nos lança para dentro da intimidade de todas as coisas e que fecunda a vida, tudo será apenas superficialidade, vazio e esterilidade. E se tal é constitutivo do humano, isto vale para todos, para os que não se casam como para os que se entregam em matrimônio. Destarte, matrimônio e não-matrimônio serão casualidades meramente históricas; ambos, completamente irrelevantes para a constituição do homem como homem; ambos, chances e possibilidades reais de se viver humanamente. Sem nenhum privilégio diante do mundo ou diante de Deus[23], nem para uma nem para a outra dessas duas casualidades.

De resto: não seria isto a castidade: a límpida sensibilidade da alma que em tudo vê aquilo que tudo realmente é: não servicais de nossas volúpias, às vezes obsessivas, às vezes obcecadas, às vezes obstinadas, às vezes obscenas, mas criaturas e imagens de uma beleza indescritível, reflexos e sacramentos de Deus? Não seria isto o celibato: não tanto e primariamente abstinência sexual, mas a percepção de que o outro é uma alteridade que não pertence a ninguém a não ser a si próprio e a Deus[24], mas junto ao qual estar e viver – apenas

20 O contrário não é menos verdade: não há nada nem ninguém deste mundo - nem fé nem doutrinas nem excomunhão nem riquezas - que consiga manter juntos corações que se afastaram. Legalismos ou conveniências podem até reter sob um mesmo teto os corpos, mas jamais os espíritos e a benquerença.

21 Cf. 1Cor 13,1-13.

22 Assim principia o belíssimo *Soliloquium dilectionis* de Hugo de São Vítor: *Falarei secretamente à minha alma e exigirei dela, em amiga confabulação, o que desejo saber. Nenhum estranho será admitido... assim não me intimidarei em perguntar coisas ocultas nem ela terá pudor em responder-me a verdade* (PL 176, p. 931).

23 O que define o homem perante Deus não é o ser-casado ou não, mas o modo como ele é, aqui ou ali, e a forma como ele conduz a sua vida, esta ou aquela. Cristão, verdadeiramente, não é aquele que não se casa, mas aquele que, casando-se ou não, ordena e vive sua relação com a pessoa amada e com todos no espírito de Jesus Cristo. São dele as palavras: *ama teu irmão como tua alma, guarda-o como guardas a pupila de teus olhos* (Evangelium Thomae Copticum, 25).

24 É o lamento infindável e veraz sobre tantas relações intra-humanas, no matrimônio como na vida religiosa: a grosseria dos que se acham proprietários de pessoas, apenas porque estas se vincularam a eles pelos laços

isto ou isto tudo! – é uma dádiva sagrada e uma bênção celestial? E não é isto o que mais nos falta, na vida matrimonial como na comunidade religiosa, a saber, a discreta gratidão que diz: não és minha, mas grato sou à vida porque tu és...? Segundo Rilke, nisto consistiria o amor: *que duas solidões se protejam, se limitem e se saúdem*[25] e, acrescentaríamos: se devolvam, reverentes, à vastidão e profundidade de seu Mistério.

Por isso em todo amor interpessoal verdadeiramente humano haverá sempre um momento célibe a ser realizado, isto é, de autonomia e independência, de transferência e entrega do outro à sua Vida[26]. O amor humano é grande, é o que de maior existe no mundo... e, não entanto, ele é apenas prelúdio de um amor maior. Este, sim: incondicional e eterno. É quase sempre assim: no pano de fundo do obstinado círculo de buscas e decepções, tentativas e fracassos em relações de intimidade cada vez menos duradouras, está, com freqüência, não a imoralidade, mas um grave problema religioso: todo homem sem Deus transformará, inevitavelmente, algo deste mundo (pai, mãe, filhos, esposo, esposa, posses, vícios, convicções, política, leis, esporte, ideologias) em seu deus... cobrindo-o ora com exigências desmedidas, ora com expectativas irrealizáveis, ora como um tirano de imposições, ora como um abismo de insaciáveis carências. Entretanto: por mais encantadora que seja uma pessoa e benevolente e generosa, ela jamais conseguirá ser tudo para alguém. Nenhum humano suporta ser Deus... e nem precisa, pois Deus existe e podemos nos recostar n'Ele, como num absoluto mistério de amor. E só assim seremos capazes de conviver, sem irreparáveis frustrações, com os limites de nossa vida e dos homens, suas sombras, infidelidades, descortesias e iniqüidades. *Solus Deus profundissimis respondit desideriis humani cordis*[27].

3. ENCERRANDO OU: DOS CAMINHOS SOBRE OS ABISMOS

O homem não é apenas um ser social, ele é também só[28], uma verdade nunca definitivamente revelada, um mistério nunca totalmente compreendido, uma questão para si mesmo, um resto de incomunicabilidade, não porque ele não queira se expressar, mas porque seu derradeiro

---

de um compromisso, religioso ou matrimonial. Ora, pessoas não são nacos de carne complexificados. São liberdades e grandezas sagradas e, quando tratadas com a suavidade da ternura, seguramente mais generosas, responsáveis e disponíveis do que imaginamos ou do que conseguiríamos pela violência das imposições, das invasões e dos autoritarismos. Verdadeiramente: *jamais se colhe a beleza de uma flor, arrancando suas pétalas* (cf. Rabindranath Tagore - Pássaros perdidos - Paulinas, São Paulo, 1991 - p. 154).

25 Cf. Lotz, J.B. - Von der Einsamkeit des Menschen - Verlag Josef Knecht - Frankfurt/Main - 1956, p. 147.

26 Quem assim vive, este será próximo e distante, recatado e amigo... e ele não quererá possuir ninguém, porque todos somos filhas e filhos do Reino da Liberdade e só aí em nossa verdadeira morada. De fato, mas ao contrário do que se pensa: mais vale um pássaro voando do que dez na mão... pois é voando, soltos no céu de sua liberdade, que os pássaros são maravilhosos e verdadeiros!

27 Este pensamento da antigüidade cristã fica inserido aqui, em sua língua original, como uma homenagem ao jovem teólogo Irmão Afonso Murad. Sua própria obra literária é o melhor testemunho de que, realmente, não é necessário ter o domínio da latinidade para se produzir uma teologia de extraordinária qualidade. Ainda que supérflua, vai aqui a tradução: *Somente Deus responde aos mais profundos desejos do coração humano.*

28 Assim pensa Octávio Paz: *Todos os homens, em algum momento da vida, sentem-se sozinhos; e mais: todos os homens estão sós. Viver é nos separarmos do que fomos para nos adentrarmos no que vamos ser, futuro sempre estranho. A solidão é a profundeza última da condição humana. O homem é o único ser que se sente só e o único que é busca de outro [...]. O homem é nostalgia e busca de comunhão. Por isso, cada vez que se sente a si mesmo, sente-se como carência do outro, como solidão* (O labirinto da solidão - Paz e Terra - Rio de Janeiro, 1979, p. 175) (A indicação da obra de O. Paz, devo-a, agradecido, à colega Prof.a Sílvia Maria Contaldo de Lara - ISTA/BH e PUC/MG).

segredo é secreto também para ele. Por mais próximos que sejam os homens, reinará sempre entre o eu e o tu uma absoluta distância, um hiato que é a própria não-coincidência de mistérios nunca definitivamente pronunciáveis. Esta distância interposta entre absolutos, entre o tu e o eu, é o *dia* do *logos*, o âmbito do sentido, o *medium* da comunicação, o horizonte das saudades e das eternas buscas, a fonte do inesgotável encantamento, as sendas sobre as quais vai e vem o invisível das intimidades, o habitáculo dos corpos e do amor. Conviver é percorrer tais trilhas, relacionar-se é buscar e permitir a transparência das alteridades, amar é carícia de corações. Uma derradeira solidão, porém, restará sempre. O outro será sempre o outro. Mas podemos aprender a compreender a linguagem de seu olhar, a expressão de sua face, os gestos de suas mãos, a melodia de suas palavras, a fala de seu silêncio e, seguindo os acenos de sua inviolável liberdade, descer ao seu coração, fazendo do distante um próximo e do próximo, um íntimo e do íntimo, um amável mistério. E isto será tudo. Pois entre absolutos não há síntese, mas apenas diálogo. E o homem é uma *ultima solidão*. Indevassável por quem quer que seja, porque, no profundo, radicado no último mistério do mundo e dos homens: Deus.

A história registrou o dia 22 de agosto de 1741, um sábado, como a data em que Georg Friedrich Händel, recolhido no andar superior de sua casa, na Lower Brook Street, em Londres, começou a compor a sua mais conhecida obra musical, o Messias. Ele acabava de se recompor de um colapso que quase lhe arrebatara a vida. Tivera-se já como morto e fora devolvido ao mundo por pura graça. Seus historiógrafos descrevem este tempo como de uma profunda depressão existencial. Quem sabe, porém, eram apenas instantes de uma reflexiva solidão diante da fragilidade da vida. O que Händel contemplou, em seu recolhimento, não o sabemos. Uma lenda conta que um servo seu, ao levar-lhe, já em noite avançada, um chá, o surpreendera entre lágrimas. Perguntado sobre o que lhe ocorria, Händel teria respondido: *Julguei ver diante de mim o paraíso e o próprio Deus*. E foi desta solidão que, em menos de quatro semanas[29], surgiu um dos mais belos cantos sobre a graça produzidos pela alma humana, um verdadeiro oratório sagrado. São instantes de arrebatadora harmonia, acenos de um divino mistério de invulgar fascinação. Uma cantilena universal e eterna nascida da mortalidade e da solidão. É de Händel a determinação: tudo que fosse arrecadado em dinheiro com a execução e apresentação inaugural de sua obra em Dublin e Londres deveria ser doado para os órfãos e prisioneiros daquelas cidades, pois foi para isto que veio ao mundo o Redentor: para devolver os prisioneiros à liberdade e para dizer a todos os órfãos e empobrecidos deste mundo que também eles são filhas e filhos de Deus. Observe-se: a solidão não é o contrário da relacionalidade, assim como o pessoal não precisa ser uma contraposição do comunitário, do social e da solidariedade. Também aquela obra que foi produzida no ermo de um eremitério pode ser de repercussão e proveito para muitos. Até mesmo do recato de uma cela conventual podemos ser solidários e amar, quando pensamos, expressamos e vivemos o que a cada um toca e importa essencialmente.

29 No dia 14 de setembro de 1741, Händel deu por concluída a sua obra, inscrevendo na página inicial das partituras os seguintes dizeres: *Soli Deo gloria. Fine dell'oratorio. G. F. Haendel, September 12, 1741, ausgefüllt den 14 September.*

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. O autor descreve em seu artigo a solidão dos que não amam, a solidão dos que não são amados, a solidão dos que amam. Você concorda com as opiniões do autor? Quais delas foram mais questionadoras para você? Quais lhe pareceram mais iluminadoras e fecundas? Procure partilhar tudo isso em comunidade.

2. Depois de refletir sobre o texto, procure conversar com seus irmãos (suas irmãs) de comunidade sobre a maneira como a solidão é assumida e vivida nas comunidades religiosas e sobre o sentido profundo da solidão na vida dos seguidores de Jesus hoje.

MARIA NA "FALA" DO POVO

Ir. Rosa Adela Osorio Sierra, FMM
Belo Horizonte – MG

Eis que vou, eu mesmo, seduzi-la, conduzi-la ao deserto e falar-lhe ao coração (Oséias 2,16).

Neste artigo, iluminada pela Palavra de Deus e guiada pela palavra do povo, quero apresentar alguns pontos para a reflexão sobre a Mulher Maria de Nazaré, enquanto experiência viva – vivida pelo povo e no meio do povo -, que empolga a fala popular e o coração, para proclamá-la ainda hoje, *bem-aventurada*, Mãe dos pobres e plenitude de Mulher.

O artigo foi criando corpo na medida que em a voz do povo foi sendo ouvida. De modo especial agradeço á Divina, Maria Augusta, Pilar, algumas mulheres que freqüentam o centro comunitário da Pastoral da mulher em Belo Horizonte e, ao grupo de estudantes do curso de teologia pastoral do IMACH, em Belo Horizonte, pelas respostas à pergunta: ***Quem é Maria e o que Ela significa na sua vida?*** Eu apenas tentei costurar retalhos das experiências contadas por eles e elas.

ANCESTRAIS DE MARIA

Historicamente Maria foi, na cultura de seu tempo e do seu povo, uma criatura sem importância. Os detentores do poder político, social, econômico e religioso de então, não tiveram interesse algum sobre Ela. Simplesmente pertenceu às meninas da classe mais pobre. Crescia sonhando entre as adolescentes daquela sociedade, sem fazer alarde, como é característico dos pobres. Distinguia-se, porém, pela certeza da esperança transmitida de geração em geração, de que o Deus Bíblico privilegia os pobres, os fracos, os pequeninos e desprezados da história. Entre este povo *Deus armaria sua tenda quando chegasse a plenitude dos tempos* (Jo 1, 1ss).

Maria era, assim, a mocinha da aldeia de Nazaré que crescia entre a comunidade dos *'anawin'* (pobres), como o povo eleito, o resto de Israel, do qual diz o Profeta: "*O resto de Jacó será, no meio de numerosos povos, como um orvalho vindo de Javé, como gotas de chuva sobre a erva, que não espera no homem e não conta com o filho do homem*" (Miquéias 5, 6). Maria foi crescendo na fé e no devotamento ao Deus Vivo, identificando-se com "*a situação real, material destes* ***anawin,*** (que) *é de desgraça, aflição e humilhação devido às circunstâncias pessoais ou nacionais. Esta situação deprimente é vivida com uma esperança de libertação, provinda do Messias divino. Atitude de esperança que significa abertura, entrega a Deus, confiança nele, reconhecimento da própria impotência*".[1] *Deste modo,* Maria fez o caminho de fé e nele vivenciou o Deus que caminha com o seu povo, porque

1 MIER Sebastián. *María en el Evangelio Liberador.* Ed.Centro de Reflexión Teológica, México, 1988, 28.

"*Deus é um mistério com o qual se convive, se dialoga e comunga*".[2]

Deste modo, Maria, Mulher e corpo de menina, tornou-se entre os e as eleitas, como que a privilegiada pelo Espírito Divino. Por sua vez, Ela fixava-se no Mistério, que a surpreendia ao lhe propor se aceitaria que em seu corpo virginal Deus se tornasse Carne humana (Lc 1, 26-38). Por um instante o próprio Criador dependeu do SIM de uma mulher que interrogava, nos limites de uma menina moça, "*como se fará isto?*" A própria Igreja nos confirma que, deste modo, Maria foi *"a primeira entre os humildes e os pobres do Senhor, que confiadamente esperam dele a Salvação"* (Cf. LG 55). Porque *"Maria acreditou que se cumpririam aquelas coisas que lhe tinham sido ditas da parte do Senhor"*.[3]

OLHANDO A HISTÓRIA

Vemos que a devoção a Maria chegou até nós no próprio 'projeto da conquista' dentro do qual o povo soube muito bem libertá-la da maneira como, por vezes, era apresentada a favor dos vencedores[4], para ser de fato a Mãe dos aflitos e a protetora dos desvalidos na "América, nossa Pátria Grande".

A experiência cristã foi crescendo no meio do povo, o qual foi aprofundando a fé mariana. Maria, como Mãe do Salvador, o Crucificado, deu força a tantas mães identificadas com Ela porque tiveram e têm seus filhos, parentes ou esposos-companheiros, torturados e excluídos, à margem da história, ou desaparecidos nas terras deste nosso continente.

Além disto, as raízes culturais indígenas e africanas são marcadas pela força feminina (mulher-terra), na sobrevivência dos seus povos, onde o conceito fundamental da bipolaridade integradora dos opostos, – perto e distante, separado e junto, sol e lua, masculino e feminino[5] - deu uma conotação específica ao povo que hoje testemunha de uma maneira viva e vibrante sua devoção à "Santa", à Santíssima Virgem Maria – Mãe de Deus e Mãe nossa também.

Maria pertence ao patrimônio da experiência dos pobres. Assim, ontem como hoje, os **anawin** na história da salvação continuam a nos ensinar que *"a fome, no fundo, é o que mantém o ser humano aberto ao sonho e à poesia, à imaginação utópica religiosa... O mundo novo, então, se torna presente, em toda e cada esperança relativa e velada do presente, pela poesia utópica do reino futuro, cujo berço é a própria imaginação do ser humano, aí arriscado, peregrino, portanto, criador, poeta e profeta transformador"*.[6]

UM 'FATO' ENCARNADO

Parece próprio ao humano querer sentir, tocar, ver, ouvir a própria vida, mais ainda quando o coração traz as marcas da tradição camponesa e poética, onde o contato com o natural e a beleza do campo predispõem o humano a acarinhar a carne.

---

2 MARCIAL Maçaneiro. *Mística e Erótica. Um ensaio sobre Deus, Eros e Beleza.* Ed. Vozes, Petrópolis, 1995, p 67.

3 JOÃO PAULO II. *Sobre a Bem-Aventurada Virgem Maria na Vida da Igreja que está a caminho.* Ed. Vozes, Petrópolis, 1987, N. 42.

4 PUMA Waman, CONQUISTA. Ed. Siglo XXI. América Nuestra, México 1988, 374-375.

5 AGEN Von. *L'Impero degli Inca.* Ed.GTE-Newton, Roma, 1976, 14. Ver também: MARCOS Sylvia. *Sexo e preceitos morais no México Antigo.* In CONCILIUM / 238 - 1991/6:, 85.

6 PATRICK JOSEPH Clarke. Pão e Poesia: *A imaginação religiosa e a luta pelo pão no cotidiano do morro do Urubu.* Ed. Ave Maria, São Paulo, 1994, pp. 132-133.

Um simples aconchego do bem querer a própria Vida e a sua própria existência, como gratuidade e devotamento, sentindo que *"a ação de Deus faz do ser humano parceiro que livre e criticamente colabora com Ele construindo sua vida"*.[7] Nesta perspectiva, Maria tocou a carne, o coração e a vida popular. *"A encarnação é fundamentalmente a experiência que cada mulher e cada homem, sustentados por uma comunidade de fé, fazem de Deus presente na fragilidade da carne humana, presente no outro e em mim, e torna-se apelo de conversão de vida no outro e em mim"*.[8]

Estou falando da encarnação na sua realidade complexa e, ao mesmo tempo, na desafiadora tarefa que ela coloca para a nova evangelização no mundo atual, principalmente a partir da diversidade cultural existente entre os povos descendentes de Abia-Yala[9] posto que: *"...a problemática da encarnação de uma comunidade eclesial assume aspectos diferentes segundo o meio concreto em que está situada (...) encarnando-se na vida e na cultura do lugar (...) Deve-se pensar realisticamente em enfrentar o maior problema de encarnação ou "aculturação" da mensagem e vivência cristã em nosso País: O encontro com a religiosidade popular"*.[10]

Como Mulher do povo, Maria tem muito a nos falar. Talvez na linguagem de hoje, a gente ouça dizer que Ela *inculturou** Deus na história ao acolhê-Lo no seu ventre, dando-lhe o Corpo cujo nome foi Jesus. A este Jesus Deus, Ela, como cidadã e mãe judaica, o introduziu na cultura do seu povo. Dizem os Evangelhos que "Ele crescia em sabedoria, idade e graça diante de Deus e dos homens" (cf. Lc 2, 52).

Assim, pode-se considerar a devoção a Maria como uma das expressões características desta religiosidade popular e, neste sentido, foi ouvindo a voz do povo que o artigo nasceu. Convido, então, a escutar as expressões nascidas da experiência cristã e transmitidas até nós no sentido mais singelo da fé vivida no coração do povo. Estas vozes de homens e mulheres nos dão o testemunho de que *"a feminilidade encontra-se numa relação singular com a Mãe do Redentor. A figura de Maria de Nazaré projeta luz sobre a* mulher enquanto tal, *pelo fato exatamente de Deus, no sublime acontecimento da Encarnação do Filho, ter-se confiado aos bons préstimos, livres e ativos da mulher"*.[11]

FOI ASSIM QUE O POVO FALOU

– Maria é "delicadeza, ternura, renúncia, disponibilidade, força, coragem, amor, paz, trabalhadora, prestativa, jovial, orante, dinâmica. É carinho, alegria de viver para o outro. Caminho perfeito, projeto de vida".

– "Pessoa simples de coração, aberta às pessoas, carinhosa. Mãe que sabe o que o filho quer e sente-se feliz em fazê-lo feliz. Uma mulher de confiança e de credibilidade. A beleza de mulher é encantado-

7 PEIXOTO, Luiz Fernando. *"Debaixo deste angu tem carne. Reflexões sobre a experiência de Deus na sabedoria popular e vida religiosa"*. In: CONVERGÊNCIA. Nov. 1996 - Ano XXXI - N. 555-576.

8 GEBARA, Ivone e BINGEMER Maria Clara L. *Maria Mãe de Deus e Mãe dos pobres: Um ensaio a partir da mulher e da América Latina*. Ed. Vozes, Petrópolis, 1987, 55.

9 Abia-Yala. Quer dizer Terra Habitada. Nome que os indígenas atualmente usam para designar o continente Latino-Americano.

10 CNBB - 3 - Estudos. *Comunidades: Igreja na base*. Ed. Paulinas, São Paulo, 1974. N. 4.3.

* Refiro-me a inculturação como processo humano de acolhida e inserção no mundo cultural onde se quer anunciar a Boa Nova do Deus Salvador.

11 JOÃO PAULO II. *Sobre a Bem-Aventurada Virgem Maria na Vida da Igreja que está a caminho*. Ed. Vozes, Petrópolis, 1987, N. 46.

ra em seu corpo e em suas atitudes. Uma mulher que conquista por ser simples, próxima, amável".

–"Mulher do povo, exemplo de seguidora, decisão radical, gratuidade, vida de oração, entrega, pessoa que ama, mãe, caminho para Jesus, protetora e serviçal".

– "Mulher toda de Deus. Mãe de Deus e dos homens. Ternura. Discípula de seu Filho. Mulher de Esperança. Co-redentora. Modelo de consagrada, modelo de resistência. Companheira de luta. Mãe dos pobres".

– "Mulher simples, meiga. Aquela que retrata a mulher mãe dos sofredores. Mulher presente na realidade. É companheira, luta com os outros, acredita. Revela o rosto materno de Deus, proximidade". "Mulher em sua plenitude. Exemplo de mulher que luta e segue os seus objetivos. Maria Mãe de Jesus: Discípula perfeita, aquela que diz sim".

– "A Bendita"; "A gente tem fé Nela; é a Virgem Santa na Hora dos apuros". "Nossa Senhora é preta como nós". "É pessoa de valor e deve ser respeitada, mas não vejo valor em clamar por ela, fazer celebrações" (não católica).

– "Mulher, mãe, fidelidade a Deus acima de tudo, simplicidade, bondade, amiga, modelo de mulher consagrada".

– "Ajuda na caminhada diária. A que me ensina a ser fiel ao que Deus quer de mim. Consolo nos momentos difíceis". "É a figura paradigmática das mulheres que a antecederam e a sucederam na experiência de Deus".

– "É o nome que as mulheres usam no seu ambiente de trabalho". Maria "é usado pelas mulheres que não querem divulgar o seu nome no local de serviço".

– "É igual a disponibilidade, exemplo de amor. Pelo lado do "Sim", aceitar o que vem ao meu encontro, abrir-se ao projeto de Deus. Sair em direção àqueles que precisam de mim (Visitar Isabel). "Guardava todas as coisas em seu coração. Amor, seguimento do Cristo Jesus, vivendo com o seu Filho, respeitando o seu projeto. Não abandonar e viver em comunidade (Atos dos Apóstolos) ".

– "Compromisso com a vida. Responsabilidade com as pessoas. Diálogo, a Samaritana. Ternura ao pé da cruz. Encontro, reunião em Caná. Presença constante de alguém que deixa Paz, tranqüilidade e vontade de seguir a caminhada".

– "Lutadora, espírito pobre, bondosa. Segundo minha experiência ela é uma Mãe, uma mulher que sempre me acompanha, que me inspira muita confiança e me leva a seu Filho Jesus. Uma Maria presente no meio do povo, que acolhe, Mãe de Deus e de todos os homens".

– "A Mãe não só das pessoas mas de todas as coisas. Porque se Ela é Mãe de Jesus e Jesus é Deus, então, Ela é mãe de todas as coisas".

– "É abertura. Quem melhor acolheu e transmitiu a Boa Nova _ Jesus Cristo _. Aquela que absolveu, é misericórdia, que ama a todos e se coloca acessível a todos. Maria é a Boa Nova. Ponto de encontro, referência do Divino no humano".

– "Aparição, mulher, feminilidade, afetiva, apaixonada, crente em Deus. Fiel comprometida com realidade. Construtora de sua fé na historicidade. Comunicadora. Educadora. Presença. Disponibilidade. Discípula e seguidora".

– "Este nome me lembra sempre a Mãe de Nosso Salvador. Ela é um espelho para uma família, com ela aprendemos a nossa missão de mãe, a nossa responsabilidade e a nossa doação. O estar ao lado de nossas e nossos filhos sempre. O sermos embaladas, embalados por ela. Envolvidas, envolvidos com o seu manto. E nos sentirmos crianças outra vez e termos a

sensação de que estamos protegidas, protegidos".

– *"Modelo para a vida cristã: sua humildade, fidelidade, compreensão e paciência. Mulher fina, simples, corajosa que ensina a todos viver como filho e filha do Senhor". "Mãe de toda a humanidade, presente em todas as culturas na figura da mulher forte, decidida e servidora de Deus. Para nós, cristãos, é modelo ético e presença amorosa de Deus que é Pai e Mãe".*

Há muito para ser resgatado e repensado em Maria e a partir dela, porque "a mística não consiste numa forma de vida ao lado das outras, mas naquela atitude mediante a qual nos situamos bem diante das coisas, decifrando o que elas contêm e escondem: a presença inefável de Deus".[12] Neste sentido, as diversas falas nos dão testemunho do que foi transmitido a partir da fé, da experiência de vida e do que a teologia vai burilando no decorrer de cada tempo. Quero comentar três aspectos da fala destes testemunhos, por considerá-los terreno fértil no repensar teologicamente Maria Mestra para a humanidade destes novos tempos.

SENTIR E VIVENCIAR MARIA COMO "MÃE DE TODAS AS COISAS"

É perceber a Nova Criação, recriando o cosmos a partir dos paradigmas emergentes da Mãe. A Encarnação transmite o desejo infinito de Deus para que a VIDA impere no universo. Maria conheceu a VIDA em Plenitude. Deus, seu Espírito e Ela conheceram a cumplicidade ao recriar o Homem totalmente Novo. Seu Filho foi Jesus, o Humano Perfeito.

Maria então deu a Luz o Menino e instaurou, segundo a vontade do Pai, o Projeto Novo no mundo pela esperança utópica de uma nova criação. *"Maria é mais do que "simplesmente Maria", é mais do que a Mãe de Jesus, é mais do que o povo simbolizado numa mulher. Maria é criação divina do humano e no humano. Por isso pode-se falar de revelação "sem fim" de Deus em Maria. Cada época histórica "revela" ou "projeta" o desejo de algo sublime, maravilhoso, pequeno, grande, porém sempre cheio de esperança, na figura de uma mulher, deusa, mãe, esposa".*[13] Percebê-La como a Mãe de Jesus (Deus), Mãe de todas e todos nós, e *Mãe de todas as coisas,* é considerá-La a – Grande Mãe – da História da humanidade. Resistente e poderosa que ultrapassa ideologias opressoras, excludentes e dominadoras do feminino no mundo.

De certo modo, Maria é como os pobres, ninguém consegue escondê-la. Pois por mais *que se obscurecesse sua pessoa, como se fez com tantas outras mulheres na Bíblia, não foi possível escondê-la. Então, foi preciso passar uma imagem da toda "santa" que ficava muito longe, longe de ser modelo para as mulheres dos novos tempos. Porém, é fato que os grupos de mulheres que descobrem a Maria de Nazaré sentem nela a companheira de caminhada, a mulher que se pôs no caminho por primeiro".*

Assim, ontem como hoje, os cristãos e as cristãs vão redescobrindo em Maria um novo elã na sua experiência de comunhão mística com a salvação da humanidade, feita presença Encarnada na pessoa de Jesus Cristo. Além disto, nela é possível afirmar que a pobreza do povo *anawin* atingiu a máxima personificação porque *"a pobreza dos pobres e a dimensão de Deus se confundem à medida que Deus se fez pobre. Jesus de Nazaré é o*

12 MESTRE Eckhart, *O livro da Divina Consolação e outros textos seletos*. Ed. Vozes, Petrópolis, 1991, 46.
13 GEBARA, Ivone e BINGEMER Maria Clara L. *Maria Mãe de Deus e Mãe dos pobres: Um ensaio a partir da mulher e da América Latina*. Ed. Vozes, Petrópolis, 1987, 29.

pobre solidário dos pobres. Toda ação humana só será eticamente verdadeira se colaborar para a eliminação das estruturas de poder que oprimem e privam as pessoas de sua dignidade".[14]

MARIA É "AQUELA QUE ABSOLVEU"

Esta experiência vem recolocar a identidade profunda e 'ministerial' das mulheres como – identidade feminina – na tarefa utópica do Projeto do Pai. Na medida que o seio de **Maria Mulher** foi tecendo o corpo do menino Deus, seu útero foi agraciado. Deus foi tomando corpo no corpo Dela. E Nele a Humanidade toda foi sendo reconciliada, isto é: '**absolvida**' sob a proteção da Mãe. Era simplesmente uma menina com a qual Deus quis a cumplicidade!. Ela, adolescente morena da terra de Nazaré, tornou-se desde então, a co-redentora na obra da Redenção! *"A cada novo momento da história dos cristãos, o mistério de Maria se desvenda numa faceta diferente, capaz de tocar em profundidade as necessidades do povo pobre e crente. O rosto de Maria, símbolo do povo, alarga a Teologia da salvação e situa a mulher numa participação ativa de igual para igual em relação ao homem, apesar de sua autonomia própria. Tal perspectiva não é, ainda, uma aquisição de nosso tempo, mas se anuncia forte, vigorosa, portadora de vida futura".*[15]

CABE À NOSSA GERAÇÃO REPENSAR MARIA

Efetivamente, *"para nós, cristãos e cristãs, Maria é o modelo ético", inspirador de uma práxis libertadora já que "os sentimentos e convicções que Maria transmite não são de resignação triste e passiva, senão de alegria empreendedora, criativa e transformadora".*[16]

Ao cantar o Magnificat, Ela nos revelou a confiança no Deus libertador porque *"a libertação de Deus implica uma profunda transformação das estruturas sociais, na qual os poderosos são derrubados de seus tronos e os ricos deixam de ser ricos e os pobres terão todas suas necessidades satisfeitas".*[17]

Ouvir o povo falar do significado de Maria nas suas vidas, pode iluminar na busca de novas significações. Assim, a pergunta **"O que Maria significa na minha vida?"** foi respondida de maneira muito iluminadora:

– "Maria lembra o meu nome. É o nome da Mãe de Jesus. Lembro, também, de tantas mulheres que sofrem nas ruas e avenidas". -"Mãe de nós todos. Se ela é Mãe de Jesus, é nossa Mãe". -"Significa Santidade". -"Deve-se ter respeito ao nome dela". -"Significa a figura materna por excelência. A maturidade do ser humano. O ser em quem foi reunida a experiência de Deus dos profetas com o aspecto feminino da existência humana. Permanece, entretanto, a figura de intercessora: Aquela a quem confiamos nossas angústias e necessidades, pois a experiência do materno nos mostra o feminino como mais sensível às necessidades humanas".

– "Consagração, confiança, simplicidade, entrega total e alegria". "Mulher, Mãe de Jesus, da Igreja; Mulher de ternura, é acolhida aos apelos de Deus. Modelo do

14 SILVA, Antônio Aparecido da. *Fundamentação teológica da ética.* In: AAVV. *Por uma ética da liberdade e da Libertação.* Ed. Paulus/CESEP, São Paulo, 1996, 147.
15 GEBARA, Ivone e BINGEMER Maria Clara L. *Maria Mãe de Deus e Mãe dos pobres: Um ensaio a partir da mulher e da América Latina.* Ed. Vozes, Petrópolis, 1987,36.
16 MIER Sebastián. *María en el Evangelio Liberador.* Ed.Centro de Reflexión Teológica, México, 1988, 23.
17 MIER Sebastián. *María en el Evangelio Liberador.* Ed.Centro de Reflexión Teológica, México, 1988, 29.

ser feminino para todas as mulheres, mães, leigas e religiosas. Geradora de vida e cheia de graça. É companheira que me ajuda na minha aceitação do meu ser feminino, que me ajuda a viver a minha fé e a integrar na vida". -"Modelo de vida bem vivida, não só para as mulheres, mas para todos os que gostam de amar e serem amados".

Maria revelou-nos, na Encarnação, **O Nome de Deus** que *"significa salvação e vida para aqueles que respondem, de maneira justa, à revelação da sua santidade e da sua graça a nós concedida tão generosamente"*.[18] Em Jesus e pela figura da Mãe Maria, a Humanidade conheceu seu Deus, revelado como Aquele que é. *"Sou Aquele que sou, Eu sou" (Ex 3, 13-15).* Deus *desvelou-Se*. Ao fazer-se Carne, visibilizou-Se. Maria lhe deu carne humana, aproximando-O da humanidade. É precisamente ali que se encontra uma nova perspectiva, no processo inculturado do *"modelo ético"*, dito anteriormente.

Pode-se dizer que Ela se tornou o "modelo" de virtude do humano, se compreendermos a virtude como força de Deus porque, *"a virtude cristã da fortaleza é aquela força paciente do amor que não se deixa vencer pelo mal, mas vence o mal com a atitude não violenta, embora extraordinariamente potenciada pelo amor"*.[19] Nela podemos repetir como Francisco: *"Salve, ó Mãe do Senhor, e salve vós todas, ó santas virtudes derramadas, pela graça e iluminação do Espírito Santo, nos corações dos fiéis, transformando-os de infiéis em (servos) fieis de Deus"*.[20]

A experiência mística é coisa antiga. Vem do passado. Parece vazia em muitos círculos letrados ou areópagos das nossas grandes cidades. Porém, a devoção a Maria continua atual. Seu testemunho permanece no coração popular. Ela é conhecida como a Mãe Dele. É testemunho de fé e da – Comunhão íntima com o Mistério -. Seu corpo fecundado e grávido permanece indicador da mística contemplativa no projeto do povo anawin, dentro dos limites e contradições de uma fé inculturada no contexto de sua própria historicidade. Na realidade, hoje é quase impossível separar Maria da experiência que o povo faz da fé em Deus ou em seu Filho Jesus. Vejamos os seguintes fatos-testemunho:

– "Para dizer a verdade, não sou muito mariana. Tem um certo modelo espiritualizado e muito angelical de Maria que não me diz nada e, às vezes, isto me preocupa. Na Bíblia fui descobrindo, no estudo em comunidade com os pobres, a Maria verdadeira. Vi que Maria não nasceu feita. Ela foi se fazendo. A virtude cresceu nela. Também pude ver nela a realidade humana. Passei a senti-la próxima aos meus limites humanos. Sempre tive confiança nela, apesar de não rezar muito. Nunca consegui rezar o terço sozinha. Gosto mesmo é de rezar: O Verbo se fez carne e habitou entre nós. Ultimamente, ao tentar realizar a missão inculturada e deixando a Bíblia na mão do povo lavrador, vi o agir de Jesus(...) com Maria e como Ela fiquei maravilhada! Senti que o Verbo se fez Carne e continua habitando entre nós. Minha espiritualidade cresceu. Há um Espírito Novo se fazendo Carne... na simplicidade do povo e no meio dos e das empobrecidas de hoje".

– *Foi no meio da luta dos "sem casa e sem terra" da zona Leste de São Paulo, que a experiência de Deus revelou-se pela

18 HÄRING Bernhard. *O que Cristo quer de nós. A moral do sermão da montanha.* Ed. Paulinas, São Paulo, 1970, 49.
19 HÄRING Bernhard. *O que Cristo quer de nós. A moral do sermão da montanha.* Ed. Paulinas, São Paulo, 1970, 102.
20 *Escritos de São Francisco de Assis.* Ed. Vozes, Petrópolis, 1970, p. 185.

povo. A vida que o povo tinha era bastante parecida com a realidade da família de Nazaré. Era tempo de advento, e como Maria, que esperava o nascimento do seu Filho sem ter onde o acolher; o povo desta região vivia na incerteza da cidade grande sem casa para abrigar sua família.

Na favela Nossa Senhora Aparecida, os grupos bíblicos, iam rezando e escrevendo a própria novena de natal de acordo com os acontecimentos desta luta popular. Chegou o dia de escolher a padroeira ou padroeiro para o grupo. Um dos grupos, depois de muitas sugestões, ficou com o de 'Nossa Senhora da Terra'. Certamente um nome que o próprio povo inculturou à sua realidade. Porém, ao saírem do encontro, começou a dúvida. Ninguém conhecia a Santa. Nossa Senhora da Terra não existe. Nunca a tinham visto. Amália, quem tinha sugerido este nome, teimava que sim, existia. Tinha que existir! Eu também nunca a vi mas tinha que existir. Foi muito grande o sofrimento dela porque sentia que diante desta luta e enormes angústias pelas quais o povo estava passando, Nossa Senhora, que é Mãe Todo-Poderosa, tinha que ver tanta dor e ser também a – **Nossa Senhora da Terra** -. A idéia de Nossa Senhora da Terra não lhe saía da cabeça. Amália confiava. A surpresa de Deus aconteceu. Nos dias seguintes, Amália teve uma "visão". Numa noite, quando ainda estava meio adormecida, ela "viu" Nossa Senhora. Durante o momento contemplativo, Amália perguntou à mulher que lhe apareceu: Quem é você? Então, "ouviu" a voz que disse: 'Eu sou Nossa Senhora da Terra'. Durante algumas semanas, Amália guardou para si esta experiência. Tinha temor em partilhar e não ser compreendida. Aos poucos foi falando na comunidade e hoje, o quadro representando esta imagem encontra-se na capela da mesma comunidade, pintado segundo a versão da própria Amália.

ce com o corpo de mulher nordestina, grávida e com o seu Filho Jesus segurando-O pela mão. Ele é um menino barrigudo e com rosto indígena. (representa a criança nordestina e desnutrida). Nossa senhora traz na outra mão um galho de mandacaru, simbolizando a resistência das mulheres. Os anjos representam as crianças que já morreram de fome. O povo com rosto mestiço está ajoelhado pedindo seu auxilio e proteção, representado pelo homem e mulher ajoelhados. Ao ser perguntada porque Nossa Senhora estava grávida Amália disse simplesmente: porque Ela não é só a Mãe de Jesus. Ela é mãe de todos nós. E, desde aquele fato, Nossa Senhora da Terra existe para Amália e para o povo desta comunidade que vivenciou toda esta luta por teto e terra. A fé deu-lhes a coragem e a firmeza para não desanimarem nesta luta. Maria, que foi Mãe de Deus, também passou pelos mesmos sofrimentos como nós. E Ela ficou firme.

– *Maria! Com esse nome, a gente toma aquele baque! Sim, é no sentido de respeito. Maria é um nome muito forte, um nome que vai fundo e a gente não pode nem falar. Ela é a mais pura tradição. Tradição de pureza e de harmonia. De tradição porque não tem erros. Nos dá visão de tranqüilidade e respeito. O nome de Maria é muita coisa. A gente o vê em profundidade; toca fundo na pessoa e é com ele que a gente vai longe. Com ele nenhuma pessoa faz "brincadeira". É um nome muito respeitado.. A fé em mim é o dom maior. Não sei porque essa fé está me atingindo. Talvez, diariamente, a gente, por ser mulher, se sente mais frágil. Então a gente fala: meu Deus! E na hora de agradecer a gente chama por Maria.

As mulheres, de fato, vão experimentando por meio da fragilidade humana, (muitas vezes marcada pela ideologia dominante) que *"não há amor sem expres-*

são amorosa concreta, não há busca do divino a não ser a partir desta história que construímos e nos constrói".[21]

De modo geral, na história do povo, as mulheres têm levado sozinhas a educação e a recriação da vida em cada geração. Muitas vezes em condições de forte escravidão, já que, *"tantas vezes escravizada a mulher índia, negra, mulata ou mestiça, estava em condições de perpetuar na América a posição dos que sempre foram humilhados pelo sistema, e estava portanto em capacidade de entender a mensagem de Vida do Evangelho que a mulher branca dominadora só podia comunicar mecanicamente no oratório doméstico".*[22]

Talvez, esta realidade vivida pelas mulheres e o empobrecimento continuo e progressivo, tanto no nível econômico, como no nível de sua identidade sociocultural, fizeram com que o povo deste continente se arraigasse fortemente na experiência religiosa. Entre os pobres escuta-se com freqüência: 'só Deus mesmo para nos dar força e livrar de tanto sofrimento'. Daqui surge a insistência em dar atenção à religiosidade popular. Neste sentido a nossa pastoral e suas lideranças, atentas à cultura popular, têm que se ocupar profundamente com a religiosidade popular como um dos elementos básicos de sua cultura.[23]

Nesta perspectiva da cultura religiosa é que se vem insistindo que, se *"na América Latina, para as comunidades cristãs, Jesus é o modelo por excelência, as mulheres insistimos em lembrar às comunidades que a atitude de Jesus, em suas relações com as mulheres, nunca foi discriminatória; sua atitude foi uma ruptura com as atitudes tradicionais da época. A imagem de Maria, uma mulher pobre e comprometida, tão central em nossa religiosidade popular, é para nós força e modelo de libertação, quando o processo de feminização da pobreza se acelera".*[24]

Recolocando Maria Mulher na simplicidade do que Ela foi realmente no meio de seu povo, anawin, é possível reconstruir sua vida numa perspectiva e experiência de Mulher do povo. Esta figura de Mulher e sua presença feminina cheia de Deus, revigora a vida nas comunidades. Seu exemplo fortifica e dá esperança na luta pela justiça e pelo direito do povo pobre. Ela torna-se, deste modo, companheira, amiga, profetisa e proclamadora do Reino.

Cada vez mais, esta nova compreensão de Maria populariza-se. Da parte das mulheres existe com freqüência uma eclosão de fé pura, simples e transparente em relação a Maria como Mãe, Santa e Co-redentora. Assim o testemunha uma mulher chamada Divina, numa conversa que começou no ônibus.

"Disse uma mulher: Queria ir dia 11 à Praça do Papa (Belo Horizonte), porque iam trazer Nossa Senhora e ela tinha um plano sobre o mundo, que ia falar para o povo. Este plano era de que as pessoas que têm fé deveriam estar em casa com velas e fósforos porque ia ter uma escuridão de

21 GEBARA, Ivone e BINGEMER Maria Clara L. *Maria Mãe de Deus e Mãe dos pobres: Um ensaio a partir da mulher e da América Latina.* Ed. Vozes, Petrópolis, 1987, 16.

22 BIDEGAIN, Ana María. *La mujer en la história de la Teología de la Liberación. In: AAVV. Teología y Liberación, religión, cultura y ética. Ensayos en torno a la obra de Gustavo Gutierrez.* Ed. CEP. Instituto Bartolomé de las Casas, Lima,1991, 46.

23 CNBB - 40. *Igreja: Comunhão e missão na evangelização dos povos, no mundo do trabalho, da política e da cultura.* Ed. Paulinas, São Paulo, 1988, N. 261.

24 BIDEGAIN, Ana María. *La mujer en la história de la Teología de la Liberación. In: AAVV. Teología y Liberación, religión, cultura y ética. Ensayos en torno a la obra de Gustavo Gutierrez.* Ed. CEP. Instituto Bartolomé de las Casas, Lima,1991, p. 63.

três dias e três noites. Divina, então, perguntou: 'como é que Nossa Senhora poderia falar com o povo se ela não tem boca para falar com o pessoal, se aquela imagem é uma semelhança com Nossa Senhora e, aquela imagem é só para olhar para ela e se lembrar de Nossa Senhora no céu? Você não se lembra do que aconteceu com a imagem de Nossa Senhora Rosa Mística, quando colocaram uma mangueirinha com água na cabeça dela e eles falavam que Nossa Senhora estava chorando? Não dá nem para acreditar no que está acontecendo de tanta coisa que o povo põe na cabeça... E a conversa continua com a moça insistindo que sua prima vira Nossa Senhora chorar, e Divina dizendo: 'lá tinha outros Padres na missa e ninguém da casa viu. Como pode ser uma coisa dessas? Tem que ter a verdade, não pode estar falando sem ter a verdade. Eu acredito em Deus, mas Deus não programou nada ruim para os filhos dele. Deus pode fazer surpresas para nós mas, surpresas agradáveis. Deus e Nossa Senhora têm a mesma força. É como nós, eu e Mário por exemplo. Nós dois somos casados, se ele está fraco eu aconselho. Tanto Deus como Nossa Senhora são uma força só. Tanto que o que eu pedir a Nossa Senhora Deus vai ouvir. Deus e Nossa Senhora são muito amigos; um não fica com raiva do outro. Jesus não é o Filho de Maria? Então? Outra coisa, a gente clama é por Ela. Nossa Senhora. Mas nós não temos licença para ver Nossa Senhora. Ela não vai ter licença para descer nesta terra cheia de pecado. Não podemos por essas coisas na cabeça. Nós não temos licença para ver Deus porque nossa carne é cheia de pecado'. Então eu perguntei: 'Quem te falou isso, Divina?' E ela: 'eu sei! Todos nós pecamos. Não tem ninguém neste mundo que viva sem pecado. Mesmo você (me disse a Divina), que é irmã de caridade; não vem dizer que você não peca, ou não é?"

Nisto a Divina parece estar certa. A Divindade é 'inatingível' plenamente à carne corruptível. Porém, há nos últimos tempos, um aspecto resgatado sobre Deus, sobre o humano e sobre Maria que permitem uma nova experiência da divindade encarnada na história do povo de Deus; principalmente por quem participa na vida das CEBs, estudos Bíblicos e movimentos populares ou de mulheres. Este Espírito Novo e renovador cresce entre o povo de hoje e, nas comunidades eclesiais de base, animadas freqüentemente pelas mulheres.

Maria destaca-se no anúncio da mensagem do seu Filho. Ela é nomeada como a primeira missionária. A que deu seu Filho para toda a Humanidade; irrompendo o ciclo desestruturante da sinagoga para o cristianismo, porque: *"a sinagoga não enfrenta a questão da abertura diante das culturas, o cristianismo sim. O cristianismo adotou uma atitude aberta diante das religiões, ou seja, diante dos problemas do povo que encontravam na religião sua expressão simbólica, como são os problemas da marginalidade, opressão, doença, morte, sobrevivência, trabalho, família, casamento. Há pois no cristianismo algo que apela para além das fronteiras das comunidades".*[25] Este é o grande momento da Nova Evangelização.

"DEUS EXALTOU A MULHER..., O RESTO É CONVERSA".[26]

É o final de nossa reflexão. Quero dizer ainda que a fé como experiência humana é dom gratuito de Deus. Este se revela indistintamente a homens e mulheres. *Pois, "cada*

25 HOORNAERT, Eduardo. *A memória do povo cristão.* Ed. Vozes, Petrópolis, 1985, p. 146.
26 Dalila Cândida Dias. (líder de comunidade no interior de Minas).

um dos filhos, de fato, é gerado de modo único e irrepetível; e isto é válido tanto para a mãe como para o filho. Cada um dos filhos é circundado, de modo único e irrepetível, daquele amor materno em que se baseia a sua formação e maturação em humanidade".[27] Por isto, continuamos a acreditar que o Espírito de Deus Salvador continua fecundando a história.

Mas, a fé como conhecimento das verdades reveladas, é tarefa do povo evangelizador o transmiti-las. A palavra que anuncia e faz conhecer a Verdade sobre Deus é apelo e tarefa, ao mesmo tempo, de quem entra em sintonia com o Mistério Divino e seu Espírito de Verdade.

No nosso contexto popular, tanto ontem quanto hoje, as mulheres se distinguiram pelo testemunho, pelo ensino e pela memória desta revelação conservada e transmitida de geração em geração. Em nosso meio, "*a mãe popular foi sempre a melhor catequista. As mães transmitiam às gerações futuras suas experiências de fortaleza e experiência na fé, suas esperanças apesar de tudo e sua caridade inteiramente gratuita. Os valores de um cristianismo cativo, vivendo no cativeiro, foram transmitidos de geração em geração pelas mulheres humilhadas de maneira não verbal, pois a palavra pertencia aos dominadores*".[28]

Resta-me agradecer aos homens e mulheres que possibilitaram a elaboração do presente artigo. Com Maria, protótipo do humano em total correspondência à Graça e à Ternura de Deus, fecundaremos nosso tempo e nossa história. Tempo este que é e quer ser, de fato, Novo. Tempo agraciado pelo Novo Espírito, onde homens e mulheres estamos sendo convocados e convocadas à experiência mística da Encarnação de Deus, a partir de nossas raízes culturais e desde estes novos paradigmas, para proclamá-la: **Salve, Maria Mulher!** Mestra no processo constante da corporeidade de Deus ao dar-lhe um corpo de homem, chamado Jesus.

E a você que acaba de ler esta partilha da fé em Maria, o povo todo repete do mais profundo do seu coração: Vai testemunhar a riqueza deste amor dizendo: "*Vai com Deus. Que Deus seja seu guia e Nossa Senhora sua companhia*".

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. O artigo narra depoimentos de várias pessoas sobre o significado de Maria na própria experiência de fé. Depois de uma leitura meditativa desses depoimentos, procure comentar em comunidade aqueles que mais chamaram sua atenção.
2. Em clima de oração, procure responder você também à pergunta central do artigo: Quem é Maria e o que ela significa na sua vida? Depois partilhe em comunidade essa vertente da sua experiência espiritual.

27 JOÃO PAULO II. *Sobre a Bem-Aventurada Virgem Maria na Vida da Igreja que está a caminho*. Ed. Vozes, Petrópolis,1987, N. 45.

28 BIDEGAIN, Ana María. *La mujer en la história de la Teología de la Liberación. In: AAVV. Teología y Liberación, religión, cultura y ética. Ensayos en torno a la obra de Gustavo Gutierrez*. Ed. CEP. Instituto Bartolomé de las Casas, Lima,1991, 46.

O SEGUIMENTO DE JESUS NA INSERÇÃO ESPIRITUALIDADE

Fr. Moacir Casagrande, OFM Cap.

Temos de nos libertar de uma carga pesada da história: estruturas e leis da vida religiosa. São cercas. Não optar pela vida das cercas mas pelas cercas da vida. Optar pelas leis e estruturas da vida e não pela vida e estruturas das leis.

Tenho encontrado, com freqüência, pessoas desanimadas, pessimistas, cansadas e exaustas em relação à vida religiosa inserida. Alguns perguntam-se: "A vida religiosa inserida ainda tem sentido?"

Para começar, não podemos confundir a vida religiosa inserida com este ou aquele modelo vivido neste ou naquele lugar, neste ou naquele tempo. Ela está inserida no mundo e deve ser um sinal forte, significativo e provocador para cada tempo, para cada lugar e circunstância. Ela precisa trabalhar mais a esperança que a saudade, olhar mais para o futuro que o passado, com os pés no chão do presente. Para mim, a vida religiosa só tem sentido e será testemunha do Evangelho de Jesus Cristo, se for inserida. Inserida como semente de vida, com e para os que dela carecem. Como expressão da graça e escola da fé, que não desiste de crer no **Senhorio do Deus da Vida,** nem mesmo com mãos acorrentadas, com a corda no pescoço ou um revólver na nuca.

A vida religiosa inserida viveu um tempo, eufórico, da **transformação**. Mas a transformação demorou. Muita violência aconteceu. A euforia passou e quem não redimensionou sua mística abandonou a inserção. Quem continuou divisou um novo caminho: a **solidariedade** e a **parceria.** Não tomar a frente, mas apoiar o que existe de bom, caminhar juntos. As iniciativas comunitárias são devagar, os frutos parecem tímidos. É que o religioso deixa de ser o agente principal. As cobranças de fora são muitas, as de dentro também. Um certo sentido de inutilidade toma conta da gente. Mas o caminho da comunhão passa por aí.

Sempre que se fala em inserção, fala-se de realidade e de encarnação. Mas a realidade é dura e a encarnação anda em baixa. Não estamos mais no tempo da carne. Este é o tempo dos espíritos, dos superhomens, semideuses, dos extraterrestres. Muita gente anda decepcionada com as experiências da carne: fraqueza, decepções, limitações, estresse, etc.. Por isso busca com avidez o sexto sentido, o sétimo céu, a quarta dimensão, uma experiência etérea. O que vale é sentir, tocar, ser tocado na pele, na carne, pelo divino, pelo maravilhoso, pelo estranho. Experienciar outras dimensões, sinais de outros mundos, mensagem do além. Isso é o que mais se res-

pira neste final de milênio. Mas, conscientes disso tudo, continuamos crendo que o caminho, radical e definitivo, passa pelo acontecimento Jesus. É no seguimento dele que propomos estas páginas, pois o seguimento de Jesus na inserção é o seguimento da inserção de Jesus. E, depois de dois mil anos, a inserção de Jesus, na prática continua escandalizando.

Jesus é o caminho. Como é que se alimenta a Vida Religiosa inserida? Do e no seguimento de Jesus. Este também é seu objetivo de vida. Fazer o que ele fez. Viver como ele viveu.

Seguir Jesus é fazer o caminho que ele fez. O caminho de Jesus é do pequeno, do simples, do normal, do natural, do ordinário. O caminho é conhecido: "Encarnação, vida na família de Nazaré, batismo, missão, paixão, morte e ressurreição". Mas Jesus não só fez caminho. Ele mesmo se fez caminho. Isso exige de nós um passo a mais. "Eu sou o **caminho** a **verdade** e a **vida**" (Jo 14,6) diz ele, quando Tomé lhe pergunta sobre o caminho. Tomé só quer saber do **caminho,** mas Jesus fala também da **verdade** e da **vida.** Porque as três coisas não podem ser separadas. Jesus é, portanto, **caminho verdadeiro** e **vivo**. Andar em Jesus é andar na **verdade** e na **vida.** Ele é o único caminho que conduz à verdade e a vida. Vejamos o que mais Jesus diz sobre isso.

A verdade. Ensinando no templo de Jerusalém, por ocasião da Páscoa em que ia ser assassinado, entre outros mestres, Jesus fala ao povo sobre sua identidade e diz aos que nele crêem: "Se permanecerdes em minha palavra, sereis na verdade, meus discípulos e conhecereis a **verdade** e a verdade vos **libertará**" (Jo 8, 31-32). A **libertação** por meio da **verdade** é um dos grandes objetivos da vida e missão de Jesus. "Eu sou rei sim. Para isso nasci e para isso vim ao mundo, para dar ***testemunho da verdade***. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz" (Jo 18,37). É o que Jesus responde, durante o julgamento, quando Pilatos lhe pergunta se é rei. Jesus é rei sim, mas seu reinado não é o da mentira, do complô e da confusão como o de Pilatos e outros mais, que sentam na cadeira de juiz, para fazer justiça, sem conhecer a **verdade verdadeira** (Jo 19,38).

A verdade é dura, difícil, exigente. A verdade queima. Consome quem a abraça. A verdade de Jesus é ele mesmo, quebra com todos os princípios sagrados, formulados por leis eternas. Jesus é livre não se conforma ao que lhe oferecem e por causa disso acaba assassinado. Assim diz ele: "Eu vim pôr fogo à terra e como gostaria que já estivesse aceso. Tenho de receber um batismo e como me angustio até que se cumpra. Pensais que vim trazer paz à Terra? Digo-vos que não, e sim a separação" (Lc 12, 49-51). Não é para assustar, pois este é o verdadeiro caminho de Jesus. É assim que ele se faz caminho. É disso que João Batista fala quando diz: "Eu vos batizo com água, mas ele vos batizará no Espírito Santo e no fogo" (Mt 3,11 e Lc 3,16). Sobre esse assunto Jesus fala quando Tiago e João querem reservar os primeiros lugares no céu. Jesus pergunta: "Podeis beber o cálice que eu vou beber ou ser batizados com o batismo que eu tenho que ser batizado"? Mesmo passando por tudo isso, os discípulos não têm direito de reservar lugar. Assim progride o **mistério da verdade.** Jesus revela a verdade da morte e da vida, da liberdade e da escravidão, presentes num mesmo povo, num mesmo lugar e numa mesma pessoa. Conhecer a verdade é conhecer o amor. No amor não há mentiras nem escravidão.

A vida. "Eu vim para que as ovelhas tenham vida e tenham em abundância" (Jo 10,10). Não é qualquer vida não. É vidão, vida e condição de viver, vida que se multiplica, vida que resgata vida. No cumprimento desse objetivo Jesus éntra na casa de Zaqueu. Ele se converte e Jesus conclui: "o

Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido (Lc 19,10). Coerente com sua missão, em casa de Mateus (Mt 9,9-13), Jesus é censurado pelos fariseus e responde: "Não são os sadios que precisam de médicos, mas os doentes... Não vim para chamar os justos mas os pecadores" (Mt 9, 12-13). O evangelista Marcos (1, 32-39) nos dá mais uma luz quando nos mostra que Jesus, depois de ter se tornado conhecido em Cafarnaum pelo seu intenso trabalho de recuperação de vida (curas), abandona o local. Procurado por seus discípulos responde: "Vamos a outros lugares, às aldeias vizinhas, para pregar também lá; pois é para isso que eu vim" (Mc 1,38). Para isso, significa, para **pregar**. É na **palavra** que está o **espírito** e a **vida**. "As palavras que vos tenho dito são **Espírito** e **Vida**" (Jo 6,63) diz Jesus, tentando explicar o mistério do **pão** da **vida**. Jesus entende que sua missão não seja atender casos de doenças, tornando o povo dependente de sua presença. Sua missão é dar um remédio permanente e definitivo para que ninguém fique doente. Esse remédio é a **palavra** de salvação apresentado pela **pregação**. Jesus não deixa de curar os que o buscam mas seu objetivo é maior. É dar **vida** em abundância. É plantar em cada pessoa o poder da **ressurreição**. Eis o objetivo último da sua missão: "Todo aquele que o Pai me der virá a mim e quem vem a mim não jogarei fora, porque desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade de quem me enviou. E esta é a vontade de quem me enviou, que eu **não perca** nenhum dos que ele me deu, mas que os **ressuscite** no último dia. A vontade do Pai é que todo aquele que vê o Filho e nele crê, tenha a vida **eterna**" (Jo 6,37-40). Jesus é o manancial da vida, que jorra aos borbotões e não escolhe a quem salvar, aliás serpenteia como os riachos entre os vales da vida, nos lugares mais vazios, para servir a todos, sem discriminação. Ele gera vida que não é barrada nem pelos poderes da morte.

A luz. Na encruzilhada da **verdade** com a **vida** encontramos a **luz**. É outra maneira de falar do **caminho**. Nessa encruzilhada, Jesus diz: "Agora a minha alma está perturbada. Mas o que direi? Pai, livra-me desta hora? Mas é exatamente para isso que eu vim para esta hora" (Jo 12,27). Por causa da **verdade** Jesus dá a própria **vida** e se faz **luz** (Jo 18,37-38). Jesus morre, mas, morre para ressuscitar. Dá a vida, mas retoma-a em plenitude e se torna luz, caminho, para todos os seus.

Diante da busca do povo e da rejeição dos chefes à sua pessoa, ele diz: "Eu sou a luz do mundo, quem me segue não anda nas trevas mas terá a luz da vida" (Jo 8,12). Depois da discussão com as autoridades que não permitiam a cura do cego feita no sábado, Jesus afirma: "Vim a este mundo para fazer um discernimento: os que não vêem vejam e os que vêem, se tornem cegos" (Jo 9,39). "Eu vim como a luz do mundo para que todo aquele que crer em mim não fique nas trevas" (Jo 12,46).

A relação. O evangelista João faz uma ligação espetacular entre palavra, vida, verdade, luz, encarnação e ressurreição em seu prólogo. Eis o que diz: "No princípio era a **palavra;** nela estava a vida e a **vida** era a **luz** dos homens... Era esta a **luz** verdadeira que ilumina todo homem que vem a este mundo... Veio para o que era seu, mas os seus não a receberam. Mas a todos que a receberam, deu-lhes o **poder** de se tornarem filhos de Deus... E a **palavra** se fez **carne** e armou sua tenda entre nós; vimos a sua **glória**, a glória de unigênito do Pai, cheio de **graça** e **verdade**" (Jo 1,1-14). A palavra se faz gente, fato, acontecimento. A palavra participa de uma nova realidade e tem força de transformação. A palavra se insere, toma corpo, se materializa. Ocupa espaço. Demanda tempo. Está grávida de sentido. A luz se insere nas trevas, as trevas não a recebem, mas não diminuem nem apagam seu brilho. É que as trevas recebendo a luz

deixam de ser trevas. Há entre elas uma incompatibilidade original. A **palavra-luz** tem poder de transformar a condição humana, em filiação divina. É fácil entender isso, quando aplicamos a nossa vida. Quantas vezes andamos à procura de uma palavra forte, poderosa, que anime nossa carne? Quantas vezes buscamos aflitos, uma luz em pleno dia?

Eis porque seguir Jesus, não é só fazer o caminho que ele fez. É caminhar por ele. É inserir-se nele. Para nós não é difícil vencer barreiras geográficas, vencer distâncias, encontrar lugares. Difícil é fazer o caminho antropológico, vencer barreiras humanas; as próprias e as dos outros, principalmente quando, por esse caminho, precisamos chegar ao divino. Seguir Jesus, portanto, não é fazer o que ele fez. É ser o que ele foi. Melhor dizendo, é ser o que ele é hoje por mim. Aí está o segredo da espiritualidade e da missão.

Seguir Jesus hoje é ser Jesus hoje, na minha carne, na minha história, para a vida e salvação do mundo. Caminhando na estrada de Jesus o caminhante se faz caminho. Só assim dá sua contribuição específica para a história e atualiza a missão de Cristo.

Para refletir: Para quem você é caminho e quem é caminho para você?

A qual Jesus seguir? A pergunta é muito pertinente. Existem hoje centenas de Igrejas cristãs no mundo, todas seguindo Jesus. Na maioria das vezes, em sérios conflitos umas contra as outras. Conflitos que impedem a fraternidade, que excluem a caridade e que envergonham a humanidade. Isso não acontece só entre diferentes Igrejas. Às vezes, dentro de uma mesma comunidade, há radicalismos. É irmão sacrificando irmão por amor e fidelidade a Jesus. Que Jesus é esse? É o de sua compreensão. É o Jesus que se afina e se adapta a seus ideais. O Jesus que as tradições moldaram, transmitiram e conservam. Não estou duvidando da sinceridade dos seguidores desses jesus, não. Creio que façam com o maior zelo e piedade, mas acontece, às vezes, como aconteceu com os escribas e fariseus do tempo de Jesus de Nazaré.

Há pessoas que mergulham de cabeça no seguimento de Jesus, dispostas a tudo, a dar a vida pela transformação do mundo. Dão tudo de si contra a injustiça, a corrupção e tudo o que caracteriza o anti-Reino. Lutam até perder as forças. Anos depois, olham para traz e vêem que pouco ou nada mudou; desanimam, ficam descrentes e duvidam do poder de Jesus ou até desacreditam da própria vocação e missão. São os Tomés, os Judas, os Pedros e os Filipes da vida. São os que seguem um Jesus idealizado na humanidade. Tão idealizado, que se torna difícil sentir e viver o milagre que ele realiza no "pão nosso de cada dia". Os discípulos de Jesus estavam ansiosos para que ele instalasse definitivamente o Reino. Ansiosos para saber tudo, para ver a glória definitiva. Mas mesmo depois de ressuscitado, Jesus não cedeu a seus desejos (At. 1,6-8). O Jesus de antes da Páscoa é cativante, apaixonante, inebriante, mas deixa os discípulos com muitas incertezas e interrogações que só a ressurreição sabe responder de maneira plena e definitiva.

Outros seguem o Jesus ressuscitado, glorioso e poderoso e esquecem o humano, sofredor, crucificado. Tem um Jesus cheio de aleluias, sem coroa de espinhos, cheio de glória, sem padecimento. Esqueceram que só ressuscita quem morre e só morre quem assume para valer a dimensão carnal e terrena.

Assim como há os que seguem Jesus sem a cruz, há os que seguem a cruz sem Jesus.

O que fazer? Seguir Jesus inteiro, encarnado, morto e ressuscitado, Deus-homem. Nessa matéria não podemos ficar escolhendo o que nos agrada. Temos que fazer o caminho completo. Para isso, seria

ótimo deter-nos um pouco com os discípulos de **Emaús** (Lc 24, 13-35). Eles voltavam para casa tristes, desanimados e decepcionados. Colocaram toda a esperança num homem que parecia resolver os problemas do povo e do país, mas as autoridades o mataram da maneira mais escandalosa possível. Agora, sem líder, sem esperanças, fracassados, só resta botar a viola no saco e voltar ao antigo trabalho. Também João 21,3-14 diz que Pedro e os companheiros, voltaram a pescar. Quem lhes prometeu pescar homens foi assassinado, o negócio é voltar a pescar peixes.

De repente, no caminho, são alcançados por um estranho. Como e porque chegou ali? Eles nem se questionam. O estranho se interessa pela conversa deles e vai esclarecendo que o caminho do Messias é aquele mesmo, que eles haviam tomado como fracasso e decepção. Até agora eles haviam seguido Jesus acreditando na sua causa. Agora, eles necessitam assumir a causa de Jesus crendo nas Escrituras. Elas estão cheias de exemplos, que a vitória de Deus, caminha pelas estradas dos fracassos humanos. O estranho é convidado a entrar para pernoitar com eles. Na hora da refeição vem a surpresa. Ele está vivo! Ele está aqui! Ele ressuscitou! Mas Jesus desaparece. Eles se enchem de alegria, uma alegria incontida, que nem temem a escuridão da noite e nem fazem caso da hora. Vão imediatamente aos irmãos de Jerusalém para anunciar a boa notícia. Jesus ressuscitou! A morte e os assassinos não têm mais poder sobre ele e conseqüentemente, o medo da morte, desaparece do meio dos discípulos de Jesus.

A palavra e o pão são as luzes que permanecem nesse caminho intrincado e cheio de surpresas, que é o seguimento de Jesus.

Após a ressurreição os discípulos não têm mais que ir atrás de Jesus. Agora chegou a vez deles. Eles vão provar que amadureceram na fé, que aprenderam a lição e podem fazer as vezes de Jesus. Antes da morte os discípulos vão atrás de Jesus. Depois da ressurreição eles têm que ir no lugar de Jesus. É preciso passar do discipulado para o apostolado, de seguidor de caminho feito a abridor de caminho, descortinador de horizontes e isso só se faz, à luz da ressurreição, no destemor da morte, numa aliança radical com a vida que teima em se fazer presente, mesmo nos desertos da humanidade.

Não por nada, a vida religiosa inserida começou com a bandeira da **transformação**, depois passou a acentuar a **solidariedade**, hoje começa a perceber o espaço da **comunhão** com os pobres de Javé.

Para refletir: Pense bem e responda; Como é o Jesus que você segue? O que você ama e o que você teme nele?

PASSOS DA E NA INSERÇÃO

1º) Assumir a própria humanidade. Sem se assumir como gente, é impossível acolher a divindade de Jesus na carne (Mt 6,1-6). Este foi o pecado do povo eleito. "Jesus veio para os seus e os seus não o acolheram" (Jo 1,11). Rejeitando a condição humana, como poderiam ver Deus num homem tão igual a eles? Jesus, o que fez? **Esvaziou-se**, assumiu a condição de **servo**. Tornando-se **solidário** com a humanidade. Apresentando-se como **simples homem**, humilhou-se feito **obediente** até a **morte**, até a morte de **cruz** (Fl 2,7-8).

O esvaziamento de Jesus capacitou-o a assumir a humanidade. Os nossos esvaziamentos nos capacitam em duas vertentes. a) A reconhecer o alcance da nossa condição humana. b) A acolher Jesus como dom gratuito e de maneira serviçal. Quem não faz a experiência da fraqueza, da miséria, da impotência e do abandono não está apto para reconhecer, menos ainda para acolher, o poder da graça transformadora de Deus.

Isso, porém, precisa ser acolhido na humildade solidária e não na revolta solitária, no abandono aberto e não no isolamento amargo do derrotismo.

A condição de servo é a de quem serve. Quem serve é útil. Tem consciência e vontade de ser útil. Sente prazer em colocar-se a serviço. Não é senhor do serviço, não trabalha para si e tem clareza disso. A experiência da limitação o faz consciente da condição humana. Mas é necessário chegar a uma condição humana fértil, isto é, favorável à divinização. Para que isso aconteça, temos que nos esvaziar de muitas coisas. **a)** Da pretensão de sermos transformadores. **b)** Da soberba de sermos os únicos conscientes do que é bom e do que é mau. **c)** Da ira contra os poderosos predadores e da indignação diante dos ingênuos. **d)** Da prostituição com os meios e artifícios que só nos dão falsas seguranças e certezas. Às vezes confiamos mais nos meios e nos métodos que na graça. **e)** Do egoísmo que nos leva a querer ter o nosso nome no pódio mais alto, a querer que o trabalho e seus frutos traga a nossa assinatura. Também não se trata de esconder-se das obras e omitir a autoria. Trata-se de ter um justo equilíbrio. Jesus trouxe a identificação de sua obra sobre sua cabeça, no alto da cruz, o seu pódio. A nós não cabe reivindicar melhor sorte.

Isso tudo, nos torna aptos para a inserção. Foi por aí que caminhou a jovem Maria, quando disse ao anjo: "Como se fará isso, pois não conheço homem?" (Lc 1,34). Aí ela revelou a consciência do alcance da condição humana. A resposta do anjo exige dela um passo a mais "o Espírito Santo virá sobre ti... para Deus nada é impossível" (Lc 1,35-37). Maria dá esse passo quando diz: "Eis aqui a **serva** do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra" (Lc 1,38). Isso revela como ela progrediu na acolhida da divindade. Assim Deus se faz carne **nela**. Tomou a carne **dela** e transformou a carne **com ela**.

Acolhida, esta foi a primeira e fundamental missão. Em seguida, grávida de Jesus, ela começa a fazer caminho entre a humanidade.

Não podemos esquecer que a primeira destinatária da encarnação de Jesus é a pessoa humana. Mas a encarnação não é seu objetivo, e sim, meio e método da missão.

Para refletir: Como você lida com a sua humanidade; virtudes e defeitos: Você aceita? Assume? Rejeita ou disfarça?

2º) Assumir o dia a dia da vida de Nazaré. Segundo o evangelista Lucas, Jesus tinha 30 anos quando começou a pregar (Lc 3,23). Onde o Filho de Deus permaneceu todo esse tempo? Existe muita especulação sobre o assunto, mas o mesmo evangelista nos dá a resposta (ver Lc 2,41-52). Segundo ele, todos os anos, como bons israelitas, os pais de Jesus faziam sua peregrinação a Jerusalém, por ocasião da páscoa. O menino os acompanhava. Mas, ao completar doze anos, resolveu não voltar. Ficou em Jerusalém, no templo, disputando com os doutores da lei. Os pais, dando falta do menino pelo caminho, voltaram a Jerusalém para buscá-lo. Só o encontraram após três dias. A mãe cobrou uma explicação: "Filho, porque agiste assim conosco? Olha que teu pai e eu te procurávamos aflitos" Jesus respondeu: Por que vocês me procuravam? Vocês não sabiam que devo ocupar-me das coisas (estar na casa) de meu Pai (Lc 2,48-49). Os pais ficaram sem entender, mas o filho desceu com eles para a casa de Nazaré e lhes era submisso (obediente).

Está aí o desafio da vida do dia-a-dia para quem tem conhecimento e consciência do alcance da sua missão. Nazaré já é pequena para Jesus. Jesus tem idade de ser independente. Mas na cabeça e no coração dos pais, ele ainda é um menino. Jesus está na missão dele, mas os pais não en-

tendem, não estão preparados. Que faz Jesus? Dá um tempo, espera. Ele tem paciência. Afinal, tudo o que se faz em vista da missão é missão. É importante destacar isso, particularmente em nossos dias por que, geralmente quando falamos de "missão", entendemos "ação missionária". A ação missionária é apenas uma parte da missão. Há a preparação, a formação, a oração, a espiritualidade, etc... em fim, a vida missionária.

Que fez Jesus durante 18 anos? Viveu a vida de todo homem, em Nazaré, numa família, crescendo em **sabedoria, estatura** e **graça**, diante de Deus e dos homens (Lc 2,52). Investiu na missão. Cresceu fisicamente, intelectualmente, espiritualmente. Não violentou a natureza humana que assumiu, nem a família humana que o acolheu. Do seio de Maria passou para o seio da família de Nazaré. Soube esperar o tempo amadurecer. Trabalhou de dentro para fora, de baixo para cima, do fundamental para o circunstancial. Assim, ao tornar-se público, não foi apenas uma onda passageira, mas uma força vigorosa, poderosa, resistente, capaz de vencer o medo e a morte.

É assim, na chatice da vida ordinária de cada dia, na persistência atenta e criativa do necessário e essencial, que se gesta o novo, o grandioso, o maravilhoso e o extraordinário. Afinal, tudo o que é grande começou pequeno. Os mais fortes e poderosos, um dia foram os mais frágeis e necessitados de proteção.

Jesus nos ensina aqui que a inserção é um caminho de duas mãos. Ambos sofrem transformação, quem se insere e quem acolhe a inserção. É como a semente na terra. O que é mais importante? Ambas, pois o sentido da terra é a semente e o sentido da semente é a terra. Só a comunhão traz a vida e a graça.

Para refletir: Que lugar ocupa o dia-a-dia nas suas reflexões, orações e decisões? Para você o que é ganhar ou perder tempo?

3º) Acolher o Espírito: Espiritualidade. Jesus acolhe a obra de João Batista indo ao rio Jordão para se batizar. Aí ele recebe o Espírito e fica por dentro da vontade do Pai. Jesus não inventa, insere-se no que já existe de bom. O Movimento Batista é bom. Jesus, como Filho de Deus, não precisaria dele. Mas, como vem salvar a pessoa humana na história, parte da realidade dela, isto é, da pessoa e da história. Vai ao encontro do Movimento Batista, acolhe-o e leva-o a plenitude. Acolhe, revela e doa o Espírito. É dentro do Movimento, nele inserido, que Jesus acolhe e se torna ninho do Espírito. O Filho se insere na humanidade e no Movimento Batista. O Espírito se insere no Filho inserido. O Filho é confirmado na missão. Assume a água. O céu se abre. O Espírito desce. O Pai se manifesta: "Tu és o meu Filho amado, de ti eu me agrado" (Mc 1,11 e Lc 3,22). A ação de Jesus tem alcance **holístico**. Quanto mais se insere, mais aproxima a terra do céu, mais revela os elos existentes entre realidades. A manifestação do Espírito e do Pai acontece na iniciativa de Jesus. Revela e confirma para ele (Mc 1,11 e Lc 3,22) e para todos (Mt 3,17), que o caminho é mesmo por aí. Somos assim, nossa humanidade exige, pelo menos, uma certeza interior para continuarmos fortalecidos no caminho.

Mas, segundo Mateus (3,13-15) e João (3, 22-30) a inserção de Jesus no Movimento Batista não foi tranqüila. Conforme Mateus, o Batista, por humildade, não queria inserir Jesus em seu movimento. Só o fez, depois de entender que a justiça passava por ali. Segundo João evangelista, os discípulos do Batista sentiram em Jesus uma concorrência desleal. Embora alguns batistas tenham aderido a Jesus (Jo 1,35-42), outros o rejeitaram, denunciando-o ao mestre. Foi difícil para Jesus entrar, agora está difícil para, ficar. Daí para frente, os evangelistas não falam mais do batismo com água mas do exercício da missão e de

um outro batismo misterioso, pelo qual Jesus deverá passar (Mc 10,38).

Acolher o Espírito não é tão simples assim. Isso acontece em meio a conflitos, duros, sacrificados e muitas vezes, prolongados. Mas o conflito é benéfico e necessário para o discernimento da vocação e da missão. Na verdade não estamos à procura de conflitos. Eles aparecem no caminho e não devemos temê-los. Conflituamos por causa de nossas convicções. Por elas lutamos, perdemos, ganhamos e perseveramos. Para isso necessitamos de uma certeza. A certeza que Deus nos ama e está conosco. Certeza esta, que não se mede pelo sucesso de nossas iniciativas, de nosso trabalho, mas pelo vigor, frescor e ardor pela causa do Reino de Deus, que cresce em nosso coração.

Deus estava com os profetas, mas nenhum deles foi compreendido e acolhido em seu tempo. A julgar pelos frutos do tempo, todos os profetas fracassaram. O vigor de suas profecias, no entanto, permanece até hoje. Onde eles encontraram forças para desenvolver a missão em ambiente hostil? Na acolhida do Espírito, na comunhão com ele. É isso que nos faz transcender o espaço e o tempo e nos introduz numa nova dimensão, sem tirar-nos da carne e da história. Sem acolhida do Espírito não se compreende a transcendência e sem transcendência ninguém agüenta, ninguém persevera na inserção.

A espiritualidade não é exercício para possuir o espírito, mas o exercício para deixar-se possuir por ele. O espírito sopra onde quer e nós nos preparamos para acolher e encher-nos desse sopro quando vier.

4º) Discernir o Essencial. Uma questão crucial. Entre a sede do imediato e o desejo do definitivo (infinito), reside a tentação das mediações. Conforme os evangelistas sinóticos, o Espírito levou Jesus ao deserto para ser tentado. O Espírito divino, acolhido por Jesus no batismo, coloca-o em situação de tentação. Isso acontece no deserto, dizem os evangelistas, e por que? Embora os monges essênios, tenham ido ao deserto para fugir da corrupção a que se submeteu o povo de Deus, a razão de Jesus não é a mesma.

O deserto é o lugar que desafia ao essencial. Não tem vida e se tem, é muito cara e sofrida. O deserto ensina a viver só com o estritamente necessário. A água é racionada, cada gota custa uma preciosidade. A comida é medida e escassa. Quem não aprende fazer o máximo com o mínimo, não subsiste. Deixar campos e cidades para ir ao deserto é caminhar para descobrir ou redescobrir, o que é mesmo essencial para viver. Aí, somos obrigados ao despojamento e ao discernimento das coisas. Aí, a pessoa experimenta o limite de suas forças e faz o teste da fé. O deserto, como a pobreza, é a escola do essencial. É revelador das intenções profundas do nosso ser. Testa o fundamento de nossos princípios e convicções. É local propício para desenvolver e aprimorar a sensibilidade vital, para desenvolver uma visão e uma percepção holística. O deserto é o lugar do confronto radical e da contradição, da revolta e da docilidade, da covardia e do heroísmo, dos demônios e dos santos.

Aí, Jesus é tentado. Em que consiste a tentação dele? No jeito de satisfazer três necessidades básicas para todo o ser humano.

a) Comer: necessidade de se alimentar. Enquanto gente necessitamos de alimentos. Quem não come não vive. Deus nos fez assim. Sentir fome e comer é ser normal. O problema é como satisfazer a fome, são as mediações. Aí é que a tentação entra. A proposta do diabo é que Jesus faça pão de pedras e coma. Afinal, ele é poderoso, Filho de Deus, pode usar e abusar do poder. Mas Jesus se nega a adulterar a função e o curso original das coisas. Jesus tem poder mas não vem brincar de

poderoso. Ele vem cumprir a vontade do Criador e, a vontade dele tem, uma pista clara: **A Palavra**. Por isso Jesus responde: "Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus" (Mt 4,4). Lucas (4,4) é mais sintético. A resposta de Jesus não é fuga, é solução definitiva ao problema.

Só existe fome sem pão onde a **Palavra** de **Deus** não é obedecida. Onde há obediência, não há necessitados. Transformar pedras em pão resolve um problema imediato, de maneira transitória. Mas Jesus não veio para isso. Ele assumiu a condição humana, inseriu-se para valer e vai conduzir a humanidade a total obediência a Deus, a partir de si mesmo. Por isso, ele deu a resposta devagarinho, durante os três anos da missão.

Veja só que interessante. Ele não fez pão para si, no deserto, mas ao encontrar-se em lugar deserto, rodeado pela multidão faminta, provocou os discípulos e não despediu o povo, sem antes dar-lhes o pão (Mc 6,30-44). O evangelista João é ainda mais claro sobre o assunto. Segundo ele, Jesus percebendo que não fora entendido pela multidão, com o gesto do pão, fugiu (Jo 6, 14-15). Ao encontrar-se com o povo novamente, explicou o que significa a palavra: "Nem só de pão vive o homem" (ver Jo 6,22-29). Mas o trabalho não termina aí. Jesus acaba fazendo-se pão, para que não haja mais fome no mundo e seja saciada, a fome de eternidade. É um processo revolucionário. A solução não está em transformar pedras, mas a própria vida em pão. A solução não está em buscar, fazer, alimento para dar, mas em dar-se como alimento. "Eu sou o pão da vida" diz Jesus. "Se alguém comer deste pão viverá para sempre. E o pão que eu vou dar é a minha carne para a vida do mundo" (Jo 6,48-51). Jesus durante a ceia, tomou o pão, abençoou, partiu e o deu a seus discípulos dizendo: "Tomai e comei, isto é o meu corpo" (Mt 26,26). Eis a legítima mediação da primeira necessidade básica. Fazer-se pão. Mas não qualquer pão. Pão do tipo Jesus. Isso é fundamental para a vida religiosa inserida.

Para refletir: Como estão o pão e a palavra na sua vida e na sua missão?

b) Ser: necessidade de ter nome, história e referência.

Na seqüência, o texto não diz o que Jesus sentiu, mas apresenta mais duas tentações bastante ligadas entre si. Uma desde o ponto mais alto do templo e outra desde o monte mais alto. Pela maneira que se descreve e pela experiência de humanidade que temos, podemos fazer um discernimento. Lançar-se do lugar mais alto do templo para ser apanhado pelos anjos, revela a necessidade de ser conhecido e aparecer. Depois de um gesto desses, bem ou mal sucedido, qualquer um receberia destaque, na imprensa e nas rodas de conversa de toda a cidade e região. Alguns admirariam sua coragem e outros o chamariam de louco. Por traz disso tudo, revela-se a necessidade de **ser** alguém, natural em todo o ser humano. Todo mundo tem direito a um lugar ao sol. Todos precisam saber que Jesus é o "xodó" do Pai. A proposta do diabo é que se faça isso imediatamente e de maneira definitiva. Que Jesus dê um salto para a fama e obrigue o Pai, seu protetor, a manifestar-se. Mas não é por aí, por isso Jesus responde: "Não tentarás o Senhor teu Deus" (Mt 4,7 e Lc 4,12). **Ser,** é um direito humano construído e alimentado ao longo da vida. **Vivendo** a gente aprende a **ser** e **sendo** a gente aprende a **viver**. Ninguém nasceu para ser parasita, nem para ser parasitado. Não nascemos para viver a vida inteira a sombra dos outros, nem para fazer sombra a eles. Não foi assim que Deus nos criou. Ele nos chamou à vida dando a cada um, um carisma único, para uma missão que coincide com a própria realização. Ninguém tem direito de virar estrela usando os outros como palco, platéia ou escada.

Jesus não encerra sua resposta ao diabo com uma frase. Ele não é um carente em busca de manifestação de carinho do Pai, mas à medida que vai assumindo a própria história, a própria missão, o Pai manifesta seu carinho. Basta ver o batismo. Jesus decide entrar no Movimento Batista, o Pai aplaude: "Tu és o meu Filho amado que faz o que me agrada" (Mc 1,11 e Lc 3,22). "Este é o meu Filho amado em quem ponho toda a minha afeição" (Mt 3,17). Não é necessário montar um palco, para que todo o mundo veja que ele é o "xodó" de Deus ou aprontar loucuras, para que Deus olhe para ele. Nas tomadas de posição que a vida e a missão vão exigindo, na história que cada um vai assumindo, Deus vai revelando seu afeto. O verdadeiro filho não é o que tem Deus à disposição dos caprichos de sua vida, mas o que põe sua vida à disposição dos caprichos de Deus.

Vejamos o caminho da resposta de Jesus. Ele assume a missão, convoca os discípulos, estabelece apóstolos, percebe já, no que tudo vai dar. Está numa encruzilhada. Ele já entendeu a vontade do Pai, assumiu a missão, a morte e a cruz, mas os discípulos ainda não chegaram lá. O desafio é mostrar e convencer os discípulos de que nessa simplicidade humana residem a graça e o poder de Deus. Quando o caminho começa a ficar estreito aí, no pináculo do Tabor, mais uma vez, o Pai demonstra seu afeto. "Este é o meu Filho amado em quem pus minha afeição, escutai-o" (Mt 17,5 e Lc 9,35). Conforme o evangelista João, também na hora da angústia, quando a morte se aproxima, Jesus dirige sua prece: "Pai glorifica o teu nome" e obtém imediatamente a resposta: "Já o glorifiquei e tornarei a glorificá-lo" (Jo 12,28). Mas a manifestação definitiva da vitória sobre essa tentação está na ressurreição. "Não tenhais medo", diz o anjo a Maria Madalena e companheiras. "Sei que procurais Jesus crucificado. Não está aqui, ressuscitou conforme tinha dito" (Mt 28,5).

Não foi a partir do pináculo do templo que Jesus marcou a história, mas a partir dos vales da vida, da injustiça, da miséria, da fome, da humanidade degradada. Assumindo tudo isso, ele encontrou o afeto do Pai, que o fez ressurgir dos mortos. "O Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, o Deus de nossos pais, glorificou seu servo Jesus, que vós entregastes e negastes na presença de Pilatos" (At. 3,13). "Este Jesus, Deus o ressuscitou e disso todos nós somos testemunhas" (At 2, 32), disse Pedro.

O ponto mais alto do templo é o que existe de mais íntimo, mais pessoal e mais sacro, dentro de cada ser humano. É deste ponto que Jesus se lança e convida a todos fazer o mesmo. Um salto capaz de ultrapassar as barreiras da história e inserir na plenitude da eternidade. É sendo para os outros e assumindo a história, que encontramos e ocupamos o nosso lugar.

Para refletir: Você busca seu espaço e sua vez ou fica esperando que os outros dêem?

c) Ter – Amar – Servir. Enquanto vivemos esta condição humana, necessitamos de um lugar e um jeito para viver. É uma necessidade normal. Nascemos com ela. A questão é como satisfazê-la. Aí reside a tentação. "O diabo levou Jesus para um alto monte, mostrou-lhe todos os reinos do mundo com sua glória e lhe disse: "Tudo isso te darei se prostrado me adorares" (Mt 4,8-9 e Lc 4,5-7). Ao que Jesus responde: "Ao Senhor teu Deus adorarás e somente a ele servirás" (Mt 4,10 e Lc 4,8). Adorar, servir e possuir, eis o problema. O diabo propõe um culto comercial. Jesus o adora e ele, em troca, dá coisas, dá bens do mundo. Mas o diabo não é criador, é criatura. É a criatura adorando a si mesma em troca de coisas. Servir a Deus por meio dos bens ou servir os bens como deus, eis a questão de fundo. Não é que os bens do mundo sejam maus ou estejam sob o domínio do diabo, mas é que nos bens do mundo, está a possibilidade de idolatria.

Deus, o Pai de Jesus os criou, mas agora, Jesus em carne e osso, precisa discernir e optar. No seu discernimento, em sua opção, está em jogo a salvação ou perdição da humanidade. **a)** Ser Senhor das criaturas, desligando a relação com as criaturas das relações com o criador, colocando todos em função de si próprio? **b)** Ser escravo das coisas que se assenhoram, vivendo unicamente em função delas? **c)** Ser um irmão cultivador e zelador da comunhão das criaturas entre si e com o criador?

Isso é fácil de entender. Por exemplo: todo o ser humano tem o sagrado direito de ter um lugar para morar, uma casa. Ao conseguir a casa pode ter para com ela muito zelo e carinho. Ele cuida da casa e casa cuida dele. Mas pode acontecer que se dedique tanto a casa, que já não terá tempo para cultivar outras relações. Não pode sair porque tem que vigiar a casa. Não pode ajudar alguém porque tem que limpar a casa, etc. O que acontece? A casa, que é um bem necessário, o escraviza. Mas o problema não é dela, é do tipo de relação que o homem estabelece com ela.

Indo mais a fundo, eu posso estar servindo a Deus com a casa, mas posso também fazer da casa o meu deus, meu ídolo. São relações completamente diferentes. A primeira libertadora. A segunda é escravizadora.

A resposta de Jesus é dada com a própria vida e está presente ao longo de sua missão. É disso que ele fala, quando apresenta o programa do Reino, no Sermão da Montanha: "Ajuntai para vós riquezas (bens) no céu onde a ferrugem não corrói, nem os ladrões roubam, pois onde estiverem as riquezas, aí estará o coração" (Mt 6,20-21). Há aqui uma estreita ligação entre a riqueza (os bens) e o coração. Os bens de cada um são aquilo que o coração elege. Não necessariamente são coisas. Mas, segundo Mateus, Jesus manda também (Mt 6, 22-23). Foi pelo olho e pelo coração que Eva caiu na tentação (Gn 3,4-7). É por isso que o diabo leva Jesus ao lugar alto para que de lá contemple todas as riquezas do mundo e possa se assanhar em possuí-las. A relação de posse, apropriação, é fechada, excludente, escravizadora. A relação de pertença, participação e partilha, é aberta, integradora e libertadora.

"Não podeis servir a dois senhores... Não podeis servir a Deus e as riquezas" (Mt 6,24), pois é impossível ser fiel a ambos (Lc 16,13).

Mas Jesus não pára por aí. Ele tem ainda muito o que ensinar a respeito do "servir" na perspectiva de Deus. Há quase três anos, os discípulos andam com Jesus. Ele resolve então, mostrar por onde passa sua missão. Começa, dizendo que vai ser rejeitado, sofrer e ser assassinado, mas vai ressuscitar. Ouvindo isto a primeira reação vem de Pedro, que rejeita terminantemente o anúncio. Jesus lhe dá o troco, da maneira mais dura já vista. "Afasta-te de mim Satanás. Tu és uma pedra no meu caminho, porque não pensas as coisas de Deus, mas as dos homens" (Mt 16,23). Pedro se escandaliza com o caminho de Jesus. Precisa mudar o olho e o coração se quiser permanecer no caminho dele.

Mais adiante, os irmãos Tiago e João criam problema. Enquanto Jesus fala de sofrimento e morte, eles querem reservar, garantir, os primeiros lugares no céu e ainda ficam discutindo quem dentre eles é o maior. Jesus os chama e dá uma lição radical: "Sabeis que entre as nações quem tem poder manda e os grandes dominam sobre elas. Entre vós, porém, não será assim: ao contrário, se algum de vós quiser ser grande seja o servo de todos, e quem dentre vós quiser ser o primeiro que seja o último. Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida pela redenção do mundo" (Mc 10, 42-

45 Mt 20, 25-28 e Lc 22, 24-30). Esse tipo de relação não despreza a criação, os bens, as riquezas, os tronos, etc. Mas estabelece o único tipo de relacionamento que impede a idolatria e garante a instalação do Reino. No caminho desta escola, estamos ainda muito na pele de Pedro, Tiago e João, infelizmente.

Segundo o evangelista João, na hora da angústia, Jesus diz aos discípulos: "Se alguém quiser me servir, siga-me. Onde eu estiver, estará também meu servo. Se alguém quiser me servir, meu Pai o honrará" (Jo 12,26). É fundamental essa relação. Seguir Jesus é servi-lo e servir Jesus é segui-lo. Como concretamente isto se verifica? Basta ler e meditar. Mt 25,31-46; a quem acolhemos e servimos ou rejeitamos, quando nos deparamos com todo o tipo de necessitados.

Jesus vai até o fim com a resposta. Ele sobe um monte sim, para tomar posse de todos os reinos do mundo, no final de sua vida terrena. O monte é o Gólgota ou Calvário. Aí, suspenso e estendido sobre uma cruz, contempla todos os reinos do mundo, entrega a própria vida ao Pai; pela redenção de todo criado e, desse jeito, torna-se o Senhor de todos os bens, vitorioso sobre toda a tentação. O monte da glória, da fama, da colheita de frutos, passa por aí. É impossível existir montanha sem vale, vida sem doação, ressurreição sem morte.

Para refletir: Você tem consciência de suas tentações? Como você distingue um desejo legítimo de uma tentação?

5º) Ser tomado de compaixão-misericórdia. Depois da morte de João Batista, Jesus retirou-se com os discípulos, para um lugar deserto, mas uma multidão o seguiu. Jesus, tomado de "compaixão", atendeu o povo e depois multiplicou os pães (Mt 14, 14-21 e 15,29-39).

Jesus percorria aldeias e cidades ensinando, pregando e curando. Uma multidão ia ao seu encontro. Vendo aquele povo Jesus ficou tomado de compaixão, pois estava cansado e prostrado como ovelhas sem pastor. Então disse a seus discípulos: "A colheita é grande mas os trabalhadores são poucos. Pedi ao Senhor da messe que mande trabalhadores para a colheita" (Mt 9, 35-38). Jesus, porém, não espera pela reza dos discípulos. Elege doze e manda trabalhar. É disso que fala o texto que segue (Mt 10, 1-16).

A verdadeira compaixão é ativa. É impossível permanecer passivo diante do sofrimento, da carência e da miséria de tanta gente. Se não resolvermos os problemas do mundo, ficamos, pelo menos, com a certeza de não termos sido omissos, mas feito tudo que estava ao nosso alcance. Se cada um fizer sua parte, os problemas do mundo irão desaparecer. Ter compaixão é participar, concretamente, da carência, do sofrimento e da necessidade do outro. É repartir o peso, é buscar soluções concretas.

Os cegos pedem a Jesus compaixão. Ele os atende e cura, mesmo contra a vontade de seus auxiliares (Mc 10,47; Mt 9,27 e Lc 18,38). A mulher estrangeira, cananéia, pede a Jesus, compaixão de sua filhinha. Os discípulos a rejeitam. Jesus responde com dureza, mas cede diante da humilde determinação dela (Mt 15, 21-28). O jovem, possesso dos mil demônios, curado por Jesus, quer segui-lo. Mas recebe outra missão. "Vai para casa, para junto dos teus e conta-lhes tudo o que o Senhor fez por ti e como teve compaixão de ti" (Mc 5,19).

Diante da dureza dos fariseus e dos escribas, guardiães da lei, que rejeitam o método da missão de Jesus, porque come com pecadores publicanos, ele responde: "Não são os sadios que precisam de médico, mas os doentes. Ide e aprendei o que significam estas palavras: quero a misericórdia não os sacrifícios. Porque não vim chamar justos, mas pecadores" (Mt 9, 12-13).

Quando os discípulos, famintos, colhem trigo em dia de sábado, para comer, e são repreendidos pelos fariseus, Jesus sai em defesa deles e diz: "Se vocês compreendessem o que significa, quero misericórdia e não sacrifícios, não condenariam inocentes" (Mt 12,7). E quando o doutor da lei quer que Jesus explique quem é o próximo que deve ser amado (Lc 10, 25-29), Jesus lhes conta a história do samaritano, que não tinha coisa mais importante a fazer que atender o caído no caminho, compadecendo-se dele (Lc 10, 30-37).

Finalmente, Jesus conclui o sermão das bem-aventuranças em Lucas dizendo: **"Sede misericordiosos como o Pai é misericordioso"** (Lc 6,36). Colocando, com isto, no seu devido lugar, a tradição sacerdotal do velho testamento que diz: "Sede santos porque eu, o Senhor vosso Deus sou santo (Lv 19,2). A misericórdia consiste em não usar a medida medíocre da retribuição. É pela misericórdia e não pelo sacrifício, que passa o caminho da santidade. É a misericórdia e não o sacrifício, que alimenta, dá sustento e perseverança no caminho da inserção. É a misericórdia e não o sacrifício, que realiza o Reino de Deus. Eis o nosso caminho: ser arautos da misericórdia. Não olhar a vida a partir das leis, mas a partir da graça e do direito de viver.

Para refletir: Você faz questão de ser retribuído(a); muita questão? Pouco? Mais ou menos? Por que?

6º) Ser itinerante. A inserção é radicalmente progressiva, dinâmica, itinerante. Jesus desenvolve sua missão caminhando. Vai ao encontro do povo, que vem ao seu encontro, no caminho. Chama os discípulos da beira do lago (Mc 1,16-20) para alargar o espaço de seu conhecimento e de seu trabalho. Não se limita às fronteiras de Nazaré, da Galiléia, nem às fronteiras de Israel. Não se limita ao povo galileu, judeu ou cananeu. Ele vem para todos. Os limites de espaço e de tempo, não são desculpas para sua missão. Atende justos e pecadores, sábios e ignorantes, grandes e pequenos, homens e mulheres, com preferência sempre, pelos últimos, pelos preteridos, marginalizados, descartados, esquecidos. Sua itinerância é uma inserção. Encurta todas as distâncias de todos os tipos. Para ele não há lugar ou tempo privilegiado. O lugar privilegiado é onde o necessitado está, e o busca. Em todos os tempos e lugares, ele está fazendo a **vontade do Pai,** e isso basta. Jesus faz o que é sua missão e se alimenta, vive, do que faz.

Para refletir: Como você acolhe o imprevisto?

7º) Priorizar a vida. É um modo de acolher o Espírito, porque o Espírito é Vida. Priorizar a vida significa renovar continuamente normas, leis, estruturas, expressões e costumes. No tempo de Jesus, o templo era o que existia de mais sagrado e ele o relativizou, mais ainda; mostrou claramente que o templo mais sagrado que existe é a pessoa humana (Jo 2,12-22). No tempo de Jesus, o sábado é intocável, mas Ele relativiza e desrespeita o sábado em vista de necessidades vitais como a alimentação; (Mc 2,23-28) e a saúde (Mc 3,1-6). A pureza ritual é fundamental para as refeições. Jesus a quebra sem medo e sem dó, para ganhar os pecadores (Mt 9,9-13). Pena que depois de Jesus, muitas barreiras por ele quebradas, voltaram com toda a força a sacrificar vidas e abafar o Espírito.

Normas, estruturas e leis são feitas para defender, fortalecer e multiplicar a vida. São feitas em momentos específicos e circunstanciais, para locais e culturas bem definidas. Mas é necessário distinguir muito bem a letra, a matéria, a estrutura e o espírito. O espírito de uma lei pode ser universal, mas a sua formulação e expressão, o seu entendimento, são sempre circunstanciais.

Dou um exemplo, para que fique bem claro o que estou dizendo. Meu pai certa vez, resolveu plantar uma árvore de sombra em frente de nossa casa. Plantou a

primeira e o gado comeu. Plantou a segunda e alguém quebrou. Meu pai reagiu e disse: "Vou plantar novamente e desta vez tem que vingar". Plantou a muda. Fez uma cerca de arame farpado ao redor da plantinha. E ela vingou. Alguns anos mais tarde, visitei meu pai e contemplei a árvore frondosa, oferecendo uma deliciosa sombra. Percebi que o tronco dela estava ferido e sufocado pela cerca que meu pai havia feito quando plantou. Aquilo ficou feio e desajeitado. O tronco cresceu, ocupou todo o espaço da cerca, arrebentou alguns fios, mas outros ficaram encravados na árvore. Daí, tirei uma lição para a vida. O objetivo de meu pai, quando cercou a árvore pequena, era proteger a vida dela. Ele alcançou o objetivo. A árvore vingou e cresceu. Agora, sete anos depois, para ser fiel ao objetivo de meu pai, eu tenho que tirar a cerca. Pois a mesma cerca que anos atrás protegeu a árvore hoje está matando. Quando meu pai pôs a cerca, priorizou a vida. Hoje, é necessário tirar aquela cerca, para priorizar a vida.

É nesse sentido que precisa trabalhar o discernimento das leis e estruturas da vida religiosa e da vida da Igreja em geral. Tomar cuidado, optar pelas cercas da vida e não pela vida das cercas, isto é, optar pelas leis e estruturas da vida e não pela vida das leis e estruturas. Temos que nos libertar de uma carga pesada da história, que só deve ser conservada no museu. É nesse sentido que vai a palavra de Jesus, dirigida aos fariseus e discípulos de João, quando reclamam do desrespeito a tradição. "Vinho novo em barris novos" (Mc 2,18-22). O tempo é novo, a vida é nova e o Espírito exige estruturas e leis novas. Há um ditado, muito usado que diz: "Seguro morre de velho". É verdade, mas morre só, não é criativo, é egoísta voltado só para si. Só quem é aberto, capaz de arriscar, de lançar-se na incerteza de tudo, tendo apenas a segurança da fé, é capaz de perceber o novo, ser obediente ao Espírito e priorizar a vida.

A vida religiosa inserida, na prática, exige mudanças substanciais, que exigem um preço muito alto de quem se propõe a fazê-la, cobrado, infelizmente, pelos próprios irmãos e irmãs. Isso é doloroso. Temos o vinho novo, mas continuamos a colocá-lo em barris velhos e o vinho continua se perdendo. Não sabemos fazer barris novos, queremos a fórmula segura antes de começar. Não confiamos naquelas que se aventuram a fazer barris novos sem certeza do que vai dar. Quando na vida religiosa, as pessoas se agarram as leis, normas, expressões e estruturas, a vida fica ameaçada e a graça de Deus não tem espaço para vingar.

Para refletir: Quais são as cercas e os barris que me apoiam e quais são os que me sufocam? Que posso fazer diante deles?

8º) Destemer a Morte. Crer na Ressurreição. Os sinais da morte são gigantescos, terríveis, medonhos, ao mesmo tempo fingidos, enfeitados, atraentes, fascinantes. Exibem mais forças, mais poder. Prometem mais e mais. Os sinais da vida são suaves, frágeis, tênues, parecem insignificantes. Não fazem barulho nem propaganda. Exigem tempo, paciência e silêncio para serem observados e acolhidos.

A morte usa o medo e a desconfiança. Procura vencer com isso. De cara, apresenta o máximo que pode. A vida exige fé. De cara, apresenta o mínimo que é, o que será, só a fé poderá discernir.

Como faz Jesus? Procura desenvolver, fazer vir a tona, os sinais e as forças da vida, que estão já presentes nas pessoas, particularmente das que estão em situações críticas.

"Completou-se o tempo. Está próximo o Reino de Deus. Convertei-vos e crede no Evangelho", diz Jesus ao povo no início de sua missão (Mc 1,15).

Vendo a fé do paralítico, Jesus diz: "Filho, os teus pecados estão perdoados" (Mc 2,5). O que significa, você está curado. Está livre. Tamanho foi o sacrifício feito para encontrar-se com Jesus.

Aos discípulos apavorados pela tempestade, no meio do mar, ele diz: "Por que vocês estão com tanto medo? Vocês não têm fé" (Mc 4,40). É isso mesmo, o medo é o contrário da fé. Quando a gente crê enfrenta o medo, enfrenta os desafios, enfrenta tudo. Mas quando se duvida, a coisa fica difícil.

À mulher com hemorragia, que arrisca a própria vida para buscar a cura, Jesus afirma: " Filha, a tua fé te salvou. Vai em paz e fica curada do teu mal" (Mc 5,34). Filha, você venceu as barreiras das leis preconceituosas. Você não aceitou os limites da vida que lhe foram impostos. Você não se acomodou, deu espaço ao que ardia em seu coração. Parabéns!

A Jairo, no momento em que recebe a notícia da morte da filha, Jesus diz: "Não tenhas medo. Basta crer"! (Mc 5,36). E lhe devolve a filha com vida.

À cananéia, mulher estrangeira, que busca com persistência a cura da filha, após ter sido duro, Jesus responde: "Por esta palavra vai, o demônio saiu de tua filha" (Mc 7,29). A palavra era da própria cananéia que disse: "os cães comem as migalhas que caem da mesa dos seus donos". A cananéia não quer o melhor, não quer privilégio, quer a misericórdia que é para todos.

Ao pai do filho epiléptico Jesus responde: "Tudo é possível aquele que crê" (Mc 9,23). O cego, filho de Timeu, que busca a cura, recebe esta palavra: "Vai, a tua fé te salvou" (Mc 10,52).

Aos discípulos, admirados porque a figueira, amaldiçoada no dia anterior havia secado, diz: "Tenham fé em Deus. Eu garanto a vocês, se alguém disser a esta montanha: levante-se e jogue-se ao mar, e não duvidar no seu coração, mas crer que isso vai acontecer, assim acontecerá (Mc 11,23). Depois de ressuscitado, diz aos discípulos de Emaús: "Ó homens sem inteligência e demorados para crer no que o profetas anunciaram" (Lc 24,25). Aos onze sentados à mesa, censurou-lhes a incredulidade e esclerose do coração e acrescentou: "Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura, quem crer e for batizado será salvo, quem não crer será condenado" (Mt 16, 14-16). A Tomé, que não acreditou no testemunho dos irmãos, Jesus diz: "Põe aqui teu dedo, olha minhas mãos e meu lado. Não sejas incrédulo, mas homem de fé. Tu creste porque me viste. Felizes os que crêem sem ter visto" (Jo 20, 27-29).

Jesus está ali, do lado de cada um, atento à mais profunda de suas aspirações, alimentando a fé e desmascarando o medo. O poder que vence a morte, o poder da ressurreição, já está plantado no mais íntimo do coração de cada ser. É necessário cultivá-lo, regá-lo cada dia, com gestos de misericórdia e de fé. A morte só tem poder em quem não crê no poder da vida. A primeira missão da vida religiosa inserida é descobrir e alimentar os sinais da vida. As denúncias de morte vêm como conseqüência desta opção. Assim fizeram os mártires da fé.

Para refletir: Que atitude você tem diante da morte?

Uma inquietação: Para concluir, quero registrar aqui uma dor que vem me afligindo a alguns anos. É a dor de ver tantos jovens bons, particularmente moças, feridas, machucadas, sofridas, desmotivadas da vida religiosa, dentro de nossas casas. Muita lágrima já vi rolar, de gente que não está brincando com esse ideal mas está sendo sufocada por costumes, estruturas, normas, expressões e leis sem espírito, que ainda persistem em ordens e congregações que se dizem renovadas. Está claro, para mim, que não faltam vocações, e vocações autênticas, para o nosso tempo. O que falta é coragem para fazer barris novos, coragem para tirar de vez os velhos barris que

teimam em descaracterizar o vinho, coragem para mudar as cabeças que teimam em manter os barris velhos. Não se trata de fazer qualquer coisa a toque de caixa. Trata-se de ser mais dócil aos sinais de Deus, sintonizar com a vida, atender os sopros do Espírito que sopra onde quer e como o quer. Não é difícil saber. Basta ouvir o clamor e deixar-se dirigir por ele.

Quando Deus nos manda um(a) jovem para a vida religiosa, nunca nos manda vazio(a). Ele(a) trás no coração um recado para a nossa congregação. Por meio deste(a) jovem Deus nos diz como quer o futuro de nossa congregação. É preciso estar atento. Em várias ocasiões, na saída de jovens da vida religiosa, tenho me perguntado seriamente: quem é que tem vocação à **vida** religiosa; os(as) que saem ou os(as) que ficam?

OBS.: ESTE ARTIGO NASCEU DE UM TRABALHO DESENVOLVIDO JUNTO ÀS IRMÃS MISSIONÁRIAS DA DOUTRINA CRISTÃ, NOS DIAS 06 A 09 DE ABRIL DE 1997, EM RIO BRANCO – ACRE.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

O autor coloca ao longo do seu texto interessantes e questionadoras perguntas para a Vida Religiosa. Depois de uma leitura atenta do artigo, procure responder em comunidade aquelas perguntas que você considerar mais desafiadoras no seu contexto.

CONFEDERAÇÃO LATINO-AMERICANA DE RELIGIOSOS – CLAR

XIII ASSEMBLÉIA GERAL

PLANO GLOBAL

OBJETIVO

1. Animar e revitalizar a Vida Consagrada Latino-americana e Caribenha com audácia evangélica para ser sinal profético de esperança diante do desafio da mudança de época a partir da experiência de Deus e uma renovada Opção Preferencial pelos Pobres.

LINHAS INSPIRADORAS

1. Renovada Opção Preferencial pelos Pobres

2. Esta linha inspiradora que nos vem já do triênio anterior, configurou toda a vida e a missão de Jesus (Cfr. Lc 4, 18) e há de configurar a vida de seus seguidores. Um exame da história desta opção se confunde com a história da experiência cristã. A predileção pelos pobres não é uma moda e nunca foi uma moda. Pertence ao núcleo do Evangelho, numa dimensão do Reino de Deus (SD 178). É um imperativo ético e evangélico válido para todos. João Paulo II disse, com razão, na recente Exortação Apostólica pós-sinodal *"Vita Consecrata"*: *"A opção pelos pobres é inerente à dinâmica mesma do amor vivido segundo Cristo. A ela estão obrigados todos os discípulos de Cristo"* (VC, 82). Se trata de uma *"Opção particularmente habitual a todos aqueles que vivem o conselho evangélico de pobreza e são chamados a amar, acolher e servir aos pobres com a índole de Jesus Cristo"* (Carta de João Paulo II aos religiosos e religiosas da América Latina, n° 19).

3. A nova situação mundial se opõe com violência à paixão pela busca de alternativas mais solidárias e humanizadoras para as grandes maiorias de nossos povos tão empobrecidas e marginalizadas. Diante deste projeto neoliberal que agrava a situação de miséria e exclusão do povo, dentre outras coisas, por uma dívida externa que oprime nossos países, a CLAR nos recorda que a Opção Preferencial pelos Pobres há de ser *"inspiração em que se apóia"* a vida dos religiosos e religiosas. O Espírito nos impele a viver esta opção em solidariedade e compromisso com os direitos humanos (Cfr. carta citada n° 14), na defesa da vida e na promoção da justiça, denunciando as injustiças cometidas contra tantos filhos e filhas de Deus (Cfr. VC, 82).

4. Nos últimos anos têm aparecido novas e dilacerantes formas de pobreza: os enfermos da AIDS, os refugiados, os migrantes, os anciãos marginalizados pela sociedade, os analfabetos, os meninos de rua.. enfim todos os tratados como os últimos na sociedade.

5. Por outro lado, nos anos noventa, a Opção pelos Pobres, assume outro estilo

diferente dos anos setenta e oitenta. Sem renunciar às linhas "fortes" do período anterior, deve agora adotar outras, como o acompanhamento, a presença, a modéstia, a paciência, a solidariedade com suas causas e a criatividade com esperança.

6. Esta Opção pelos Pobres toma várias formas; e uma delas, não a única, é a inserção. Contudo esta não é uma forma qualquer. Manifesta, certamente, um tal grau de radicalidade e transparência enquanto sinal de presença de Deus junto aos pobres que fazem esta forma particularmente significativa, e, portanto, digna de ser acolhida, apoiada e estimulada.

7. Por tudo isto a CLAR quer seguir empenhada em todos os níveis (geral, regional e nacional) em fortalecer e expressar criativamente a opção preferencial dos religiosos e religiosas pelos pobres e a inserção entre eles para serem testemunhas e profetas do Reino a partir da experiência pessoal e do seguimento a Jesus pobre.

8. Para eles, os pobres, nos comprometemos a organizar atividades de sensibilização que mantenham viva esta opção evangélica e a apoiar o caminho que está fazendo CRIMPO.

2. O mundo dos jovens

9. Os jovens são, como dizia Medellín, *"manifestação dos sinais dos tempos"*; eles *"anunciam valores que renovam as diversas épocas da história"* (Medellín, Juventude, n° 13). É a população mais sensível às mudanças. São, sem dúvida nenhuma, os protagonistas do Terceiro Milênio.

10. Uma aproximação adequada às diversas culturas juvenis nos brinda com maior realismo o que a sociedade atual é: sua grandeza e sua miséria, seus acertos e desacertos, suas esperanças e temores.

11. Junto aos valores que anunciam os jovens, nos assalta o eco de que são eles a população mais diretamente golpeada pelos diferentes dramas que atravessam nossos países: a pobreza, o desemprego, a violência, a droga, o consumismo, a migração, a desintegração familiar, etc. Valores e antivalores dos jovens e de toda sociedade que vivem em constante tensão.

12. Os jovens abaixo dos 25 anos, que são mais de 50% da população da América Latina e do Caribe, manifestam feridas muito sangrentas que nos permitem reavaliar nossos projetos sociais, políticos, culturais e religiosos. Eles nos demonstram, também, com a mesma força e com uma nova linguagem, os novos caminhos pelos quais devemos transitar para reencontrarmo-nos permanentemente com a vida.

13. Estes jovens são um desafio para a Vida Religiosa: qual é o Jesus que eles revelam? Qual é o Jesus que lhes oferecemos? Muitos jovens nutrem a Vida Religiosa com nova seiva. Eles têm uma voz nova que querem seja escutada, têm uma história que querem compartilhar, reclamam um espaço nessa tarefa permanente de renovar e refundar juntos a Vida Religiosa.

14. Para a Vida Religiosa os jovens são certamente o gozo e a esperança cara à Vida Religiosa de amanhã e constituem, também um constante desafio: como apresentá-los a Jesus Cristo de forma que os cative e os incentive ao seguimento de Cristo. Na Vida Religiosa a presença dos jovens é uma interpelação questionadora que nos exige replanejar fundamentalmente a formação inicial em suas modalidades, conteúdos e objetivos e revisar o estilo de vida comunitária de nossas comunidades. Nesta tarefa não desejam ser meros espectadores e sim fazedores co-responsáveis.

15. A reflexão sobre os jovens dentro e fora da Vida Religiosa nos parece prioritária no nosso fazer, que a mudança de época nos exige. Não se pode entender a Opção pelos Pobres na América Latina e no Caribe fora desta atenção pelos jovens.

Confiamos que eles em sua aparente fragilidade são "a força renovadora" da Igreja e da Vida Religiosa, e "esperança do mundo" (SD 293).

16. Por isto, a CLAR proporá encontros entre gerações de religiosos/as para trabalhar estes temas.

17. Assim, também, se privilegiará a reflexão para formadores e para religiosos/as educadores, a fim de abrir-se ao diálogo com o mundo dos jovens, com inteligência, com respeito e carinho, para escutá-los, compreendê-los e assumir a novidade que desponta e juntos construir a Vida Religiosa do futuro.

3. A mulher e o feminino

18. Um dos sinais de esperança nesta mudança de época que vivemos, com todas suas incertezas e questionamentos, é o fortalecimento do número de mulheres na Igreja e na sociedade. Compete à CLAR representando a Vida Religiosa predominantemente feminina, trazer sua contribuição para a superação do patriarcalismo, sexismo, machismo e práticas discriminatórias dominantes tanto na sociedade como na Igreja.

19. A consciência da necessidade de que as mulheres recuperem a posição que lhes cabe na sociedade e na Igreja, é um "sinal dos tempos". Isto nos faz ler sob nova ótica a atitude de Jesus para com as mulheres (Cfr. Lc 8, 1-3; Jo 4; Lc 10, 38, 42, etc.). Nos remete, pois, a um ponto fundamental da prática de Jesus que deveria ter sido sempre a prática de sua Igreja.

20. Esta linha não compete só às mulheres, mas à toda humanidade, homens e mulheres: *"é obrigado reconhecer igualmente que a nova consciência feminina ajuda também aos homens a revisar seus esquemas mentais, sua maneira de autocompreender-se e situar-se na história e interpretá-la e de organizar a vida social, política, econômica, religiosa e eclesial"* (VC 57).

21. Isso nos convida a ler a Palavra de Deus a partir da perspectiva feminina e a reler, sob a mesma ótica, a teologia, a pastoral, a moral e os carismas congregacionais.

22. A mulher é a portadora de vida e deve constituir-se em defensora da mesma em todas suas manifestações e a partir de todos os foros (na política nacional e mundial, na arte, na ciência...). É construtora de relações novas a partir do humilde e do pequeno, geralmente é a promotora de organizações de base, de orações e outros semelhantes. Todos eles buscam resposta diante dos atentados à vida que o sistema de morte impõe, praticando o ecumenismo no cotidiano. A mulher é manifestação do rosto materno de Deus que é ternura e misericórdia (Is 49, 15; Lc 13, 34). Numa sociedade, onde a mulher tenha lugar, surgirão, sem dúvida, relações sociais fundamentalmente diferentes das atuais.

23. A Presidência e as Conferências Nacionais se propõem a prosseguir com o Projeto que já se está implementando, sobre a recuperação da memória histórica da Vida Religiosa feminina na América Latina e no Caribe. Igualmente há que seguir aumentando a consciência crítica em face do sexismo, do patriarcado, do machismo, da discriminação. Outra tarefa de grande importância é uma formação permanente de homens e mulheres no sentido da criação de uma sociedade de iguais pela superação de preconceitos e a construção de relações mútuas, respeitando as diferenças.

4. Espiritualidade encarnada, libertadora e inculturada

24. *"Me seduziste, Senhor, e me deixa seduzir"* (Jr 20, 7). Estes dois aspectos estão presentes nesta linha inspiradora: a iniciativa de Deus (*"Me seduziste"*) que irrompe

em nossa vida, desejando experimentar por nós mesmos nossa resposta (*"me deixa seduzir"*), retirando-nos ao deserto da oração e contemplação, de onde Deus nos quer *"falar ao coração"* (Os 2, 16). Porém o Senhor não nos chama ao deserto para nos tirar do "mundo mau", e sim para enviar-nos a ele, como a partir da experiência do Horeb, enviou Elias para intervir na história de seu povo (1Rs 19, 9-19).

25. Se trata, pois, de cultivar uma espiritualidade que se alimente da leitura dos livros nos quais Deus nos fala: o livro da Bíblia e o livro da vida. E ler um à luz do outro. Vale dizer, esta linha nos convida a aprender a discernir os *"sinais dos tempos"* e deixar-nos interpelar por eles à luz da Palavra do Senhor, como a ler a Bíblia a partir da história e situação de nossos povos.

26. A leitura da Palavra de Deus é sempre eclesial, se dá numa comunidade de fé a partir de uma comunidade de fé. Na Vida Religiosa a dimensão comunitária da experiência e da busca de Deus se dá por um lado, diacronicamente, pela inserção numa tradição espiritual concreta (aprendendo em comunhão com os que em todo os tempos viveram o carisma e a espiritualidade próprios, desde as origens da Congregação). Por outro lado, sincronicamente, em comunhão com todos os que atualmente buscam a Deus pelo caminho próprio de cada Congregação e, em especial e em concreto, com a comunidade em que cada um e cada uma vive e na qual atuam. Mas também em comunhão com o povo no qual estamos inseridos.

27. A espiritualidade assim entendida nos compromete, desde a brisa suave da experiência de Deus (1Rs 19, 12), com as grandes causas da humanidade: a defesa da vida, a superação da pobreza, a justiça, a não-violência, a dignidade das pessoas, o número de mulheres na sociedade e na Igreja, o cuidado da criação, etc.. É, pois, encarnada, libertadora e inculturada.

5. Nova eclesialidade

28. A mudança de época demanda novos objetivos à Igreja e à Vida Religiosa. Concretamente estamos chamados a revisar nossas relações entre homens e mulheres, entre membros de nossas comunidades, entre comunidades eclesiais e com o mundo em sua diversidade. Esta revisão não é uma simples adaptação, e sim de alguma maneira uma nova base a partir dos critérios de solidariedade, de justiça, igualdade e respeito alegre das diferenças.

29. É a esta conversão radical de nossa fraternidade humana, eclesial e comunitária que nos referimos ao falar de nova eclesialidade.

30. Dentro desta perspectiva a CLAR propõe trabalhar três aspectos distintos e sem embargo inseparáveis: 1) A Vida Religiosa como experiência profética da fraternidade; 2) a comunhão de Carismas intereclesiais, insistindo particularmente na relação fecunda com o laicato e, finalmente, 3) o diálogo respeitoso e mutuamente questionador em nosso mundo.

A. A vida religiosa como experiência profética da fraternidade

31. A mudança de época interroga nossos modelos de Vida Consagrada de diversas maneiras:

32. Questiona nossos estilos de vida comunitária e nos impele a buscar formas de fraternidade nas quais seja mais visível a ternura de Deus e sua predileção pelos pobres, recordando que *"toda a fecundidade da Vida Religiosa depende da qualidade da vida fraterna em comunidade"* (CIVC-SVA, Vida Fraterna em Comunidade, n° 71).

33. Impele-nos a buscar novas formas de Vida Consagrada mais desvinculadas do poder e das obras de grande envergadura, e mais inspiradas pela fragilidade e gratui-

dade de uma presença amorosa de Deus no mundo.

34. Dentro da busca de uma refundação da Vida Consagrada, é prioritário reafirmar e repensar a inserção de nossas comunidades no meio dos mais pobres e das vítimas de toda violência e exclusão.

35. Finalmente, para alcançar estes objetivos, é indispensável replanejar a formação das novas gerações de religiosos e religiosas em função dos critérios proféticos aqui anunciados.

B. A Comunhão entre Diversos Carismas do Povo de Deus

36. É urgente "desclericalizar" tanto a imagem como a prática da Igreja e, particularmente, da Vida Consagrada masculina (explicitamente) e feminina (implicitamente). Com efeito, a nova eclesialidade implica numa visão plural igualitária e complementar dos Carismas no interior da Igreja. Voltemos assim a uma eclesiologia do Povo de Deus, tal como formulou o Concílio. Nesta polifonia fecunda não somente se trata de reconhecer a cada um seu lugar e seu papel específicos, mas também de enriquecer-nos mutuamente com nossas diferenças.

37. Este é o tempo dos leigos. Reconhecendo seu papel protagônico na relação social, política e profissional como mundo, a Vida Religiosa redescobre seu próprio caráter e se põe, assim, a serviço do laicato como colaboradora leal e entusiasta.

38. Assim mesmo a Vida Consagrada propõe aos leigos a riqueza de sua tradição para alimentar uma espiritualidade leiga fecunda nestes desafios do momento atual.

39. Aqui também é necessário renovar a relação entre homem e mulher, entre clero secular e Vida Religiosa, entre Igreja local e Congregações Religiosas, sentindo-nos, todos, solidários na espera ativa do mesmo Reino.

C. Diálogo Macroecumênico com o Mundo

40. A Igreja se autodefine, desde Paulo IV, como "Perita em Humanidade". A nova eclesialidade implica que parte dos cristãos e, particularmente, da Vida Consagrada, serem agentes de diálogo e reconciliação em todas as dimensões da vida do mundo.

41. A partir de um conhecimento e manejo adequado das linguagens, preocupações e valores contemporâneos (especialmente os meios de comunicação), os religiosos querem pôr-se a serviço do mundo, a partir dos diversos *"novos areópagos"* (VC 100-103; RMi 38).

42. Com esta preocupação, nos sentimos chamados a colaborar com todos os homens e mulheres de boa vontade, qualquer que seja seu credo religioso ou filosófico, para lograr um mundo mais humano e mais solidário onde pobres possam ter o indispensável para viver dignamente e onde a criação em seu conjunto, seja respeitada, protegida e amada.

CONFERÊNCIA
DOS RELIGIOSOS
DO BRASIL: CRB NACIONAL

Rua Alcindo Guanabara, 24 – 4º andar – Cinelândia – Tel.: (021) 240-7299
20038-900 Rio de Janeiro, RJ

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
1º de outubro de 1997

No mês de outubro de 1996, neste mesmo espaço, estava a informação sobre o livro Para Fazer Bem o Retiro-4: A Celebração de Abertura. E com esta notícia, ia também a promessa para outubro de 1997 – agora, portanto, – a promessa do livro **Para Fazer Bem o Retiro-5: A Experiência Cristã de Deus no Retiro**. Promessa cumprida. O livro está pronto, à sua disposição, aqui na CRB Nacional ou na sede de sua CRB Regional. Adquira seu exemplar antes que acabe. O Pe. João Roque Rohr, SJ, Presidente Nacional da **Conferência dos Religiosos do Brasil**, assim escreve na Apresentação do livro:

– São nove capítulos divididos em duas partes bem nítidas, mas inteiramente integradas num todo e com um só objetivo: solenizar, com pleno conhecimento, o dia da **Celebração Pessoal e Comunitária da Penitência**. O capítulo um traz a Oração da Manhã. O capítulo dois, a Oração do Meio-Dia com uma atenção maior ao aprofundamento do exame de consciência voltado para os votos da Vida Religiosa. O capítulo três, a Oração das Quinze Horas. Nestas três orações, ritos penitenciais litúrgico-comunitários, tomam-se de empréstimo, parcialmente, o feitio litúrgico convencional e a inspiração bíblica. Objetivamente são textos afinados com os textos oficiais e que, pela circunstância da Celebração Pessoal e Comunitária da Penitência, podem corresponder melhor, também, a uma piedade subjetiva, pessoal.

– Os demais capítulos trazem uma síntese clara sobre o **Sacramento da Reconciliação**. Texto cuidado que dá prazer na leitura, com vocabulário de acentuado teor teológico clássico. Assim, há um capítulo especial para cada um destes temas fundamentais que dizem respeito especificamente àquele que se reconcilia: conversão, arrependimento, exame de consciência, dor, propósito, confissão, reparação. Neste tema, a confissão, tanto é difícil arranjar idéias novas quanto é perigosa liberdade fugir das antigas. Há toda uma doutrina eclesial, que foi se configurando, se purificando, se testando a si mesma ao longo dos séculos da vida cristã. Mas quem manusear o livro lerá um texto apresentado de modo coerente e orgânico, períodos densos, pensamento associativo, limpo de fraseologia sentimental e retórica.

– A Conferência dos Religiosos do Brasil põe em suas mãos, Religioso e Religiosa, este novo livro segura de que se trata de uma qualitativa ajuda para uma pessoal renovação teológico-moral em vista a uma Vida Religiosa revitalizada no sentido de uma prática arejada pelo Espírito. É uma pista fecunda como nenhuma outra.

A Experiência Cristã de Deus é o conhecimento e o reconhecimento de Deus pelo itinerário subjetivo da fé e do amor. É de Deus a iniciativa de autocomunicar-se à pessoa, mulher e homem, esta dupla de irredutível e excelsa originalidade. Do Pai pelo Filho no Espírito Santo vem o dom desta revelação e desta experiência e no Espírito pelo Filho tudo volta ao Pai. **Experiência Cristã de Deus**, resposta existencial de acolhida e aceitação da realidade viva de Jesus Cristo. Nele é-nos dado acesso à própria realidade de Deus. Nele e por ele se manifesta à pessoa individual e à humanidade como um todo. Nesta dinâmica de comunicação e inter-relação dá-se a opção livre e consciente de acolhida ao Deus de Jesus Cristo. Jesus revela este Deus, seu Pai, sobretudo assim:

– Rico em misericórdia, de olhar manso e sereno.
– Inesgotável na generosidade do perdão.
– Mais solícito em perdoar do que nós o somos a nos excursar.
– Inexprimível dom gratuito do que é em si mesmo.
– Confiável, próximo, amigo, acolhedor, fiel sempre à sua palavra.
– Sem amargura, sem ressentimentos, sem rancor.
– Terno, compassivo, paterno e materno.
– Acessível, paciente. Não desanima. Não entrega os pontos.

Porque este Deus, pai, é bom, ele lhe dê a bênção da saúde do corpo e a bênção da saúde da alma: a fé, o perdão, a graça, a posse do Espírito Santo, fonte de toda energia espiritual. Todo batizado é corpo, alma e Espírito Santo. **O lema inspirador e a nossa estrela-guia seja o amor**. É o sol que faz o coração desabrochar. Com afeto e estima fraterna, subscrevo-me, ao seu inteiro dispor,

atenciosamente

Pe. MARCOS DE LIMA, SDB